

Nadia G. Gonçalves
Andrea B. Cordeiro
(orgs.)

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO

reflexões e memórias sobre
um projeto de extensão



HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO

reflexões e memórias sobre
um projeto de extensão

Nadia G. Gonçalves
Andrea B. Cordeiro
(orgs.)

Setor de Educação - Universidade Federal do Paraná

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

H673 Histórias e memórias sobre educação : reflexões e memórias sobre um projeto de extensão. Nadia G. Gonçalves ; Andrea B. Cordeiro (orgs.) – Curitiba : UFPR, 2023.
1 recurso on-line.

ISBN: 978-65-5458-197-4

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação - História. I. Gonçalves, Nadia G. II. Cordeiro, Andrea B. III. Universidade Federal do Paraná. IV. Título.

CDD 370.9

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584

APRESENTAÇÃO

Neste livro, tivemos como objetivo registrar a trajetória, bem como, memórias e reflexões de participantes do Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação, sobre diferentes perspectivas, mas principalmente, refletindo sobre as contribuições que o Projeto trouxe.

Avaliamos como importante esse registro, a fim de melhor dimensionarmos as contribuições qualitativas que o Projeto promoveu, em especial, na vida e na formação das pessoas que dele fizeram e fazem parte.

Fizemos uma chamada aberta, para quem quisesse nos enviar seu registro, e agradecemos a resposta, materializada neste livro. Quando fomos organizá-lo, além do capítulo inicial, utilizamos o critério alfabético, uma vez que alguns relatos envolviam várias atividades.

Esperamos que, ao conhecerem este material, as pessoas que o lerem possam tanto se motivar a olhar para seus acervos pessoais e institucionais com mais carinho, como também, se houver possibilidade, contribuam com nosso Projeto. Ou mesmo, que possam também em seus locais de trabalho, em ambientes escolares, pensar na preservação e até divulgação e uso de seus acervos, documentais ou materiais.

Também incorporamos a este livro, textos publicados em outros materiais do Projeto, de participantes que registraram seu depoimento.

E, aproveitamos para agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, colaboraram com nosso projeto, em sua trajetória!

Nadia e Andrea

SUMÁRIO

PARTE I - BREVE TRAJETÓRIA DO PROJETO

**TRAJETÓRIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO:
DESAFIOS, CONQUISTAS, APRENDIZADOS...**

Nadia G. Gonçalves e Andrea B. Cordeiro, 13

PARTE II - DEPOIMENTOS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA

**A ABERTURA DE UM CAMINHO PARA A PESQUISA: ACERVO
ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ (2006-2008)**

Alícia Mariani Lucio Landes da Silva, 57

MAIS UMA TRAÇA

Bruno Augusto Pedroso de Souza, 59

ENTRE O ARQUIVO E A ESCOLA: MEMÓRIAS DE UM PROJETO

Bruno Ercole, 61

**ENTRE O ISOLAMENTO E O PERTENCIMENTO: A
PARTICIPAÇÃO EM UM PROJETO DE EXTENSÃO
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Carlos Wilson de Lima, 63

**EXPERIÊNCIAS E APRENDIZADOS NO ARQUIVO HISTÓRICO
E ADMINISTRATIVO DO SETOR DE EDUCAÇÃO**

Caroline Picano Prockmann, 67

EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA E FORMAÇÃO

Emanuel Diogo Lima dos Santos, 69

**LEVANTAMENTO E CATALOGAÇÃO DE FONTES DO ARQUIVO
ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ**

Emanuelle Giamberardino Rochavetz Cordeiro, 71

TESTEMUNHO DE ERNANI COSTA STRAUBE

Ernani Costa Straube, 75

**RELATOS DE UMA PESQUISADORA EMERGENTE:
A UNIVERSIDADE PÚBLICA E SUAS
OPORTUNIDADES DE FORMAÇÃO**

Gecia Aline Garcia, 79

UM COLÉGIO, QUASE DOIS SÉCULOS DE HISTÓRIA

Liane Maria Bertucci, 83

EXTENSÃO, PEDAGOGIA E PANDEMIA

Moara Milléo, 85

**TECITURAS, APRECIÇÕES E MEMÓRIAS
NO ACERVO DO SETOR DE EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Monalisa Mota, 87

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Petra Laus Henning, 89

**IMPACTOS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA TRAJETÓRIA
E NA APRENDIZAGEM DE UMA EDUCANDA UNIVERSITÁRIA**

Rayza A. Ferreira, 91

PARTE III - ESCRITOS REVISITADOS

**NO MUSEU DA ESCOLA PARANAENSE: ALGUMAS
REFLEXÕES SOBRE LUGARES DE MEMÓRIA, HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO, MUSEUS E DESCONTINUIDADES**

Andrea B. Cordeiro, 95

**MEMÓRIAS DO ARQUIVO: A HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO EM SUAS FONTES MATERIAIS**

Bruno Ercole, 107

**EXPOSIÇÃO MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ**

Cynthia Paula Pereira e Rayza Adriely Ferreira, 119

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO:
UM PROJETO DE EXTENSÃO E MUITAS POSSIBILIDADES**

Nadia G. Gonçalves, 133

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, EDUCAÇÃO E
HISTORIOGRAFIA: A TEORIA NA PRÁTICA**

Bruno Ercole, 157

**A ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO:
O ACERVO DO SETOR DE EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Samanta Gomes de Souza e Rayza Adriely Ferreira, 169

**HORIZONTES E EXPERIÊNCIAS PROVENIENTES DA AÇÃO
NO PROJETO DE EXTENSÃO "HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
SOBRE EDUCAÇÃO" NO ARQUIVO PERMANENTE DO SETOR
DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Monalisa Mota, 181

**O PROJETO DE PESQUISA DO NÚCLEO DE ESTUDOS E
PESQUISAS EM HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E PRÁTICAS
EDUCATIVAS (NUHFOPE) E A PARCERIA COM O PROJETO
DE EXTENSÃO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO**

Liane Maria Bertucci e Leziany Silveira Daniel, 189

PARTE I

BREVE TRAJETÓRIA DO PROJETO

TRAJETÓRIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO: DESAFIOS, CONQUISTAS, APRENDIZADOS...

Nadia G. Gonçalves (DTPEN)

Andrea B. Cordeiro (DTFE)

Docentes do Setor de Educação - UFPR

Coordenadoras do Projeto de Extensão

Histórias e Memórias sobre Educação

historiadaeducacao@ufpr.br

Neste capítulo, trazemos um pouco da história do Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação.

Aproveitamos para agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, colaboraram com e para as ações do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação - CDPHE e do Projeto de Extensão, ao longo desses anos!

O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - CDPHE

O debate acerca da importância das fontes, na área da História da Educação, e os esforços para o desenvolvimento de projetos para levantamento e catalogação das mesmas, seja como acervos documentais, arquivos escolares, fotografias, bibliografias, entre outros, têm sido um movimento importante, em especial a partir dos anos de 1990, no Brasil.

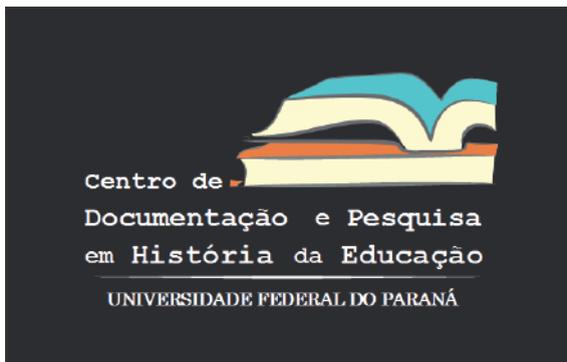
Esta discussão foi ganhando força e espaço na área, juntamente com os novos objetos, fontes, problemas e desafios que a História apresenta, e com sua influência na produção de dissertações e teses nos programas de Pós-Graduação que contemplam Linhas ou Áreas de Pesquisa voltadas para a História e Historiografia da Educação, o que também pode ser observado por meio dos trabalhos apresentados nas Reuniões Anuais da Anped e da Anpuh, além da Sociedade Brasileira de História da Educação.

Devido a razões administrativas, limitações quanto a infraestrutura física e de recursos humanos, entre outros, diversos tipos de documentos cuja guarda não tem amparo legal nas escolas, têm sido sistematicamente destruídos. E outros, que deveriam ser guardados, por serem considerados “arquivo morto”, são maltratados e relegados a condições insalubres de conservação, quando não estão dispersos, perdidos, ou não foram também descartados. Essa situação é a regra nas escolas públicas do país, com raras exceções de iniciativas de organização e conservação dos arquivos.

Na área da História da Educação, em julho de 2005 foi realizado o *I Encontro de Arquivos Escolares e Museus Escolares*, promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. O evento reuniu pesquisadores de vários Estados, interessados em debater e trocar informações e experiências a respeito de atividades desenvolvidas com Centros de Documentação e Memória, levantamento, preservação, catalogação de arquivos escolares, Museus voltados para a temática educacional, Centros de Memória entre outros, permitindo observar-se muitas iniciativas e a preocupação que têm envolvido a discussão sobre as fontes para a área.

Com inspiração em muitas iniciativas que conhecemos nesse evento, e compartilhando desse debate e das inquietações que ele envolve, propusemos a criação do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação – CDPHE. A Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação (LHHE), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná, em reunião de 18 de maio de 2005, aprovou sua criação, que foi posteriormente, aprovada pelo Setor de Educação em 30/06/2005 e pelo PPGE em 01/07/2005.

Imagem 1 – Logotipo do CDPHE



Considerando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, inerente à ideia de Universidade, o CDPHE visa contribuir para que o tema geral História da Educação possa ser desenvolvido por meio de outras atividades, além da pesquisa, vinculadas à graduação, à extensão, ao envolvimento com a comunidade e ao estabelecimento de parcerias diversas, acadêmicas ou financeiras, para sua promoção.

O CDPHE, originalmente sediado na sala 501 do Edifício Dom Pedro II, no campus Reitoria da UFPR, hoje está na sala 33 do Campus Rebouças, sendo a sede física do Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação. Ele também conta com uma página na qual reunimos as informações dele e do Projeto, sediada dentro da página do Setor de Educação - <https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/>.

PARCERIA COM O COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

Como uma iniciativa derivada do CDPHE, sem registro formal ainda como extensão, mas apenas como pesquisa, uma importante ação foi iniciada em 2006, quando, junto com a professora Serlei m. F. Ranzi, houve uma conversa com a equipe do Colégio Estadual do Paraná (CEP), propondo uma parceria para organização do arquivo documental do CEP.

Este acervo estava guardado lá, mas não organizado. Muitas pesquisas da LHHE do PPGE já o utilizavam, e havia potencial para muitas outras investigações, portanto, a sua organização auxiliaria em pesquisas futuras.

Um outro motivo para a escolha dessa instituição para a parceria, deveu-se ao fato da própria história do CEP, desde o Liceu de Curitiba no século XIX, do qual o acervo ainda tinha documentos. Além de ser uma instituição historicamente considerada como modelar e referência no Estado, o acervo documental abarcava mais de um século de história.

Além disso, pensando na possibilidade de fomentar, por meio desse projeto, alguma política pública e atenção da Secretaria de Estado da Educação (SEED), em relação ao arquivo histórico das escolas, o CEP parecia ser estratégico.

Imagem 2 – Exemplos de parte do acervo higienizado e organizado (2010)



Na dimensão mais administrativa, foi formada uma comissão, composta por representantes da UFPR, do CEP, da comunidade externa ao CEP, e da SEED. Esta comissão foi responsável por elaborar uma

proposta para a instituição, que da ideia de organização do acervo, foi expandida para a constituição de um Centro de Memória (CMCEP). O regulamento para o Centro de Memória foi aprovado em 2010, compondo o organograma do CEP. Parte deste trabalho e as pessoas que dele participaram, estão registrados em Gonçalves (2016).

Ainda em 2010, vale ressaltar a conquista de um espaço importante dentro do CEP. A casa do zelador (em tempos idos), que estava emprestada ao Museu Guido Viaro, estava sendo desocupada neste ano, e havia três projetos disputando-a: o do CMCEP, o da área de Educação Física (para troféus), e um da SEED, voltado para a educação especial. Felizmente, o CMCEP foi o escolhido, pensando o espaço para a organização do Museu Guido Straube (já existente no CEP desde 1986), e para o Arquivo Histórico, com sua reserva técnica e o atendimento a pesquisadores. Apesar dessa conquista e da sua ocupação provisória, uma reforma e restauro eram necessários, o que envolveu vários projetos, sendo somente contemplado efetivamente, no CEP como um todo, entre os anos de 2019 e 2022 (ainda em andamento).

Simultaneamente ao trabalho da Comissão, já foi iniciado o trabalho com o acervo, por meio do Projeto de Pesquisa *Arquivo Escolar do Colégio Estadual do Paraná: investigação sobre seu tratamento, ao longo da história da instituição, com base no levantamento, organização e catalogação do acervo documental*¹, vigente de 2006 a 2010, que contou com um financiamento da Fundação Araucária, que permitiu a aquisição de alguns materiais necessários, além de parte do material ser também providenciado pelo próprio CEP; e com bolsistas e voluntários de Iniciação Científica.

Desde as ações de 2006, até 2019, a parceria com o CEP foi mantida, havendo colaboração de diferentes formas, desde na organização, higienização e catalogação do acervo, até ações educativas. Muitas delas, estão presentes em alguns dos depoimentos que seguem, no livro. O acervo do CEP, documental, de objetos, e o próprio espaço, são riquíssimos, tanto para pesquisa, quanto para ensino, relacionados à História da Educação.

1 O resumo do projeto, e a lista de participantes, podem ser acessados em <https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/>.

A parceria com o CEP permaneceu até o início da reforma/restauro, que coincidiu em parte com o período da pandemia (abril de 2019), e em julho de 2022, foi retomada.

Imagem 3 – Estudantes participantes do Projeto, no CEP (julho/2022)



Como o acervo do CMCEP foi retirado de lá, durante a reforma/restauro, esta retomada em 2022 está sendo iniciada com o recebimento e reorganização inicial desse material, para depois serem desenvolvidas outras ações em relação a ele.

II ENCONTRO DE ARQUIVOS ESCOLARES E MUSEUS ESCOLARES

Este evento, continuidade daquele realizado na FEUSP em 2005, foi realizado na UFPR, em 2008, reunindo pesquisadores de várias partes do Brasil². Contou com três mesas-redondas e dezesseis sessões de comunicação, com cinquenta e seis trabalhos distribuídos nos seguintes eixos temáticos:

1. Arquivos escolares
2. Arquivos pessoais
3. Bibliotecas e Educação
4. Catalogação e fontes
5. Centros de Documentação e Centros de Memória
6. Fontes: fotografias
7. Fontes: livros e livros didáticos
8. Fontes orais
9. Fontes educacionais e ensino de História
10. Informação e documentos
11. Museus educacionais e escolares

Este evento foi realizado no Edifício Dom Pedro I, na Reitoria, no Setor de Educação, de 02 a 04 de abril de 2008. Contou com a participação de membros da Linha de História e Historiografia da Educação, além de nomes importantes no campo de História da Educação no Brasil, como Diana Vidal (USP), Maria do Carmo Martins (Unicamp), Maria Tereza Santos Cunha (UDESC), Carmem Sylvia Vidigal Moraes (USP), Maria A. Ciavatta P.Franco (UFF), entre outros.

2 O caderno de resumos do evento pode ser acessado em <https://educacao.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/07/T10-Caderno-de-Resumos-encontro-arqs-escolares-2008.pdf>.

O ARQUIVO HISTÓRICO DO SETOR DE EDUCAÇÃO

Em 2010, como preparação da comemoração do aniversário da UFPR em 2012, a Reitoria, via Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), lançou um edital de apoio a projetos que tivessem como objeto, em alguma medida, o registro da história ou a preservação documental, no âmbito da Universidade. O apoio a este projeto se dava por meio de bolsistas.

Neste sentido, foi proposto e desenvolvido um projeto inicial de higienização dos documentos do Arquivo do Setor de Educação, que era guardado numa salinha (101) ao lado do Anfiteatro 100, no Edifício Dom Pedro I. Neste primeiro momento, a coordenação deste projeto ficou com as professoras Éttiene Guérios e Cleusa V. Gabardo, em parceria com o CDPHE.

**Imagem 4 - Arquivo na sala 101, ao lado do Anfi
100 – Edifício Dom Pedro I, UFPR (2014)**



Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

**Imagem 5 - Arquivo na sala 101, ao lado do Anfi
100 – Edifício Dom Pedro I, UFPR (2016)**



O trabalho iniciado ali, com este projeto, posteriormente foi assumido pelo Projeto de Extensão, e realizado pelos seus bolsistas e voluntários, resultou na higienização e inventário inicial do acervo documental do Arquivo.

**Imagem 6 - Equipe do projeto higienizando materiais – corredor
do 1º andar – Edifício Dom Pedro I, UFPR (2016)**



Imagem 7 - Cantinho do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação, onde parte do material higienizado foi sendo guardado - CDPHE – Sala 501 – Edifício Dom Pedro II – UFPR – (2016)



Isso permitiu que, quando o Setor foi parcialmente para o Campus Rebouças (sala 34, no bloco da Biblioteca), este material já estivesse previamente higienizado.

Imagem 8 – Novo espaço do Arquivo Histórico do Setor de Educação, no campus Rebouças (2018)



No novo espaço, o Arquivo contou com a preciosa colaboração de Petra Henning, servidora técnica do Instituto Federal do Paraná (IFPR), que foi cedida para contribuir com a organização do nosso Arquivo por dois anos, de 2019 a 2020, e que registrou um depoimento em nosso livro.

Também neste contexto foi criada a Comissão de Avaliação Documental do Setor de Educação, que analisa os documentos quanto a dúvidas na classificação ou destinação, e propõe ações relacionadas ao Arquivo, como as diretrizes para pesquisa e para envio de documentos, pelas Secretarias das Unidades, a este acervo³.

A ação de organização mais definitiva do arquivo, utilizando as tabelas de temporalidade para atividades-fim e atividades-meio dos documentos, iniciada em 2019, continua a ser realizada.

É importante destacar que, desde as primeiras ações realizadas junto ao Arquivo do Setor, sempre houve muito apoio das gestões da Direção do Setor, em especial com os materiais necessários para tais atividades, e, no novo Campus, com um espaço que permite a realização de atividades de preservação e organização desse acervo documental, de forma muito mais adequada do que havia no Edifício Dom Pedro I.

Interessados em realizar pesquisa no acervo deste Arquivo, podem entrar em contato pelo email historiadaeducacao@ufpr.br

PROJETO DE EXTENSÃO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO

Em 2014 foi realizado o primeiro registro, na PROEC, do projeto de extensão (2014-2018), que neste momento encontra-se em sua 2ª edição (2018-2023). Na primeira edição contou com a professora Cleusa V. Gabardo como vice-coordenadora, função assumida em 2016 pela professora Andrea B. Cordeiro. Importante destacar que no projeto, a divisão entre Coordenação e Vice-coordenação é apenas formal, uma vez que a responsabilidade e as atividades são compartilhadas.

3 Orientações e documentos disponíveis em <https://educacao.ufpr.br/servicos/>.

O Projeto e sua equipe (voluntários e bolsistas Extensão e Fundação Araucária) têm sido então os responsáveis pelas atividades relacionadas ao CDPHE, e ao Arquivo do Setor de Educação.

Imagem 9 – Logotipo do Projeto de Extensão



Podemos destacar três referenciais importantes para o projeto, em especial na dimensão metodológica sobre extensão.

O primeiro é Paulo Freire, por meio da obra *Pedagogia da Autonomia* (1996). Dele, tiramos diretrizes metodológicas para o Projeto, uma vez que estabelece princípios para a docência e a relação entre ensino e aprendizagem, que devem ocorrer de forma rigorosa, crítica, respeitosa, dialógica, entre outros.

Outro elemento importante desse livro, para nosso Projeto, é que reitera a existência de distintos saberes, que podem e devem ser reconhecidos e compartilhados, além de defender que a autonomia deve ser estimulada e construída no processo de aprendizagem e de produção do conhecimento, o que buscamos desenvolver junto com nossas equipes, ao longo do tempo, na perspectiva de que o propósito não é “transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção” (FREIRE, 2007, p. 22).

O segundo referencial, é Pierre Bourdieu. Principalmente, seu conceito de *habitus*, mobilizado no processo de ensino-aprendizagem e na

formação da consciência histórica: “trata-se de disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento” (2004, p. 21).

Para o autor, os espaços sociais em que o agente viveu ou pelos quais passou, os valores e saberes que permearam estes espaços, foram e são por ele reconhecidos, selecionados, articulados, consciente ou inconscientemente, configurando quem ele é, de acordo com sua própria percepção.

Desta forma, entendemos que o espaço e as experiências que o Projeto de Extensão propicia a seus participantes, de certa forma é diferenciado e os marca positivamente, contribuindo positivamente para a formação em diferentes âmbitos, de todos os envolvidos.

Na dimensão de documentos históricos, arquivos, temos vários referenciais da historiografia, como Marc Bloch e Michel de Certeau, mas destacamos aqui uma pesquisadora, em relação aos arquivos, Arlette Farge.

O arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele, tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história, a não ser que um dia decidam se unir em massa e construir aquilo que mais tarde se chamará de história. (FARGE, 2009, p. 14).

O despertar para a dimensão mais sensível do trabalho do historiador, e das instituições e projetos de organização e guarda de fontes para a pesquisa é, no entendimento de nosso projeto, tão importante quanto o conhecimento técnico sobre os procedimentos de higienização, catalogação e recuperação de fontes e documentos. É inclusive esta sensibilidade em relação aos arquivos e fontes que fortalece o desejo de aprofundamento teórico e capacitação técnica, pois possibilita que os e as extensionistas do projeto consigam enxergar nas fontes, sejam elas documentais ou materiais, mais do que sua concretude como objetos ou documentos, mas a sua dimensão de “produtos e vetores de relações sociais” (MENESES, 2005) intimamente ligados aos contextos de sua produção. As coisas da escola nos falam mais do que da escola, nos falam de um projeto de sociedade, bem como das resistências, contingências e embates cotidianos diante dele.

CURSOS DE EXTENSÃO

Uma das ações que já havia sido realizada em 2006, de Cursos de Extensão, de forma esporádica, passou a ser efetuada de forma mais sistemática, a partir de 2016, sempre no anfiteatro 500 do Edifício D. Pedro I – Campus Reitoria:

Pesquisa em História da Educação e Ensino de História (2006)

Temas, objetos e fontes em História da Educação (2016)

Imagem 10 – Encontro do Curso de Extensão – anfiteatro 500, Ed.D.Pedro I (2016)



História da Educação: possibilidades de pesquisa (2017)

História da Educação: temas e objetos de pesquisa (2018)

Oficina: Preservação e recuperação de livros (2019)

História da Educação: fontes, temas e objetos (2019)

Oficina SIEPE: preservação de documentos (2019)

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

Imagem 11 – Miriam Asanome, ministrante da Oficina Preservação e recuperação de livros, com os participantes (2019)



Imagem 12 – Cartaz do curso de extensão (2019)

CURSO DE EXTENSÃO

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: FONTES, TEMAS E OBJETOS

Aulas aos sábados, das 9h00 às 12h00

UFPR - Setor de Educação

Local: Anfiteatro 500 - 5o andar - Edifício D. Pedro I - Campus Reitoria



DATAS DAS AULAS

23/03
30/03
04/04
13/04
27/04
04/05
11/05
25/05
08/06
15/06

30 h total

Frequência mínima
para certificação:
80%.

Curso gratuito -
100 vagas

INSCRIÇÕES: DE 08 A 17 DE MARÇO

Inscrições: devem ser efetuadas por meio do formulário disponível em <https://goo.gl/forms/GMrTD0Q4gWHW5dD2> e serão aceitas por ordem de chegada, somente no período indicado e enquanto houver vaga disponível. Quando ocorrer o preenchimento das 100 vagas, o formulário será bloqueado, e as inscrições, encerradas.

Objetivo do curso: Apresentar e discutir possibilidades de pesquisas em História da Educação, a partir da abordagem de temas, objetos, referências e fontes.

Público-alvo: Graduandos; graduados; pós-graduandos; docentes e servidores técnicos da educação básica; servidores da UFPR; demais interessados no tema, com graduação.

Promoção



Apoio

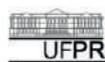


Imagem 13 – Oficina realizada na SIEPE (2019)



Imagem 14 – Participantes da Oficina realizada na SIEPE (2019)



Em 2020, embora tivesse sido registrado, o Curso não foi realizado, devido ao contexto da pandemia.

Em 2021, já mais adaptado, o projeto promoveu dois Cursos de Extensão, realizados de forma remota, modalidade que continuou em 2022, pela comodidade aos participantes, e por permitir que pessoas interessadas, de outras cidades e Estados, também participem:

História da Educação: temas, acervos e fontes de pesquisa (1º semestre/2021).

História da Educação: temas, acervos e fontes de pesquisa 2ª ed. (2º semestre/2021).

História da Educação: temas, acervos e fontes de pesquisa 3ª ed. (1º semestre/2022)⁴.

Imagem 15 – Cartaz do curso de extensão (2022)

**Curso de Extensão - História da Educação:
temas, acervos e fontes de pesquisa (3ª edição)**

03 de março a 28 de abril de 2022
Encontros às quintas-feiras,
das 19h30 às 21h00, online.
Curso gratuito - 90 vagas

Público-alvo: a) estudantes de graduação e pós-graduação da UFPR, servidores/as da UFPR (45 vagas);
e b) estudantes e licenciados/as de outras IES, docentes e pedagogos/as da educação básica e superior (45 vagas).

Inscrições abertas de 15 a 22 de fevereiro,
ou até que as 90 vagas sejam preenchidas.

Histórias e Memórias da Educação
Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Educação
UFPR

4 Os cartazes de todos nossos cursos estão disponíveis em <https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/cursos-e-eventos-cdphe/>.

Como ministrantes destes cursos, são convidados docentes da Linha de Pesquisa; docentes do Setor de Educação que tiveram sua formação na Linha; mestres, doutorandos e doutores formados ou em formação pela Linha; e a equipe do projeto de extensão, incluindo participação, em alguns deles, da equipe do CMCEP.

Por meio desses cursos, tanto oportunizamos a divulgação da temática do projeto e da Linha, e de pesquisas realizadas no âmbito da Linha, ao mesmo tempo, em que o curso tem sido interessante também para pessoas interessadas em ingressar no Mestrado ou Doutorado e que querem conhecer um pouco mais das possibilidades de pesquisa.

PARCERIAS

Desde 2014, além da parceria com o CEP, anteriormente mencionada, foram realizadas duas parcerias, uma interna, e uma externa.

A interna, envolve o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e das Práticas Educativas (NUHFOPE), por meio da pesquisa intitulada *Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: levantamento em bibliotecas da UFPR*, iniciada em 2015 e que encontra-se em desenvolvimento⁵.

Neste momento, o levantamento do acervo já foi realizado, e a equipe envolvida no projeto, está organizando um livro a respeito, possivelmente para lançamento em 2023.

A externa, envolveu o Museu da Escola Paranaense. Este Museu foi, em certa medida, decorrente dos esforços iniciados lá em 2006, com o CEP, quando foi solicitado à SEED que indicasse duas pessoas para participar da comissão que gerou o CMCEP. Estas pessoas, de certa forma, já tinham algum vínculo ou preocupação com a temática, seja por sensibilidade ou formação, e levaram a discussão sobre arquivos e patrimônio histórico para a SEED, que chegou a constituir um Núcleo de Patrimônio

5 O resumo do projeto pode ser acessado em <https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/projetos-de-pesquisa-vinculados-ao-cdphe/>.

Histórico (já extinto), e também, como decorrência dos esforços da equipe deste Núcleo, o Museu da Escola Paranaense.

Ele foi criado pelo Decreto 8242/2013, e a partir de outubro de 2014, recebeu como sede o prédio do antigo Grupo Escolar Cruz Machado foi tombado em 2012 pela Coordenadoria do Patrimônio Cultural – CPC da Secretaria de Estado da Cultura – SEEC.

Imagem 16 – Fachada do Museu da Escola Paranaense (2018)



O prédio do Museu fica no bairro do Batel e entrou em reforma/restauro ao final de 2018, ano da nossa parceria de trabalho, e, com a mudança de gestão no governo do Estado, nunca mais foi devolvido ao Museu.

Os trabalhos em que a equipe do projeto esteve envolvida incluíram a higienização e organização de documentos advindos de escolas que foram fechadas por todo o Estado e cujo acervo histórico foi confiado ao museu.

Imagem 17 – Voluntária do Projeto catalogando item do acervo documental do Museu da Escola Paranaense (2018)



O espaço, após a reforma, foi (e atualmente é) cedido para o funcionamento de uma delegacia de polícia, a Delegacia de Antitóxicos - DATOX. O acervo do Museu encontra-se em local não informado à nossa equipe.

ACERVO DO CDPHE

Além de todas essas atividades, a equipe do Projeto tem sido responsável pela continuidade das atividades no Arquivo do Setor, que inclui atendimento a pesquisadores, e também, pela higienização de documentos recebidos em doação pelo CDPHE.

O acervo do CDPHE, que pôde ter retomadas as atividades de higienização em novembro/2021 (com todos os cuidados sanitários necessários), é composto de material bibliográfico, de livros didáticos, de documentos gerados por municípios e Estados, relativos à educação, doados ao nosso acervo.

Imagem 18 – Equipe realizando acondicionamento e higienização de documentos no CDPHE (nov2021)



Esperamos avançar na higienização destes materiais, para que possam ser devidamente catalogados, e disponibilizados para atividades de ensino, de pesquisa, e de extensão.

Em 2020, foi elaborado um Protocolo⁶ para recebimento de Doações ao nosso acervo, que é composto pelos seguintes conjuntos documentais:

1) Documentos da escola: documentos produzidos pela escola. Exemplo: Atas, relatórios, planejamentos, fotografias, avaliações de alunos.

2) Documentos para a escola: documentos produzidos por órgãos oficiais com orientações para o funcionamento da escola. Exemplos: relatórios da secretaria da educação, documentos oficiais, currículos, normativas.

3) Periódicos e materiais bibliográficos: publicações sobre educação com temáticas relativas ao Brasil que não estejam disponíveis on-line. Exemplos: revistas, jornais, livros.

4) Materiais didáticos: materiais didáticos usados para o ensino infantil, fundamental e médio. Exemplos: livros didáticos, manuais para a formação de professores, materiais didáticos como jogos.

5) Acervos pessoais: conjuntos documentais provenientes de acervos pessoais de professores ou alunos. Exemplos: cadernos, cadernos de planejamento, diplomas, fotografias, trabalhos de alunos, discursos, entre outros.

ACERVO DO FÓRUM PARANAENSE EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA

Outra frente de trabalho realizada pelo projeto entre os anos de 2018 e 2019 foi a higienização de documentos produzidos pelo Comitê de Defesa da Escola Pública, criado em 1988, e que foi transformado no Fórum Paranaense em Defesa da Pública, Gratuita e Universal, em 1990.

6 O Protocolo e orientações para doações podem ser acessados em <https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/politica-de-aquisicao-de-acervo/>.

Imagem 19 - Capa de Documento do Fórum



Os documentos estavam sob a guarda do Professor Odilon Carlos Nunes da UFPR, que participou junto a outros professores e professoras de diferentes níveis de ensino dos debates e acompanhamento do processo da constituinte, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, do Plano Nacional de Educação, e da intervenção e acompanhamento das políticas educacionais na década de 1990.

Estes documentos foram doados ao CDPHE e esperamos que em breve possam ser disponibilizados para pesquisas.

OUTRAS DOAÇÕES AO ACERVO

O Acervo do CDPHE é composto em grande parte por doações de membros da comunidade que tem em seus arquivos pessoais e profissionais documentos e objetos de interesse para a composição da História

da Educação. Nossa *Política de Aquisição de Acervo do CDPHE*⁷ foi estabelecida em 2019 e tem por finalidade estipular diretrizes para a composição do acervo, bem como apresentar os critérios que deverão orientar as atividades de seleção, aquisição e descarte em seu acervo.

Mediante esta política, temos recebido contribuições preciosas, as quais depois de análise são higienizadas e tratadas para posterior acesso de pesquisadoras e pesquisadores.

Alguns exemplos são as doações recebidas em 2022, vindas de bibliotecas pessoais: recebemos a doação de uma coleção completa da publicação *O mundo da Criança*, publicada em 1934 nos Estados Unidos, e que chegou ao Brasil na década de 1950 num contexto de crescimento editorial brasileiro, principalmente na área de vendas de coleções a prestação. Voltados à crianças, pais e professores, cada volume possui uma temática central como poemas, contos infantis, história do Brasil e do mundo, ciência, artes visuais, música e desenvolvimento infantil. A doação já está sendo consultada para pesquisa.

7 Disponível em <https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/>.

Imagem 20 – Coleção O mundo da Criança (Acervo CDPHE, 2022)



Outra coleção muito interessante se compõe de uma pequena biblioteca pedagógica constituída por uma pedagoga curitibana, Adilaurinda Ribeiro de Oliveira, que reuniu muitas obras voltadas à formação de professores, manuais de didática, livros sobre educação e desenvolvimento infantil, entre outros títulos para a educação.

Esta biblioteca nos oferece uma visão interessantíssima sobre a formação de professores entre os anos de 1960 a 1990 e está em fase de higienização para posteriores consultas.

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

Imagem 21 – Biblioteca pedagógica (Acervo do CDPHE, 2022)





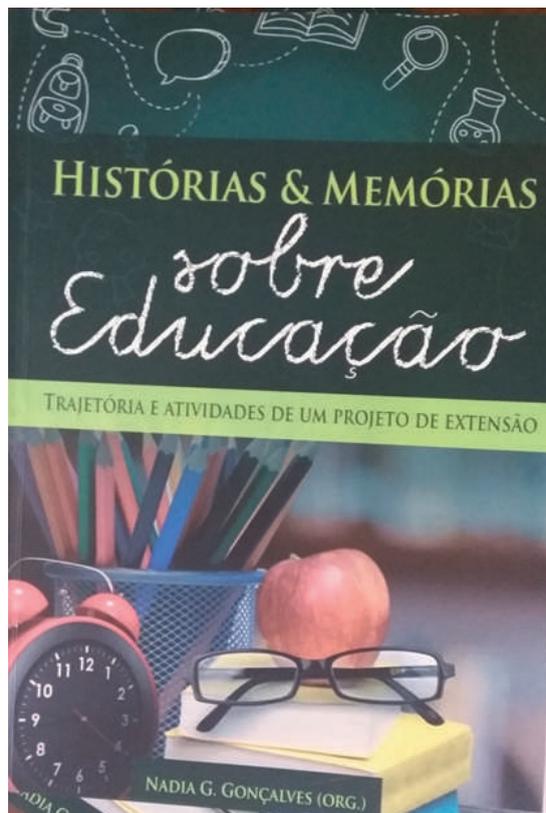
PUBLICAÇÕES DE LIVROS

Ao longo dos anos, o Projeto de Extensão publicou dois livros, com capítulos escritos por convidados (relativos às parcerias), e por membros da equipe (docentes e discentes). Ambos os livros foram impressos com recursos do Fundo de Desenvolvimento Acadêmico (FDA), e reúnem reflexões sobre as ações, metodologias e temas mobilizados pelo Projeto⁸.

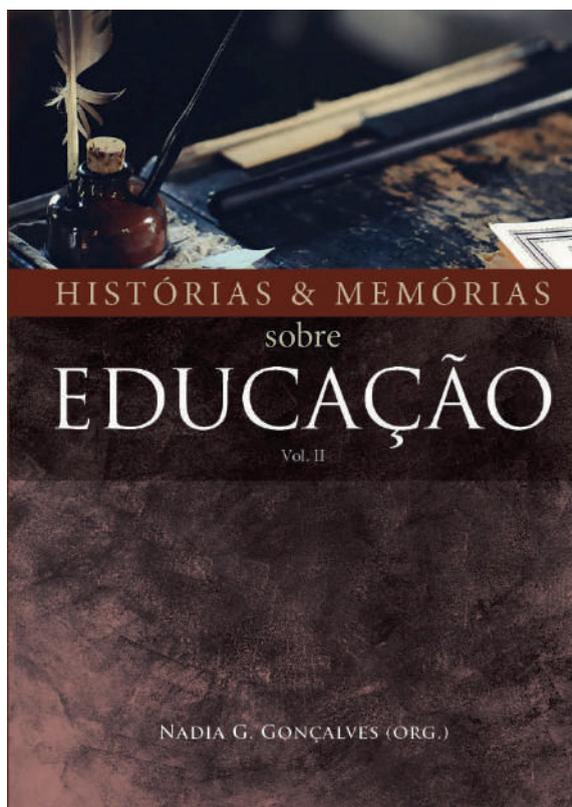
8 Estes livros e os artigos já publicados, estão disponíveis para download em pdf, em <https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/>.

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

Imagem 22 – Capas dos livros do Projeto, de 2016 e 2019.



Nadia G. Gonçalves | Andrea B. Cordeiro
(orgs.)



O presente material é o terceiro livro derivado do Projeto, sendo que um quarto, organizado como manual para cuidados com acervos pessoais e escolares, já está em produção.

Também, tivemos alguns artigos publicados, escritos por estudantes e docentes do Projeto, sobre o próprio projeto. Outros artigos já foram aceitos e aguardando publicação, e outros, estão em avaliação.

PUBLICAÇÕES – A TRAÇA

Com a chegada da pandemia de Covid 19 e a impossibilidade de atividades presenciais, a equipe do projeto buscou formas de continuidade das atividades, e uma delas, que permanece mesmo após o retorno do presencial, é o boletim A Traça.

Imagem 23 – Cartaz de divulgação do primeiro número de A Traça



A proposta do boletim é divulgar, em uma linguagem mais acessível, mas com embasamento acadêmico, temas, acervos, informações, relativas às temáticas do projeto, voltando-se ao público acadêmico, mas também, ao público externo à Universidade.

Por quê este Boletim é extensionista? Devido à sua metodologia, que é de discussão e colaboração coletiva para sua organização, embora cada um tenha um proponente principal, o processo envolve leitores e discussão e sugestões dos demais membros da equipe, para sua elaboração e finalização.

Com o primeiro número divulgado em agosto de 2020, temos uma publicação periódica, somente não lançada no mês de janeiro⁹, continuando sua publicação mesmo após a pandemia.

REDES SOCIAIS

Uma ação desenvolvida no contexto da pandemia foi a criação de páginas nas redes sociais, no Facebook e no Instagram, nos seguintes endereços:

- <https://www.facebook.com/historiasememoriased/>;
- <https://www.instagram.com/historiasememoriased/>.

Imagem 24 – Capa da página de Facebook do Projeto (2021)



9 Todos os números do Boletim estão disponíveis para download em pdf em <http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/>.

Imagem 25 – Capa da página de Instagram do Projeto (2021)



Por meio destas páginas, buscamos divulgar eventos, cursos, notícias, além das próprias produções do Projeto.

CANTINHO DE EXPOSIÇÃO

Finalmente, chegamos à mais recente atividade do Projeto, inaugurada durante a XXXIII Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Setor de Educação, em 09 agosto de 2022.

Organizamos um espaço, no CDPHE, com objetos antigos, relacionados à Educação, para ficar como pequena exposição, e registro de fotos dos visitantes.

Imagem 26 – Detalhe da pequena exposição no CDPHE (09ago2022)



Imagem 27 – Cantinho para fotografia, no CDPHE (09ago2022)



Esperamos incrementar esse espaço com outras doações, e também, poderemos mudar o cenário, com outros objetos, ao longo do tempo.

Por meio dele, estimulamos memórias afetivas, principalmente, em relação à escola, e avaliamos que esta iniciativa pode contribuir para uma maior sensibilização das pessoas sobre os acervos pessoais e institucionais, bem como, dar visibilidade ao projeto, e estimular outras pessoas e instituições a iniciarem algo semelhante.

ESTUDANTES PARTICIPANTES DO PROJETO

Ao longo desta trajetória, desde 2006 até agora (2022), avaliamos que uma das coisas mais ricas do Projeto, foi a participação de estudantes nele, atingindo uma das finalidades extensionistas, que é promover uma formação, para muito além do que é possível em sala de aula.

Ao mesmo tempo, essa participação fortalece e renova o Projeto, na medida em que as ideias, os conhecimentos, a energia que trazem para nosso Projeto, fazem parte e até originaram muitas das ações que apresentamos brevemente, acima.

Temos tido muita sorte, porque essa participação da nossa equipe, de diferentes formas, com alegria, comprometimento e responsabilidade, tanto nos anima como docentes, pesquisadoras e extensionistas, quanto nos traz esperança, em uma juventude que tem muito a oferecer e construir!

Trazemos algumas fotos, representativas (mas que não incluem a totalidade) das pessoas que colaboraram com o projeto, ao longo do tempo...

Imagem 28 - Evento de lançamento do livro e comemoração de 10 anos do Projeto e da parceria (março/2017), no Salão Nobre do CEP



Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

**Imagem 29 – Equipe do Projeto na Semana Integrada
de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPR (2017)**



Imagem 30 – Parte da equipe (dez/2021)



Imagem 31 – Equipe do projeto julho/2021

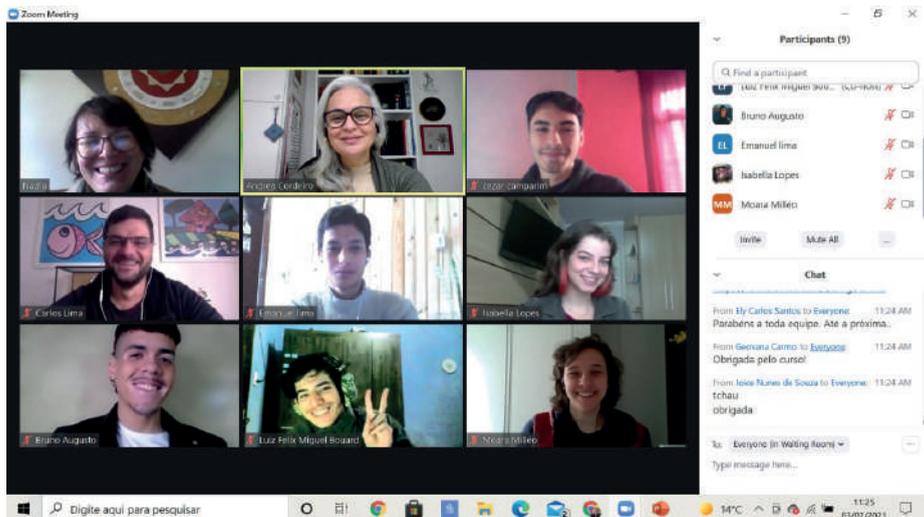


Imagem 32 – Parte da equipe (julho/2022)



Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

Também destacamos a equipe de 2023, em que temos estudantes de três cursos da UFPR, Pedagogia, História e Ciências Sociais, além de uma doutoranda que já foi uma cursista de nossas atividades de extensão, e neste ano está contribuindo de forma mais contínua conosco.



Gécia
Doutoranda
PPGE

Jéssica
Pedagogia
Matutino

João Victor
História
Vespertino

Maria
Pedagogia
Noturno

Mycaella
Pedagogia
Matutino

Natália
Pedagogia
Matutino

Nathaly
História
Vespertino

Rhangel
História
Vespertino

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão



CONSIDERAÇÕES DE CONTINUIDADE

Há muito ainda por fazer, como perspectivas de continuidade para o Projeto.

Em julho de 2022, por exemplo, discutimos junto à Comissão de Avaliação Documental, do Arquivo Histórico do Setor de Educação, uma carta solicitando uma reunião com o Secretário da Educação do Paraná, para discutirmos sobre o fechamento do Museu da Escola Paranaense, e de várias escolas estaduais, em especial sobre os acervos destas instituições, e cuidados e necessidade de sua preservação. Esta carta, aprovada pela LHHE e pelo PPGE, também foi aprovada pelo Conselho Setorial do Setor de Educação, em 11 de agosto de 2022. Atualmente, em maio/2023, embora tendo solicitado o apoio do Deputado Estadual Goura Nataraj, e do Senador Flávio Arns, estamos ainda aguardando ações da SEED quanto à retomada, inclusive, do espaço do Museu da Escola Paranaense, para reinício de suas atividades, mas temos a expectativa de que isso ocorra em breve.

Também para 2023, estamos participando da organização do II Encontro Paranaense de História da Educação, que deverá ser realizado na UFPR, de 8 a 10 de novembro. Neste evento, esperamos estreitar laços com outras iniciativas que dialogam com nosso Projeto, e, quem sabe, formar uma rede de colaboração com outras instituições estaduais.

Outro desafio se refere à integralização da extensão, em especial no Curso de Pedagogia, e particularmente, ao diálogo e atividades que o Projeto pode promover, com disciplinas da graduação. Lamentavelmente, há ainda grande desconhecimento e até desinteresse de parte dos docentes do Setor, em relação ao que seja a extensão, como dialogar com os projetos existentes (incluindo o nosso), e como também contribuir para as ações do Projeto.

A higienização e organização dos acervos do CDPHE e do Arquivo do Setor, que continuam, ainda estão longe de serem concluídas. Há também a preocupação com documentos que se encontram nas secretarias de unidades do Setor, em sua organização para transferência ao Arquivo, nos casos em que isso seja pertinente. Embora essa não seja uma atribuição do Projeto, nem do Arquivo, nem do CDPHE, temos algumas

ideias, oriundas da Comissão de Avaliação Documental, sobre como dialogar com os servidores técnicos a este respeito e com eles construirmos uma lógica em que a história e memória do setor seja respeitada.

Com a maior visibilidade do Projeto, sabemos que podem surgir muitas demandas sobre ele. Seja de escolas, da própria SEED, de doações de particulares, entre outros. Como equilibrar tudo isso com responsabilidades de ensino, de pesquisa e de gestão (para ficarmos apenas no âmbito da UFPR) é um desafio grande, também.

Porém, temos a certeza de que nossa parceria, na Coordenação do Projeto, continuará ainda por muito tempo, bem como as ações nele desenvolvidas. Novas pessoas também chegarão para contribuir. E assim, vamos aprendendo, compartilhando, produzindo conhecimento, formando... e da mesma forma que tivemos uma inspiração original, lá em 2006, e outras foram compondo essa trajetória e possibilidades, quem sabe, seremos também inspiração para que outras iniciativas e uma maior sensibilidade quanto à importância da preservação de acervos – no nosso caso, da Educação, mas se estende a outros âmbitos também – surjam e frutifiquem.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FARGE, Arlette. *O sabor do Arquivo*. São Paulo: EDUSP, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GONÇALVES, Nadia G. (org.) *Histórias e Memórias sobre Educação: trajetória e atividades de um projeto de extensão*. Curitiba: Setor de Educação da UFPR, 2016.

PARTE II

DEPOIMENTOS
E RELATOS DE
EXPERIÊNCIA

A ABERTURA DE UM CAMINHO PARA A PESQUISA: ACERVO ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ (2006-2008)

Alicia Mariani Lucio Landes da Silva
Doutora em Educação pela UFPR
Docente da Escola Estadual Heráclito
Fontoura Sobral Pinto (SEED - PR)

Ao ingressar no mestrado em Educação, na linha de História e Historiografia da Educação, da UFPR, fui convidada pela professora Nadia G. Gonçalves a participar do projeto de levantamento, organização e catalogação do acervo documental do arquivo e museu do Colégio Estadual do Paraná (CEP). Ao chegar ao arquivo escolar do (CEP) me deparei com um material riquíssimo. Cada caixa aberta era uma grata surpresa de documentos, projetos, regimentos, listagens, esboços, que indicavam e marcavam a história daquela instituição.

Vasculhar e organizar pastas guardadas gerou frustrações - por não localizar aquilo que se esperava -, porém, vislumbrar o inesperado impulsionou outras táticas e estratégias de escrita. Inicialmente procurei por livros de ocorrências (ou advertências), pois meu interesse era estudar as ações disciplinares presentes no CEP durante o período da ditadura civil-militar. No entanto, ao encontrar documentos sobre a Orientação Educacional (OE) do Colégio, e verificar como esse serviço se posicionou em questões comportamentais, escolares e vocacio-

nais, meu texto foi adaptado para esse novo objeto. Assim, escrevi a dissertação de mestrado intitulada “Tempo de indicar caminhos: o serviço de orientação educacional do Colégio Estadual do Paraná (1968-1975)”, com o foco na implementação da Lei 5.692/71.

**Capa do Plano Diretor do CEP. Fotografada por Alicia Silva,
em 2007. Acervo do Colégio Estadual do Paraná.**



Essa trajetória foi fundamental para me levar a outras pesquisas. Em março de 2022 defendi minha tese de Doutorado em Educação na UFPR, na qual contemplei a Orientação Educacional nas publicações do MEC durante as décadas de 1950 e 1960. E esse olhar para o passado da OE no Brasil surgiu por adentrar as portas dos arquivos do CEP em 2006.

MAIS UMA TRAÇA

Bruno Augusto Pedroso de Souza
Graduação em História
(Universidade Federal do Paraná)
E-mail: augustobp@ufpr.br

A insatisfação é o sentimento que move a humanidade. Através dela, percebemos ausências, falhas e possibilidades de aperfeiçoamento do composto organismo que chamamos sociedade. Criamos, trabalhamos e nos dedicamos de corpo e alma pelo que acreditamos ser o melhor para o bem comum. É nesse movimento que percebo o projeto. Uma iniciativa que, antes de idealizar um mundo perfeito, se preocupa com as condições atuais dos arquivos escolares no Paraná e se organiza no sentido de promover a preservação de fontes para a História da Educação que, muitas vezes, se perdem por conta da desvalorização ou, ainda, pela desinformação sobre a importância destes documentos para a História e Memória da sociedade como um todo.

Este aspecto do projeto – dedicar-se à sociedade – é o que mais admiro da Extensão Universitária. E posso dizer que já colhi dos frutos do projeto enquanto estava ainda no ensino médio pois o Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná existe graças à colaboração entre o colégio e o projeto. Não posso, porém, descrever o quão incrível é poder conhecer a história da escola em que estudei pois é um sentimento único. Em um mundo utópico, todos alunos de todas escolas poderiam ter sentido o que senti. É bom saber, contudo, que as ações do projeto nos direcionam para tal utopia.

Em 2019, já cursando a graduação, tive a oportunidade de entrar no projeto e sigo nele até hoje. Pude revisitar o CEP (e conhecer sua história ainda mais) atuando no Centro de Memória. Na sede do projeto, o CDPHE, aprendi e me apaixonei por higienizar, organizar e digitalizar documentos.

Folha marcando livro, encontrada no acervo do CMCEP.



Com a pandemia, nos reinventamos criando bases de dados sobre as escolas públicas em Curitiba, cursos de extensão e o excepcional boletim A Traça (do qual já escrevi 3 números).

Acredito somar quase 1000 horas em que estive dedicado ao projeto, um número impressionante, porém infinitamente menor do quanto eu agradeço por ter me tornado, com toda licença poética, uma traça! E seguirei sendo para todo sempre¹.

1 Posteriormente ao registro do depoimento, foi publicado o seguinte artigo sobre o projeto: SOUZA, Bruno A. P.; MILLEO, Moara; GONÇALVES, Nadia G.; CORDEIRO, Andrea B. Quando tudo parou: relato de experiência sobre a continuidade das atividades do projeto de extensão “Histórias e Memórias sobre Educação” durante a pandemia de COVID-19 (2020-2021). *Extensão em Foco*, v. 30, p. 157-163, 2023. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/extensao/issue/view/3296>.

ENTRE O ARQUIVO E A ESCOLA: MEMÓRIAS DE UM PROJETO

Bruno Ercole

Mestre em História pela UFPR

bruno.ercole.camargo@gmail.com

Fazer parte do projeto Histórias e Memórias Sobre Educação foi uma importante experiência, que contribuiu de maneira significativa para a minha própria formação como Historiador e como professor. O trabalho de levantamento, higienização e catalogação dos documentos que compõe o acervo do arquivo do Setor de Educação foi um mergulho na história da própria Universidade.

Ter contato com a história da educação pública no estado foi um segundo ponto fundamental de meu envolvimento no projeto. Como curitibano, conheci muito cedo o Colégio Estadual do Paraná. O “Estadual”, como ainda hoje é conhecido, sempre despertou meu interesse e, então, caminhar por seus corredores e trabalhar com os seus documentos históricos no Centro de Memória foi um grande prazer. E as portas da instituição se mantiveram abertas para mim mesmo após o fim de minha participação como bolsista no projeto, pois foi ela a escolhida para o início da minha prática de docência em História.

Outro ponto que eu gostaria de ressaltar foi a valiosa experiência de publicarmos livros que contavam um pouco sobre nosso trabalho diário. Poder pensar em temas, escolher fontes e escrever capítulos para compartilhar um pouco do que aprendemos com o projeto foi uma das realizações mais importantes de toda a minha graduação. Afinal de contas, o

compartilhamento do conhecimento adquirido é fundamental para o avanço de qualquer campo do saber.

Por fim, não posso deixar de citar aqui a interdisciplinaridade de nossa equipe, visto que, nos dois anos nos quais trabalhamos juntos, tive colegas não só da área de História, mas também da Pedagogia e das Ciências Sociais. E este, para mim, é o verdadeiro sentido de Universidade: a experiência em diversos campos do saber, a promoção de uma formação ampla – o que no meu caso, posso afirmar, foi um objetivo melhor alcançado graças à minha participação no projeto Histórias e Memórias Sobre Educação.

O autor realizando atividade de higienização no Arquivo Histórico do Setor de Educação (sala 101, Edifício Dom Pedro I)



ENTRE O ISOLAMENTO E O PERTENCIMENTO: A PARTICIPAÇÃO EM UM PROJETO DE EXTENSÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Carlos Wilson de Lima
Formado em Enfermagem pela UFPR
Mestrando do Programa de
Pós-Graduação em Educação da UFPR
cwdlima@ufpr.br

A minha participação no projeto ocorreu no ano de 2021 e o que despertou o meu interesse foi a oportunidade de realizar pesquisa documental e bibliográfica como também, estudos e discussões em grupo de forma virtual, leitura de textos acadêmicos e técnicos relacionados à temática do projeto e ações específicas do mesmo e a produção de material informativo.

Fui o proponente principal para o Boletim a Traça nº 15¹ com o tema Fontes Orais e História da Educação. O boletim fala das fontes orais, um tipo de fonte muito específica e que pode ser essencial para algumas pesquisas em História da Educação, conforme o objeto, o recorte temporal, e o problema abordado. Está dividido em: um breve histórico, diferenciação

1 Disponível em: <https://educacao.ufpr.br/wp-content/uploads/2021/12/a-traca-n15-dez2021.pdf>.

entre fontes orais e história oral, algumas reflexões, e fontes orais e pesquisa em história da educação.

A partir do mês de outubro algumas atividades presenciais foram retomadas de forma gradual, observando-se todos os cuidados referentes ao protocolo sanitário. A partir desse momento, participei no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE), e tive a oportunidade de realizar trabalhos de higienização, catalogação, organização, enfim, o contato com o arquivo e como ele é muito rico na nossa formação.

**Carlos no CDPHE, realizando higienização
de documentos (novembro/2021)**



Além dessas atividades, o projeto também me proporcionou a experiência da escrita acadêmica para um periódico², apresentando o projeto e o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, utilizando como referencial teórico Paulo Freire e Pierre Bourdieu.

Todo esse sentimento de pertencimento que o projeto me propiciou foi crucial para a manutenção da minha saúde mental em um momento tão singular que estava vivenciando, como o distanciamento e isolamento social decorrentes da pandemia de COVID-19 e principalmente, as inúmeras contribuições do projeto na minha vida enquanto pessoa, acadêmico e cidadão.

2 Posteriormente ao registro do depoimento, o artigo foi publicado:

LIMA, Carlos Wilson De ; GONÇALVES, Nadia Gaiofatto ; CORDEIRO, Andréa Bezerra ; SOUZA, Bruno Augusto Pedroso De . Projeto de extensão 'Histórias e memórias sobre educação' e o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. *Revista em Extensão* (Online), v. 21, p. 144-156, 2022. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/64873>.

EXPERIÊNCIAS E APRENDIZADOS NO ARQUIVO HISTÓRICO E ADMINISTRATIVO DO SETOR DE EDUCAÇÃO

Caroline Picanço Prockmann
Formada em História pela UFPR
carolprock@gmail.com

Relatar tudo o que pude vivenciar na melhor parte da minha graduação parece uma tarefa impossível, mas com esse texto espero mostrar a importância dessa experiência para minha formação. Aluna do curso de História, na UFPR, atuei no projeto durante os anos de 2018 e 2019 como estagiária no arquivo do Setor de Educação.

Nesses dois anos, atuei em diversas partes do projeto: fui monitora do curso de extensão sobre História da Educação, realizei a higienização de documentos e trabalhei junto com a arquivista Petra Henning na organização inicial do Arquivo Histórico e Administrativo do Setor de Educação da UFPR em sua nova casa, no Campus Rebouças.

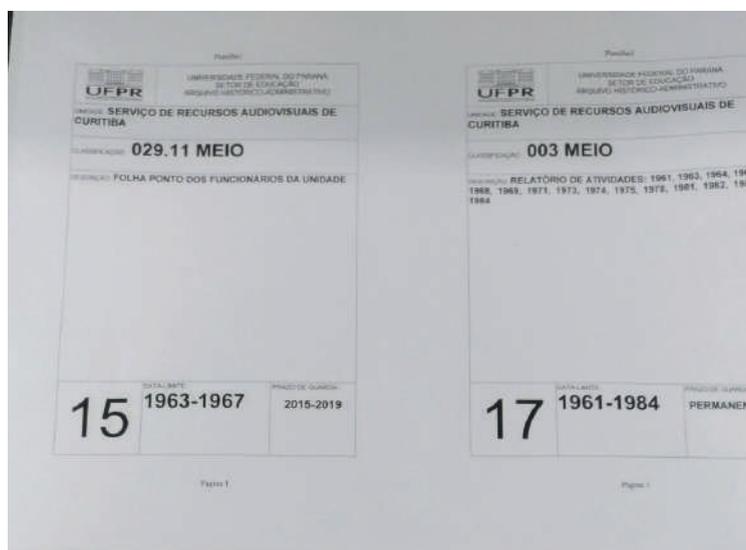
No início de 2018, o arquivo estava dividido entre duas salas pequenas e escuras, com a promessa de mudança para um espaço digno de uma documentação tão rica. Um lugar onde esse acervo pudesse ser organizado, consultado e visitado por todos que tivessem interesse em conhecer suas histórias.

Meus primeiros meses se alternaram entre a monitoria e a higienização dos poucos documentos que ainda não haviam passado

pelo tratamento. Horas e horas, sozinha ou acompanhada, enquanto passava a trincha com muito cuidado em cada folha, removendo todos os grampos, sem resistir à curiosidade de saber o que cada papel tinha para me contar.

Em julho de 2018 ocorreu a mudança, e os esforços se concentraram em arrumar as mais de setecentas caixas numa só sala e classificar corretamente todos os documentos. Eram cartas de fim de ano (ou obras machadianas em forma de boas-festas), documentos com quase cem anos de idade (os incríveis livros de matrícula das primeiras turmas de Pedagogia), ofícios que relatavam dos acontecimentos mais banais até as piores crises que a universidade já enfrentou.

Etiquetas de caixas de documentos do Arquivo do Setor de Educação



Cada documento era lido, analisado, separado e classificado com muita atenção. Por fim, eram colocados em envelopes específicos para sua categoria, separados cronologicamente e depois todos combinados em caixas rotuladas. Cada uma com um código contendo todas as informações para que o futuro possa encontrar tudo que lhe for necessário.

Foi essa oportunidade de ter pedaços da História em minhas mãos que me permitiu, todos os dias, compreender meu papel como historiadora e minha paixão por preservar o passado, diretamente da fonte.

EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA E FORMAÇÃO

Emanuel Diogo Lima dos Santos
Estudante de graduação em História pela UFPR
emanuelson616@gmail.com

Estou no projeto desde 2021, participando de atividades extensionistas relacionadas a história da educação. Comecei no projeto durante um período pandêmico, em que as relações e as experiências eram virtuais e remotas. Contudo, enquanto parte constituinte do próprio projeto, pude refletir sobre a historicidade da educação e mesmo essa noção tão cara a universidade que é a extensão. Nesse período remoto escrevi para o boletim A Traça sobre livros didáticos enquanto fonte para história da educação, pensando esse documento em sua inserção em uma cultura escolar.

Agora em 2022, escrevi um boletim sobre o Currículo na educação, de modo a pensá-lo a partir de sua construção sociohistórica. O aspecto da escrita desses boletins é de suma importância para a minha formação, pois sempre tive dificuldade em escrever, a não ser de um jeito impessoal. Com A Traça, baseado em uma noção freireana de diálogo, construímos os boletins pensando nossos possíveis leitores e estabelecendo trocas entre os diversos extensionistas e coordenadoras.

Além disso, enquanto parte importantíssima do trabalho do historiador, pude entrar em contato com toda uma cultura material e com noções da arquivística no Centro de

Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE). Do mesmo modo, ao auxiliar na catalogação do arquivo ao lado do Centro de Documentação, pude ter em mãos toda uma gama de documentos que expressam administrativos e sobre a vivência em projeto de extensão da UFPR nos anos 1980. A princípio, toda essa cultura material pode ser vista apenas como um amontoado de papel velho, um “arquivo morto” para alguns. No entanto, para o historiador esses vestígios tornam-se documentos, expressão aspectos de uma cultura escolar, de processos sócio-históricos e a formação de um *habitus*.

Estantes com materiais do Arquivo Histórico do Setor de Educação



LEVANTAMENTO E CATALOGAÇÃO DE FONTES DO ARQUIVO ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

Emanuelle Giamberardino Rochavetz Cordeiro

Formada em Pedagogia e
Mestre em Educação, pela UFPR

Docente da Escola Municipal
Arapongas (SME-Curitiba)

manu.rochavetz@gmail.com

Meu trabalho no arquivo do Colégio Estadual do Paraná (CEP) se deu de 2006 a 2007, como bolsista de Iniciação Científica (PIBIQ-CNPQ), orientada pela professora Nadia Gaiofatto Gonçalves, quando cursava Pedagogia na UFPR.

O material encontrado passou por uma fase diagnóstica, sendo estabelecido como recorte temporal o período de 1846 (data de criação do CEP) a 1980.

Primeiramente, foi realizado um levantamento e separação cronológica de todos os livros do acervo que se encontravam na torre do Colégio Estadual do Paraná e no Museu Guido Strauber (pertencente ao colégio), separando-os por décadas para facilitar a organização e registrando suas referências bibliográficas para posterior digitação.

Em seguida, iniciou-se o levantamento e avaliação dos arquivos escolares, separando-os cronologicamente de acordo com os períodos históricos do CEP: Licêo de Curitiba; Instituto

Paranaense; Gymnásio Paranaense; Colégio Paranaense – Externato; Colégio Estadual do Paraná.

Na continuidade, realizou-se a catalogação dos documentos, registrando-os por meio de siglas feitas a lápis no canto superior direito, procedendo a seguinte ordem: Fundo; Série; Subsérie/dossiê; Número do documento dentro da série ou subsérie; Número de pastas do documento; Número de páginas que o documento contém. Foi acrescentada ainda, uma pequena síntese do conteúdo do documento com suas características (formato e data), para facilitar a localização. Cooperando assim, com futuras pesquisas.

A participação neste projeto só me proporcionou crescimento a nível educacional, profissional e pessoal. Tive o privilégio de contribuir ativamente como cidadã e pesquisadora, ampliando meus conceitos e visão de mundo, refletindo, dialogando e também fazendo história.

Sinto-me honrada e muito agradecida por esta oportunidade. Muito aprendizado foi gerado; aliando teoria, prática e vivências individuais e coletivas, colaborando com o resgate de memórias e a disseminação da sua importância na sociedade.

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

Foto da autora com outra estudante do Projeto(2007).



TESTEMUNHO DE ERNANI COSTA STRAUBE

Ernani Costa Straube

Ex-diretor do CEP

Membro do IHGPR

O Colégio Estadual do Paraná, criado em 13 de março de 1846, pela Lei nº 33, pelo Presidente da Província de São Paulo, Marechal de Campo do Exército, Manoel da Fonseca Lima e Silva, de ilustre família imperial brasileira, nos oferece um panorama rico em História nesses 176 anos de presença e atuação continuada.

Criado sete anos antes da Província do Paraná em 1853, ainda como Comarca de São Paulo, foi fundador de outras unidades como a Biblioteca Pública em 1854, destinada a dar foros de cidade culta e progressista, esteve presente no transcorrer do Governo Imperial de Dom Pedro II, dirigiu o Ensino na Província, viu se desenrolar a Guerra do Paraguai, participou ativamente das Campanhas Abolicionistas, se manifestou por ocasião do recebimento pela Princesa Isabel da Rosa de Ouro do Papa, festejou os aniversários da Independência, criou a Escola Normal em 1876, para formar o magistério estadual e no mesmo ato o Conselho Literário Provincial, o Internato em 1918, para atender a demanda sempre crescente, foi equiparado ao Colégio Dom Pedro II do Rio de Janeiro, foi visitado pelo Imperador em 1880, que arguiu os alunos, instituiu o Curso Preparatório exigido pelo regime para ingresso nos Cursos Superiores, participou e viu o transcorrer a mudança do regime imperial para

republicano, criou o primeiro Cinema Educativo em Estabelecimento de Ensino em 1933, formou os políticos, administradores e a população de nosso Estado, enfim colaborou com sua presença na História de nosso país, em sua área de atuação.

Em boa hora a direção desse Estabelecimento de Ensino tendo como escopo o conhecimento e a difusão dessa rica História resolveu criar a Comissão de Criação e Regulamentação do Centro de Memória, liderados pela professora da Universidade Federal do Paraná, Nadia G. Gonçalves.

Transcorridos esses anos vimos desfilarem a importância da divulgação através de um setor da atividade de ensino, que permitisse esclarecer e divulgar fatos e acontecimentos de suma importância, para o corpo docente, discente e por que não dizer, para o histórico do Estado do Paraná.

Participamos de 2006 a 2010 ativamente e com entusiasmo na redação desse documento constatando o empenho dos participantes que preocupados em oferecer as normas técnicas e administrativas mais importantes e condizentes com o desempenho, pudessem oferecer ao Colégio um setor que permitisse, revelar com riqueza, todo o manancial de informações. Observei na vibração dos componentes desse trabalho, uma nota de vigor e simpatia com sentimento profundo da função, revelando de forma viva e leve a imparcialidade tendo sempre presente a função inspiradora da História.

Anteriormente, só contávamos com o Museu de História Natural, criado em 1909 com peças obtidas no local e até no exterior ensejando a visão do conteúdo e em 1993, o resumo histórico desde o Liceo de Curitiba até o Colégio Estadual do Paraná, descrevendo sucintamente os 147 anos de atuação.

Tudo isso faz do Colégio Estadual do Paraná uma fonte riquíssima de pesquisa e de História, que pode e deve ser colocada à disposição do público.

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

“Não se pode conhecer o futuro sem ser perseguido pelo passado”.

“História é o testemunho dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a escola da vida, a mensagem da antiguidade”.

Marcus Tullius Cícero (103-43 a.C.), em “De oratore” (1.2) - História e historiografia, nº 11, abril de 2013

O Professor Ernani C. Straube é o primeiro à direita, na primeira fila. Fotografia tirada em março/2017 no Salão Nobre do CEP, no lançamento do primeiro livro do Projeto, e homenagem do CEP ao Professor Ernani.



**Selo comemorativo em homenagem ao Professor
Ernani Straube, lançado em março/2017.**



RELATOS DE UMA PESQUISADORA EMERGENTE: A UNIVERSIDADE PÚBLICA E SUAS OPORTUNIDADES DE FORMAÇÃO

Gecia Aline Garcia

Mestre em Educação e Doutoranda pelo PPGE-UFPR

gecia.garcia@gmail.com

Aprendi com a leitura de Michel de Certeau (2015, p. 47) que toda produção escrita, seja acadêmica ou mesmo do cotidiano, possui uma “lei silenciosa” que irá organizar o espaço produzido como texto. Assim, percebo que a minha escrita e toda trajetória acadêmica e profissional está atravessada pelas experiências que a Universidade Pública tem me proporcionado.

Antes do ingresso na UFPR, cursei história em uma instituição privada. Assim, para conseguir pagar as mensalidades, vivenciei a dupla jornada do trabalho combinada com as do estudo. Nesse sentido, não consegui experimentar uma trajetória acadêmica permeada de atividades extracurriculares. Por isso, o sonho de cursar uma universidade pública e vivenciar outros projetos, ainda era presente em mim e, assim, em 2016 ingressei no curso de pedagogia pela UFPR.

Durante esse primeiro ano sondei os corredores do prédio de educação da UFPR na busca de alguma atividade extensionista. Foi quando, no mês de março, me deparei com o cartaz intitulado: “Curso de Extensão Temas, objetos e fontes

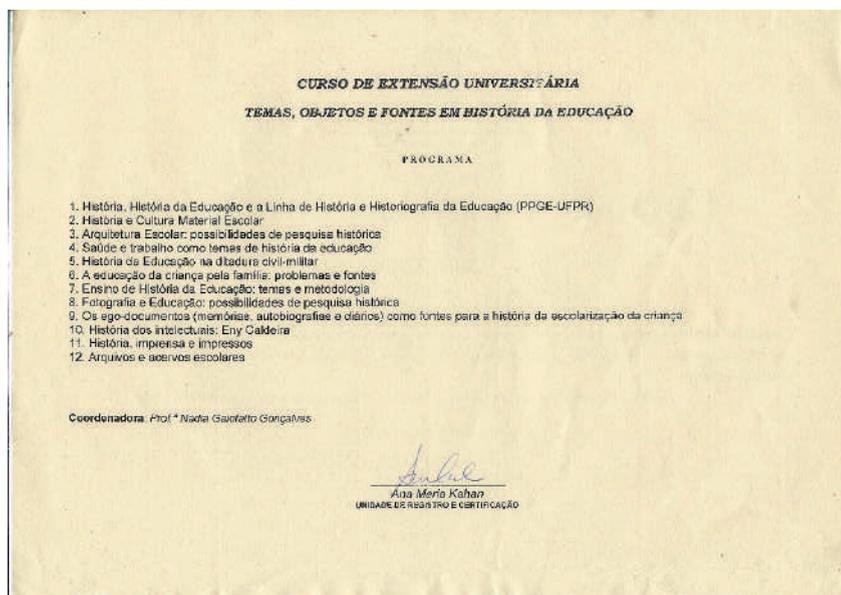
em História da Educação”. À primeira vista o tema me chamou a atenção por combinar duas áreas de meu interesse, história e educação, e em um segundo momento pela oportunidade oferecida de conhecer possibilidades de pesquisa em história da Educação.

Este curso de extensão foi o fio que puxou outras experiências associadas a história da Educação. No mesmo ano de 2016, ingressei na iniciação científica sobre os estudos da história da infância e cultura material escolar. Este tema também havia sido abordado no respectivo projeto.

Certificado do curso de extensão de 2016.



Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão



Em seguida, realizei o mestrado do Programa de Educação da UFPR, na linha de História e Historiografia da Educação. Hoje, curso o doutorado e todas essas experiências sempre tiveram atravessadas pelo projeto de extensão “Histórias e Memórias sobre Educação”, do qual também pude participar como palestrante, na edição de 2021.

Este projeto tem um grande significado em minha vida pois abriu portas para a realização de grandes sonhos. Meu carinho e respeito aos coordenadores do projeto e todos os envolvidos para a sua realização.

UM COLÉGIO, QUASE DOIS SÉCULOS DE HISTÓRIA

Liane Maria Bertucci

Docente do Setor de Educação - UFPR

Foi em uma manhã fria, em meados de 2006, que entrei pela primeira vez no Colégio Estadual do Paraná (CEP). Naquele ano aceitei o convite de Nadia Gaiofatto Gonçalves, minha colega do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, para participar do projeto “Arquivo escolar do Colégio Estadual do Paraná: investigação sobre seu tratamento ao longo da história da instituição com base no levantamento, organização e catalogação do acervo documental”.

Desde a primeira reunião do grupo, tive o prazer de manter contato com representantes da direção e corpo docente do CEP, com alunos de Iniciação Científica (bolsistas e voluntários) ligados ao projeto e com Ernani Straube, ex-professor da instituição, um entusiasta da preservação da memória do Colégio Estadual do Paraná, que representava a comunidade externa. Pouco a pouco fui conhecendo as belas instalações do CEP. O interior do imponente prédio, inaugurado em 1950, abrigava livros, móveis, quadros, troféus e outros objetos que remetiam a outros tempos, permitindo um vislumbre da trajetória da escola, cujas origens remontam ao século XIX. Nesse ambiente fui descobrindo um pouco mais da história da educação no Paraná, notadamente à medida que discutíamos propostas para a avaliação e organização dos materiais do arquivo escolar e do Museu Guido Viaro.

Para uma historiadora que há cerca de quatro anos atuava na UFPR, a oportunidade de contato com tais materiais

foi de grande importância para motivar futuras pesquisas relacionadas à educação no Paraná.

Depois de mais de uma década do fim do projeto do CEP e de ter participado de outros projetos de extensão sobre a história e as memórias da educação paranaense, posso afirmar que a experiência do projeto de 2006-2010 foi fundamental também para o desenvolvimento de parcerias, como a que resultou na organização, em 2014, do NUHFOPE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e das Práticas Educativas, que coordeno com Nadia Gaiofatto Gonçalves.

EXTENSÃO, PEDAGOGIA E PANDEMIA

Moara Milléo

Graduanda em Pedagogia pela UFPR

moara.baracat@gmail.com

Ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná em 2020, duas semanas antes de ser decretado o início da quarentena por conta do aumento no número dos casos de COVID-19. Portanto, todo o primeiro contato que tive com o universo acadêmico foi de forma virtual, online e à distância, desde as primeiras aulas e o contato com colegas até a pesquisa e a extensão. Conforme os meses de isolamento se estendiam, professoras, professores, estudantes, instituições e projetos de extensão dentro da Universidade tiveram que buscar maneiras de continuar estudando de forma remota, a universidade brasileira não podia parar, era preciso continuar pesquisando – pesquisa esta que se mostrou ainda mais necessária neste período que, mesmo sendo fundamentais para o combate contra o coronavírus a pesquisa e a ciência foram desmerecidas e desacreditadas.

A maneira que o Projeto Histórias e Memórias sobre a Educação encontrou de continuar produzindo e divulgando conteúdos e conhecimentos científicos, históricos e pedagógicos foi com o boletim “A Traça”, publicado mensalmente a partir de agosto de 2020. E foi exatamente nesse momento que tive meu primeiro contato com a extensão, a partir de então, acompanhei as publicações do boletim e, assim que abriram as inscrições para participar do projeto como voluntária, me inscrevi e, felizmente, ingressei em março de 2021.

Comecei a pesquisar sobre cadernos escolares, sobre os quais desenvolvi meu primeiro boletim, publicado em agosto de 2021, sobre os cadernos escolares como fonte de pesquisa para a História da Educação, sobre como esse objeto está tão presente no cotidiano escolar e se perde facilmente quando esse ciclo se encerra, sobre como há uma afetividade ligada a esse objeto e também sobre qual foi o papel dos cadernos escolares para a criação de um ideário nacionalista.

Capa de caderno escolar da década de 1960. Acervo do CDPHE.



A publicação e construção do boletim caminharam acompanhadas da participação nos cursos de extensão promovidos pelo projeto e, quando foram liberadas algumas atividades presenciais dentro da universidade, das ações presenciais no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação, como a higienização e armazenamento do arquivo. Atividades estas que motivaram a escrita de um relato de experiência sobre a interdisciplinaridade e interprofissionalidade presente em um projeto de extensão articulado com o curso de Pedagogia, publicado pela revista extensionista ELO¹.

1 SIQUEIRA, Moara Milléo Baracat De ; CORDEIRO, Andrea ; GONÇALVES, Nadia Gaiofatto; LOPES, Isabella Aparecida Pinto. Interdisciplinaridade e interprofissionalidade na extensão universitária pelo olhar de uma estudante de Pedagogia. *Revista Elo - Diálogos Em Extensão*, v. 11, p. 1-12, 2022. Disponível em <https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/13958>.

TECITURAS, APRECIÇÕES E MEMÓRIAS NO ACERVO DO SETOR DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Monalisa Mota

Formada em Pedagogia pela UFPR

Docente na Escola Municipal Ernesto

Ferreira Santiago (SEMED - COLOMBO)

monalisamota@live.com

O presente texto tem por objetivo retratar minha experiência como extensionista, enquanto discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. Ingressei na graduação com o intuito de fazer uma imersão completa da vida acadêmica.

Meu relato inicia-se pela atuação no arquivo permanente do Setor de Educação, no ano de 2016, quando ingressei como bolsista no projeto e me foi delegada a função de junto a outros colegas de graduação de catalogar e organizar os documentos históricos alocados no primeiro andar do prédio D. Pedro II. Durante as tardes percorremos por centenas de pastas, envelopes e papéis datados da década de 1970, como ofícios, correspondências, memorandos, fichas de avaliação e demais documentos administrativos e acadêmicos desde a época em que a extinta faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ainda abrigava os cursos de ciências humanas, anteriormente a configuração que temos atualmente na universidade.

Uma das primeiras indagações que surgem, acredito que na mente de todos os extensionistas que participaram das ações no arquivo permanente, é de o que fazer com todo aquele conglomerado de informações do arquivo, e como atribuir sentido às ações acadêmicas (e até mesmo a curiosidade intrínseca de quem tem gosto pela história e pela historiografia). Fomentar a consciência histórica e entender que muitos dos processos que ali aconteceram e foram finalizados ainda possuem desdobramentos na atualidade.

Eis neste interim uma gama de possibilidades que ultrapassa as paredes do arquivo e também da própria universidade e chega à sala de aula, na prática docente. As experiências tecidas durante a participação como extensionista no projeto Memórias e Histórias sobre Educação ultrapassaram minhas expectativas pessoais.

Ainda como extensionista tive a oportunidade de atuar em um dos braços do projeto, situado no Colégio Estadual do Paraná, onde apresentamos uma parte do acervo organizada na exposição do Centro de Memória do CEP à comunidade estudantil. Tal experiência me fez conhecer e admirar aquele espaço escolar, realizando lá um dos estágios do Curso. Dois anos depois, em 2018, matriculei meu filho lá, e hoje manter o privilégio de permanecer atuando como mãe de um aluno desta instituição.

Finalmente, depois de graduada em Pedagogia, um último objetivo foi concluído, este o qual não esperava que fosse alcançar tão rapidamente: a escrita de um capítulo de livro. A organização do projeto elaborou a obra *Histórias e Memórias sobre Educação - Trajetória e atividades de um projeto de Extensão*, reunindo os relatos dos participantes do projeto de forma a apresentar as ações e proposições do projeto.

Concluo neste momento com muita gratidão a mais esta oportunidade de participar da escrita deste projeto que me formou como aluna, extensionista, pesquisadora e hoje professora, ao qual eu devo muito de minha construção pessoal e profissional, crendo que as tecituras deste projeto possam alcançar a construção de novos diálogos sobre o meio acadêmico e os espaços em que o projeto de modo significativo atuou, atua e atuará.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Petra Laus Henning
Bacharel em História, Memória
e Imagem pela UFPR
Técnica em Arquivo (IFPR)¹
petra.henning@ifpr.edu.br/petra.lh@hotmail.com

Em 2017, fui convidada pelos profs. Marcus Levy e Nádia a contribuir com meu trabalho e conhecimento técnico na organização do acervo do arquivo histórico e administrativo do Setor de Educação. Eu estava empolgadíssima e ansiosa quando, em março de 2018, iniciei finalmente o trabalho. Nesse momento, o Setor estava em vias de mudar para o Edifício Teixeira Soares. O acervo já havia sido totalmente higienizado pelos bolsistas do projeto, então, o recomendado foi que eu não mexesse nos documentos antes da mudança. Dessa forma, minha primeira tarefa foi entender a estrutura organizacional do Setor de Educação. Para isso, utilizei diversos materiais, como livros sobre a história da UFPR e do Setor, organogramas antigos, atas de reuniões, artigos na internet e conversas com os servidores.

Tendo esse entendimento e já no prédio novo, passei a tratar a documentação. Meu trabalho diário consistia em analisar os documentos um a um, identificando seu assunto e classificando-os conforme os Plano de Classificação e as Tabela

¹ A autora é servidora efetiva do Instituto Federal do Paraná e prestou Colaboração Técnica no Setor de Educação no período de março de 2018 até março de 2020.

de Temporalidade, organizadas pelo Arquivo Nacional. Cada nova caixa aberta era uma surpresa! Os tipos documentais eram diversos, desde folhas de frequência de funcionários até planos de aula. A minha sensação era de ter a História nas minhas mãos.

**Sala do Arquivo Histórico do Setor de Educação
UFPR – Sala 34, Campus Rebouças**



Mas, o mais marcante para mim foi preencher minha primeira Guia de Eliminação de Documentos. Havia dezenas de caixa-arquivo cheias de certificados de eventos de extensão e provas da Pedagogia EAD. Esses documentos têm prazo de guarda de dois e um ano, respectivamente, e àquela altura já podiam ser eliminados há tempos. Com a ajuda da estagiária Carol, fizemos as listagens, que foram aprovadas pela CSAD² e também pela CPAD/UFPR³. Em junho de 2020, já durante a pandemia, o Reitor autorizou a eliminação de 14,56 metros lineares de documentos. No dia 20 de agosto, acompanhei o recolhimento desses documentos, junto com a arquivista Jane Pereira (in memoriam), encerrando meu primeiro ciclo completo de gestão documental.

2 Comissão Setorial de Avaliação de Documentos do Setor de Educação.

3 Comissão Permanente de Avaliação de Documentos da UFPR.

IMPACTOS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA TRAJETÓRIA E NA APRENDIZAGEM DE UMA EDUCANDA UNIVERSITÁRIA

Rayza A. Ferreira

Formada em Pedagogia pela UFPR

Docente da Escola Municipal Sebastião Tavares

da Silva (SMED -Araucária)

rayzadriely@yahoo.com.br

Particpei deste projeto como bolsista e voluntária nos anos de 2014 a 2016, dentre várias ações que eram e ainda são desenvolvidas. Neste período cooperei na higienização e organização do arquivo histórico do setor de educação da UFPR e do acervo do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná. Outra ação proposta pelo projeto em que eu participei foi a oferta de uma disciplina optativa sobre acervos e fontes históricas sobre educação, tendo como uma de suas atividades uma visita guiada ao CEP e seu centro de memória que me levou a uma experiência prática e um primeiro contato com fontes e acervos históricos das instituições escolares.

A oferta da disciplina optativa em questão, me proporcionou uma ampliação de saberes que vão muito além dos relatos descritos em livros. O contato direto com as fontes e acervos aliados ao conteúdo teórico me permitiu perceber que para um maior aprendizado é necessário a práxis pedagógica. O contato

com as fontes históricas e acervos foi algo marcante e que me abriu um leque de possibilidades de pesquisas, interesses e de afinidade.

Me encantei com a temática tanto, que o meu trabalho de conclusão de curso da graduação intitulado "História e memória do colégio Estadual do Paraná: uma ação educativa com os alunos do 6º ano" me permitiu articular a pesquisa documental, os objetos e as fotografias que fazem parte do acervo do CEP.

Em seguida, realizamos uma exposição denominada "Histórias e memórias do CEP", onde crianças, funcionários e familiares puderam conhecer e/ou recordar fotografias de diferentes períodos e objetos de parte da trajetória da instituição escolar CEP no decorrer da história (21 a 23 de setembro de 2015).

Explicação dos diferentes prédios e denominações do CEP, ao longo de sua história.



Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

Estudante do 6º ano utilizando máquina de datilografia.



Parte da exposição, com objetos do CEP.



PARTE III

ESCRITOS
REVISITADOS

NO MUSEU DA ESCOLA PARANAENSE: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE LUGARES DE MEMÓRIA, HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, MUSEUS E DESCONTINUIDADES¹

Andrea B. Cordeiro

Professora do Setor de Educação da
Universidade Federal do Paraná.

Vice coordenadora do Projeto de Extensão
História e Memórias da Educação - UFPR.

E-mail: andreacordeiroufpr@gmail.com

Seria preciso saber fazer falar a irregularidade original, espreitar o acontecimento, lá onde menos se espera, compreender que a história se passa lá onde tudo passa como se não houvesse história alguma, a fim de nunca barrar o caminho às intensidades atuais da vida e de suas criações (FARGE, 2011, p. 81).

A experiência pessoal de extensão e pesquisa desencadeada pelo Projeto de Extensão Histórias e Memórias da Educação tem sido tanto mais rica quanto mais as contingências redirecionam rotas, nos confrontam com o imponderável, nos colocam diante das realidades e das “intensidades atuais da vida” que ressignificam nas práticas as ideias sobre preservar/

1 Texto originalmente publicado em Histórias e Memórias sobre Educação vol.II (GONÇALVES, 2019).

descartar, cuidar/ignorar o patrimônio material e documental escolar e as memórias e histórias da educação no Paraná.

Foi sob força das contingências, na forma do movimento de ocupações das escolas paranaenses em 2016 e de um incêndio nos arquivos de uma escola estadual de Curitiba, onde eu iniciava a recolha de fontes do ano letivo de 2017, que me afastaram do objetivo primeiro de minha pesquisa junto aos arquivos de algumas escolas na capital paranaenses.

Diante da impossibilidade de acessar os acervos das escolas selecionadas, intensifiquei minha atenção sobre os espaços de trabalho abertos pelo projeto de extensão Histórias e Memórias da Educação, sob coordenação da Dr^a Nadia Gonçalves, e iniciei a aproximação com algumas ações do Museu da Escola Paranaense (MEP), primeiramente acompanhando da plateia a atividade de formação de diretores para a uma sensibilização ante ao patrimônio histórico das escolas - atividade que compõe as atribuições do MEP - e depois me acercando de seus pesquisadores, de seus espaços no prédio da Rua Bispo Dom José, das suas histórias, das memórias, possibilidades, seus planos e desafios a enfrentar.

Neste texto traçarei algumas das reflexões e impressões diante deste primeiro ano de trabalho pensando as relações entre museu, escola e modernidade; alguns desafios contemporâneos ao museu escolar em tempos de crise dos lugares de memória (GEVEHR, 2016), e apontamentos sobre a experiência singular de aproximação ao Museu da Escola Paranaense.

ESCOLA, MODERNIDADE E MUSEU: REVISANDO VÍNCULOS

O vínculo entre escola e modernidade já foi enfaticamente trabalhado pela historiografia da educação, sobretudo, em minha opinião, por Pineau (2008) que nos disse de “como a *noite* engendra o dia ou o dia engendra a noite”, numa rica imagem dos começos imbricados desta orgânica simbiose entre a escola, a escolarização e a criação de uma era moderna, com seus signos, suas representações seus valores e seus agentes.

Este amálgama que revela a escola como criação bem-sucedida da modernidade e combustível para o desenvolvimento da mesma já justificaria o valor histórico das “coisas de escola” - os registros, seus objetos, seus documentos, seus monumentos e espaços junto à vida das comunidades como “produtos e vetores de relações sociais” (MENESES, 2005, p. 18) intimamente ligados aos contextos de sua produção. As coisas da escola nos falam mais do que da escola, nos falam de um projeto moderno de sociedade, das tentativas de viabilização deste projeto, de suas debilidades, bem como das resistências, contingências e embates cotidianos diante dele.

Neste sentido, o papel de um museu escolar hoje, se reconfigura, se amplifica também como um lugar de resistência da memória, um lugar para estar devagar, olhar devagar, pensar, relacionar, e sobretudo, como um lugar para interrogar: interrogar duvidando do acervo, das motivações de sua preservação, das escolhas do que ficou, e questionar sobre o que não está lá, o que não se guardou, o que ainda não se guarda da experiência dos agentes da escola, que hoje, ainda que em crise, segue com a hegemonia dos processos de educação e socialização de crianças e jovens mundo afora.

Diana Vidal (1999), nos lembrará que uma outra associação profícua estabelecida pela modernidade (em especial entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX) foi com a ideia de museu, e não apenas as grandes instituições museológicas em busca da produção de lastros materiais para a consolidação de uma “identidade” nacional, mas também os pequenos espaços de construção de memória configurados pelos museus escolares.

Desta forma, o papel do museu escolar, que também tem como origem o aparato simbólico moderno marcado pela racionalidade e pela mirada etnográfica sobre os artefatos materiais, não estava em lembrar e celebrar a tradição, mas justamente em “inventar uma tradição”²,

2 Hobsbawm (1997), ao analisar a produção em massa de tradições nos anos pouco anteriores à primeira guerra, localizará em países europeus, assim como em alguns do continente americano, uma série extensa de “exercícios de relações públicas” que consistiriam na invenção oficial de tradições sob a forma de ritos, comemorações, monumentos, com o intuito de que “assegurassem ou expressassem identidade, coesão social” em nações que atravessavam as profundas transformações sociais do período.

produzindo pela via da exemplaridade um arcabouço de referências para alunos (através dos museus escolares) e professores (a partir dos museus pedagógicos), referências estas sintonizadas aos princípios da racionalidade moderna, que tanto ensinariam às crianças através da experiência da observação, como prepararia professores e professoras para uma nova pedagogia que se descolava das tradições mnemônicas e retóricas para abraçar um ensino pontuado pela observação e pela prática, pelo entendimento dos fenômenos e das coisas como naturais, mensuráveis, classificáveis e reproduzíveis.

Assim foram constituídos boa parte dos museus escolares e pedagógicos pelo mundo e se tal procedimento de criação de acervo museológico não tinha laços com uma memória do passado, sua configuração se torna interessante como registro e fonte histórica, pois sua constituição extrapolou o sentido da coleção de objetos curiosos, belos e raros e assume frontalmente seu *status* de “vetor”. Retomo a expressão de Meneses (2005) pois é precisa, no sentido de mostrar que os objetos selecionados para estes espaços tinham intensidade, direção e sentido definidos por um projeto pedagógico, consoante com um projeto de mundo que se delineava, com muitas esperanças e certezas. Analisar os museus escolares que ainda existem ou que se constituem exige este rigor quanto ao entendimento das dimensões que assume:

para analisar a cultura material, é preciso situá-la como suporte material físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução social. Conforme esse enquadramento, os artefatos – que constituem o principal contingente da cultura material – têm que ser considerados sob duplo aspecto: como produtos e como vetores de relações sociais. De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade (e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato). De outro lado, eles canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais (MENESES, 1983, p. 112-113).

Cabe talvez potencializar esta perspectiva, compreendendo que buscar entender a constituição dos acervos nas duas dimensões acima citadas – como produtos e como vetores das relações sociais - contempla en-

tendermos que nem sempre o que exemplarmente figura no museu estava presente no cotidiano das relações de ensino e aprendizagem da escola do passado a ser rememorado; e que a indagação “os objetos nos dizem o que escola faz?”, elaborada e respondida por Gaspar & Lunardi-Mendes (2015), é o tipo de pergunta historiadora a não se perder de vista, pois eles, os objetos, como também os arquivos escolares, nem sempre dirão das práticas, mas sim das representações (CHARTIER, 2002) e da criação de um tipo específico de memória marcado por relações de força, pelo que se deseja solidificar e o que se intenta diluir na amplitude do tempo.

ESCOLA, CONTEMPORANEIDADE E MUSEU: ANALISANDO A ATUALIDADE DA TRÍADE

Se a vinculação entre escola/escolarização-museus/modernidade parece ter sido construída na confluência da produção de uma memória que alimentasse a produção de uma identidade (nacional, regional, de classe, profissional, pedagógica, entre outras) o que há a se pensar em relação aos museus escolares na contemporaneidade, diante da propalada fragmentação de identidades, da globalização e das múltiplas narrativas que se produzem diante da movediça “modernidade líquida” (BAUMAN, 2003)?

Poder-se-ia, pela via mais cômoda, vaticinar a irrelevância dos lugares de memória (NORA, 1993) - lugares em que a memória encontra seu lastro material, onde a identidade busca raízes nos sinais de um tempo, de acontecimentos, de projetos de civilização crivados sob a forma de estátua, mobília, bandeira, utensílio, etc.- em tempos nos quais a construção de novos pertencimentos e seccionalidades soma-se à dissolução simbólica de fronteiras e ao surgimento dos “não-lugares”³ e dos lugares situados na virtualidade (MOCELLIM, 2009).

3 Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a ‘lugares de memória’, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 1994, p. 73 apud MOCELLIM, 2009).

No entanto ao historiador, ao museólogo, ao professor, abre-se justamente ali, na contradição, o espaço para a ressignificação do papel destes lugares. O retorno à história pela via das fontes que a produzem pode nos auxiliar a recuperar aquilo que talvez pareça difuso: algumas raízes, alguma lógica para nos ajudar a pensar como chegamos a ser o que somos. E mais, o momento presente possibilita a reinterpretação da história com base no cruzamento entre o que podemos encontrar num museu - como matéria sensorial viva - e o que localizamos no plano virtual, sem fronteiras de espaço. Neste sentido a escolarização e sua história, a escola e suas memórias e vestígios, são um substrato onde podemos encontrar, se não a homogeneização de um passado que nos equipara, vestígios de um projeto de civilização que marca muitas gerações em redor do globo e no qual certamente nossos estudantes, por serem parte da escola e por conseguinte de sua história, podem de algumas maneiras encontrar identificação sócio-cultural.

O museu da escola, fazendo parte deste um projeto de ressignificação do patrimônio cultural de uma comunidade “pode contribuir para fazer com que os estudantes percebam as diferentes relações existentes entre os monumentos, museus, praças e diferentes lugares que guardam memórias e suas trajetórias de vida” (GEVEHR, 2016, p. 949) . E, para além, podem apoiar a construção de uma leitura histórica e do conhecimento do passado que contemple o que Certeau (2011, p. 142) denomina como “sinais de uma triagem entre o que é proposto como homogêneo ao presente , ou ‘fundamental’ quer dizer, entre o que se tornou *impensável* e o que se tornou *pensável*. “

NO MUSEU DA ESCOLA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE UMA PESQUISA EM CURSO

O Museu da Escola Paranaense foi criado em 2013 através do Decreto N° 8.242 (Publicado no Diário Oficial do Paraná no dia 16 de maio de 2013, Caderno Poder Executivo Estadual, Edição n° 8959, p. 4) no âmbito da Secretaria de Estado da Educação. Segundo o citado decreto, sua criação advém do reconhecimento da “importância do patrimônio cultu-

ral, material e imaterial existente nas escolas da Rede Pública Estadual da Educação (...) que, por sua natureza, compõem a memória educacional e a história educacional paranaense” (PARANÁ, 2013).

Figura 1 - Fachada do Museu da escola Paranaense em uma manhã de fevereiro de 2018.



Fonte: Acervo da autora

O museu surge, portanto como “espaço para guarda de acervos documentais, mobiliários e equipamentos pedagógicos escolares de valor histórico e cultural”, e também como locus organizador dos “recursos técnicos e pessoal especializado para orientar e cuidar do patrimônio histórico escolar”, trabalho que tem como uma de suas principais frentes a organização de cursos e palestras sobre Educação Patrimonial com enfoque nos diferentes atores da realidade escolar (diretores, secretários, professores, estudantes) e na organização dos espaços de memória em cada uma das escolas estaduais do Paraná.

Durante as visitas técnicas ao museu e no convívio com algumas de suas práticas foi possível perceber que pouco a pouco a comunidade tem entendido seu papel na guarda patrimonial de objetos, acervos, arquivos, que tem chegado ao prédio histórico da Rua Bispo Dom José pela mão de pessoas comuns que ao se depararem com registros materiais das vidas de estudantes e professores intuem o que Lawn & Grosvernor

(2010) no seu artigo ‘*When in doubt, preserve*’, ou seja: “Em dúvida? Preserve”, como o que ocorreu por exemplo, com o resgate de um precioso álbum com atividades manuais de agulha produzido por uma estudante da Escola Profissional Feminina República Argentina, na década de 50, e que foi encontrado por um passante numa caçamba de lixo num bairro de Curitiba e entregue ao coordenador do museu da escola por uma corrente de mãos que percebiam ali o valor histórico daquele registro.

Ações de recuperação e guarda de arquivos escolares que se encontram em risco também têm mobilizado a equipe do museu. A mais recente envolveu uma grande mobilização para salvaguardar os arquivos e acervo do recém fechado Colégio Prieto Martínez, material que agora se encontra entre uma das frentes de trabalho da equipe técnica do Museu e de voluntárias do Projeto de Extensão Histórias e Memórias da Educação que têm trabalhado semanalmente com apoio e pesquisa em diferentes frentes na instituição.

E, se recuperar a memória da escola paranaense é das missões do Museu, uma das mais importantes preocupações da equipe no momento é a de recuperar a própria história do prédio histórico onde o MEP se abriga, história que começa em 1906 com a fundação de um dos primeiros grupos escolares de Curitiba, o Grupo Escolar Cruz Machado que permaneceu ativo até 1925. Entre os anos de 1930 a 1961 o prédio abrigou órgãos do governo estadual e aí está uma lacuna a ser preenchida: que órgãos ali funcionaram? Houve de fato a instalação da Inspeção de Ensino no prédio neste período? Onde estão os registros de décadas de atividades neste espaço? As perguntas nos movem em diferentes direções, e reforçam a tomada de responsabilidade ante a urgência de contribuir para a preservação e acesso às notoriamente esparsas fontes históricas da e sobre a escola.

A história deste espaço, concebido no auge da crença numa escola que seria o “templo da civilização” (SOUZA, 1999) foi entrecortada também por um período de 4 décadas em que o prédio foi transformado em delegacia de polícia (abrigou uma Delegacia para Menores e posteriormente uma Delegacia de Narcóticos), os registros sobre este período estão cravados nas reformas internas do prédio, sobretudo em seu subsolo que guarda nas paredes das galerias o paradoxo das descontinuidades

na história, em frases escritas pelos presos nas celas úmidas e sem janelas que suscitam reflexões acerca do desenrolar do projeto educacional republicano e suas idiossincrasias, sobre o projeto moderno de civilização e os limites de seu alcance.

Figura 2 - Vestígios do período de funcionamento de delegacias no prédio do MEP. À esquerda inscrições na parede de uma cela, à esquerda porta de ferro e suas trancas.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Considerando que iniciamos este texto a falar em descontinuidades, nos parece que o lugar físico do Museu da Escola Paranaense testemunhou as irregularidades que fazem da história essa bela trama, onde os nós, as imperfeições em seu avesso, são fundamentais para o desenho que apreenderemos ao observá-la como a uma tapeçaria. Um lugar que também simbolicamente deixou diferentes marcas na comunidade de seu entorno e que agora reivindica um novo espaço, que sem desconsiderar sua trajetória e mutações, pode com maturidade se constituir em espaço democratizador de experiências, de possibilidades de construção de narrativas sensíveis no encontro com a História da Educação e com a alteridade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CERTEAU, M. de. *A escrita da História*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- FARGE, A. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- GASPAR DA SILVA, V. L.; LUNARDI-MENDES, G. Os objetos nos dizem o que a escola faz? Entre tablets, computadores e laptops. In: CATANI, D. B.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.). *O que a escola faz?* Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU, 2015. p. 342-372.
- GEVEHR, D. L. A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 67, out.-dez, p. 945-962, 2016.
- GONÇALVES, Nadia G. *Histórias e Memórias sobre Educação vol.II*. Curitiba: Setor de Educação, 2019.
- HOBSBAWM, E. & RANGER, T. (orgs.). *A invenção das tradições*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LAWN, M.; GROSVENOR, I. 'When in doubt, preserve': exploring the traces of teaching and material culture. *English schools, History of Education*, 30:2, 117-127, 2010.
- MENESES, U. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista. São Paulo*. N. Ser. v.2 p. 9-42 jan./dez. 1994.
- MENESES, U.B. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, B.G. e VIDAL, D. G. *Museus: dos Gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2005. p. 18-84.

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

MOCELLIM, A. Lugares, Não-Lugares, Lugares Virtuais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Vol. 6 - n. 3, p. 77- 101, jan.-jul. 2009.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PARANÁ. Decreto 8242 - 16 de Maio de 2013. *Diário Oficial* nº. 8959 de 16 de Maio de 2013.

PINEAU, P. Como a noite engendra o dia e o dia engendra a noite: Revisando o vínculo da produção mútua entre escola e Modernidade. *Pro-Posições*, v. 19, n. 3 (57), p. 83-104. set./dez. 2008.

SILVEIRA, M. H. P. Museu da Escola Paranaense. *Educar em Revista*, n.49, 357-360, jul./set. 2013.

SOUZA, R.F.de. *Templos de civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no estado de São Paulo, 1890-1910*. São Paulo, SP: Fundação Editora UNESP, 1999.

VIDAL, D. G. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no final do século XIX. In: VIDAL, D.G.; SOUZA, M.C.; CORTEZ, C. (org.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 107-116.

MEMÓRIAS DO ARQUIVO: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM SUAS FONTES MATERIAIS¹

Bruno Ercole

Bacharel e Licenciado em História pela UFPR e
membro do projeto de Extensão Histórias e
Memórias sobre Educação.
Mestre em História - UFPR.

Neste capítulo trago um pouco da experiência adquirida no trabalho que realizei em conjunto com a equipe do Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação no arquivo do Setor de Educação da UFPR. Como membro do projeto desde 2016, tive a oportunidade de realizar inúmeras atividades que se relacionam à História da Educação, e uma das mais interessantes foi o levantamento do acervo documental que compõe o arquivo do Setor.

Desta forma, começo este texto falando um pouco da história da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, e do Instituto Superior de Educação – anexo a ela –, fundados no ano de 1938, e que, depois de várias transformações, deram lugar, em 1973, aos setores de Ciências Humanas e de Educação da Universidade. Na sequência, exploro um pouco o patrimônio documental do arquivo em si, procurando apresentar algumas das diversas séries documentais que nossa equipe

1 Capítulo originalmente publicado em Histórias e Memórias sobre Educação Vol.II (GONÇALVES, 2019).

encontrou preservadas, e, me apoiando na teoria historiográfica pertinente para cada tipo de fonte, teço comentários acerca das formas pelas quais o arquivo do Setor de Educação pode contribuir – como já tem contribuído – para pesquisas originais no campo da História da Educação.

O ARQUIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UFPR E DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ANEXO

A Universidade Federal do Paraná tem o início de sua história no ano de 1912², como uma das primeiras instituições de ensino superior no país, sendo inicialmente composta por menos de dez cursos em um regime particular³. Em anos seguintes, demais cursos de nível superior foram iniciados e em 26 de fevereiro de 1938, surgiram a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o Instituto Superior de Educação – este último, contando com os seguintes cursos: Educação; Formação de Professor Primário; Formação de Professor Secundário; e Administradores Escolares (GONÇALVES, 2016, p. 16).

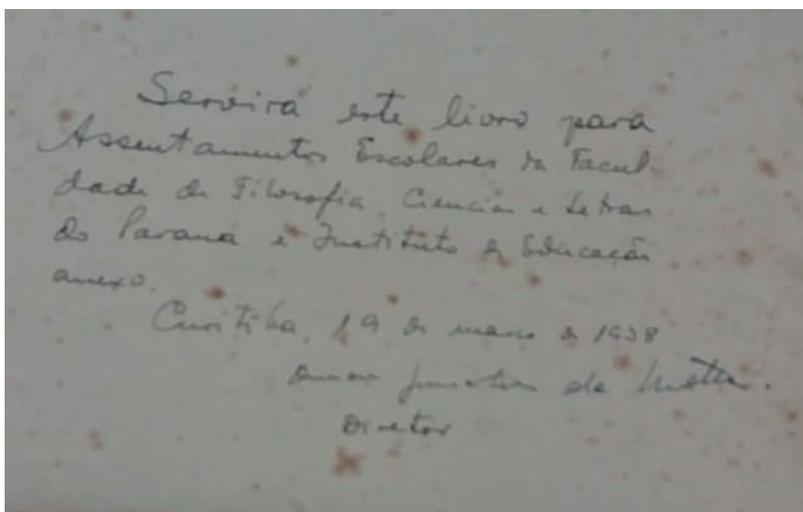
A exemplo do que acontece hoje nas instituições de ensino, a matrícula de alunos, a organização das matérias, das Cátedras, a contratação de professores, eram todas atividades pautadas em uma rotina burocrática e assim, principalmente na primeira metade do século XX, deixaram atrás de si uma *trilha de papéis*, de grande interesse para os pesquisadores que a conhecem como fontes históricas.

2 Há questões fundamentais que devem ser comentadas neste âmbito, como o fato de que em 1918, devido à lei Maximiano (nº 11.530/1915), a Universidade do Paraná foi desmembrada em três Faculdades, a de Medicina, a de Direito e de Engenharia. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, desta forma, era uma instituição isolada, que não mantinha relação institucional com as três faculdades. Este quadro seria revertido apenas em 1946, com o Decreto-lei nº 9.323 que sancionou a restauração da Universidade do Paraná, agora composta pelas Faculdades de Direito, de Engenharia, Medicina e de Filosofia, Ciências e Letras e que, em 1950, foi federalizada (GONÇALVES, 2016, p. 17-18).

3 Dados provenientes do site da Universidade Federal do Paraná.

Este é o início da história do arquivo do Setor de Educação, e seus primeiros documentos ainda preservados – materiais como os que foram citados – datam precisamente desta época. Exemplo disto é a imagem abaixo, que mostra um dos primeiros documentos – em ordem cronológica de produção – encontrados pelos bolsistas no arquivo, o registro de matrículas do ano de 1938:

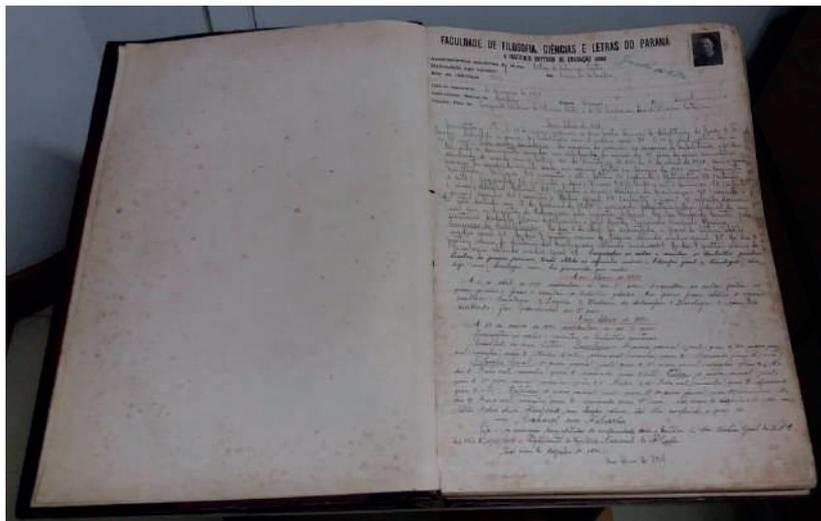
Figura 01 – Primeira página do livro de matrículas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1938)



Fonte: Arquivo do Setor de Educação.

Na imagem acima, lemos “Servirá este livro para Assentamentos Escolares da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná e Instituto de Educação anexo. Curitiba, 19 de março de 1938 (Assinatura) Omar Gonçalves da Motta. Diretor.” Nas páginas seguintes, podemos ver os registros dos alunos matriculados a partir daquele ano. O primeiro deles – que pode ser visto na imagem abaixo – é de uma aluna, inscrita no Curso de Filosofia da instituição:

Figura 02 – Primeira matrícula registrada no Curso de Filosofia



Fonte: Arquivo do Setor de Educação.

Com relação ao espaço físico da Faculdade de Filosofia, o Campus Reitoria, uma decisão só foi tomada nos anos 1950 após a federalização da Universidade. Assim, no ano de 1958 o prédio D. Pedro I foi inaugurado (GONÇALVES, 2016, p. 18). Desta época, pode-se observar a imagem, na qual figuram integrantes da equipe de construtores que, nos anos de 1950, foram os responsáveis por levantar os dois prédios⁴:

4 De acordo com Mario Ercole, um dos funcionários da obra do edifício D. Pedro II, havia equipes distintas trabalhando em cada um dos prédios – D. Pedro I e D. Pedro II. Esta fotografia, tirada na década de 1950 e pertencente a um arquivo familiar, mostra a construção do segundo prédio. Ercole teria sido o último dos funcionários a deixar o prédio depois de finalizado e compartilhou com a família inúmeras histórias sobre a construção, como por exemplo, o fato de que os detalhes das janelas exteriores do prédio haviam acabado de ser terminados quando uma tempestade levou embora todo o acabamento e o mesmo precisou de ser refeito.

Figura 03 – Equipe de construção do Prédio D. Pedro II (195?)



Fonte: Acervo do autor.

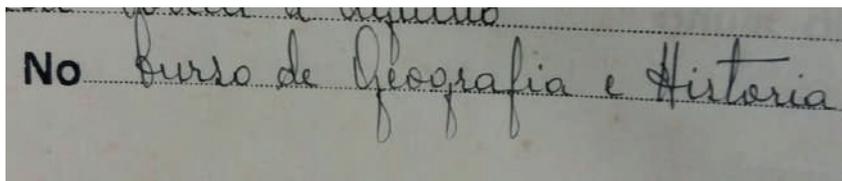
A Faculdade passou por várias transformações desde sua fundação em 1938, e novos modelos de organização foram implementados nas décadas seguintes⁵, até chegar-se ao ano de 1973, quando, por meio do Decreto nº 72.782 se estabelece uma grande reforma, na qual são criados na Universidade três Setores básicos e cinco Setores profissionais. Estes últimos contavam com o Setor de Educação, que, por sua vez, se organizava em Departamentos (GONÇALVES, 2016, p. 23-24).

A partir desta data, os documentos referentes a cada um dos cursos anteriores tiveram destinos distintos – como o exemplo dos materiais produzidos pelo recém-criado Departamento de Ciências Humanas –, porém o arquivo que passou a fazer parte do Setor de Educação conservou materiais oriundos da antiga Faculdade. E é assim que, entre os milhares de materiais higienizados, há, por exemplo, materiais que per-

5 Como exemplos destas transformações temos a sua reorganização em Departamentos e Cursos – adequando-se ao Decreto-lei nº 1.190/39, âmbito no qual foram criados os Departamentos de Filosofia, de Ciências, de Letras e de Pedagogia (GONÇALVES, 2014, pp 23-24).

tencem aos Cursos de Geografia e História – atualmente pertencentes a outros Setores – que começam sua trajetória na Faculdade como um único Curso, com consta na imagem que segue abaixo:

Figura 04 – Detalhe do livro de matrículas da Faculdade, 1938.



Fonte: Arquivo do Setor de Educação.

Por fim, é necessário comentar que, embora a equipe tenha encontrado este sem número de documentos nas centenas de caixas de papelão abarrotadas no arquivo, estes materiais ainda estavam por ser devidamente higienizadas e catalogados. Em meados de 2014, o arquivo estava organizado como segue na Figura 5.

E desta forma, em 2014, teve início essa atividade do projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, que foi concluída no final do ano de 2017, com um total de 711 caixas com seus documentos já devidamente higienizados e identificados, além de mais de uma centena de livros ponto, atas e registro de alunos. A partir da finalização desta etapa, a nova dimensão da atividade irá necessitar do trabalho conhecimento específico da arquivística, para organização dos materiais.

Figura 05 – Arquivo Histórico do Setor de Educação, 2014.



Fonte: Acervo do projeto Histórias e Memórias sobre Educação.

POR DENTRO DO ARQUIVO: OS DIVERSOS MATERIAIS E POSSIBILIDADES DE PESQUISA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Embora a narrativa historiográfica exista desde a Antiguidade, a História surgiu como ciência acadêmica apenas no século XIX. Nesta época, inspirada pela corrente filosófica do Positivismo e no âmbito da construção dos Estados Nacionais, somente os documentos oficiais – provenientes de chancelarias, por exemplo – preservados nos arquivos foram considerados verdadeiras fontes históricas, para a construção de um saber essencialmente político (STONE, 2013, p. 11).

Depois disto, muitas foram as vozes que se levantaram contra este domínio do documento escrito para a construção do saber historiográfico. Dentre elas, destacam a Escola dos *Annales* que, desde 1929, tem influenciado o *métier* do historiador (BARROS, 2010, p. 02).

À primeira vista, o trabalho desenvolvido no arquivo do Setor pode parecer situado na concepção mais tradicional de História, devido ao fato de que ele é, por princípio, o local de guarda de documentos oficiais produzidos por uma instituição – no caso que apresento aqui, a própria Universidade em seus mais diversos modelos de organização. No entanto, com um olhar mais atento, pude perceber, ao longo dos anos em que desenvolvi o trabalho no arquivo junto com a equipe de bolsistas, que nem todos os documentos contidos naquelas caixas que estavam empilhadas em prateleiras seriam considerados materiais de interesse para um historiador do século XIX.

A explicação para este fato vem de uma constatação simples. Via de regra, os documentos do arquivo do Setor de Educação são as fontes para a *História da Educação*, um ramo desta ciência que conquistou seu espaço no campo da pesquisa historiográfica nas últimas décadas.

Partindo deste interesse pela História da Educação, posso apresentar, agora, alguns exemplos de documentos encontrados no arquivo e procurar discutir a melhor forma de abordá-los de um ponto de vista historiográfico. O primeiro deles, o livro de matrículas da Faculdade, do ano de 1938 (Imagens 01 e 02), representa um dos pontos principais – talvez o principal – da educação: os alunos.

Historicamente, o acesso à educação superior no Brasil foi bastante restrito, geralmente direcionado às camadas mais abastadas da população. A pouca oferta de vagas em Instituições Federais, ou mesmo Estaduais, aliada ao difícil acesso às mesmas, levou muitos estudantes vindos de famílias mais carentes a procurarem outras formas de educação, ou mesmo a desistirem de carreiras especializadas ao terminarem o Ensino Médio.

No caso da UFPR, o ano de 2018 representou uma mudança neste paradigma. Pela primeira vez nos mais de cem anos de história da instituição, o número de estudantes oriundos de escolas públicas ultrapassou o número de candidatos aprovados egressos de escolas particulares (FONTANA E MARTINS, 2018). Mas deve questionar-se sobre como era este cenário discente no começo do século XX.

O livro de matrículas é uma excelente fonte para quem procura responder a este questionamento. Com o registro de alunos da Universidade a partir do ano de 1938, o pesquisador pode, com o uso da história demográfica, social, ou mesmo da prosopografia⁶, procurar traçar um perfil destes estudantes, em âmbito econômico, social, cultural, ou mesmo de gênero, produzindo uma série de questionamentos – quantas *alunas* figuravam nestas turmas? Qual era o perfil social dos alunos ingressantes?

No outro extremo da atividade educacional, encontramos a atuação dos professores e as suas respectivas matérias – ou cátedras, conforme podemos perceber ao analisarmos as fontes. No arquivo estão preservados livros com o registro destas disciplinas ao longo dos anos.

E alguns pontos destes currículos são interessantes para análise. Eles podem convidar os pesquisadores a buscarem uma análise comparativa acerca dos outros cursos superiores de História presentes no país, para que se possa entender como o currículo de outras instituições de ensino estava estruturado, e identificar se as matérias no Paraná se aproximavam das instituições contemporâneas. Além disso, o estudo da história da História no Brasil – que no currículo atual do curso na UFPR se chama de Historiografia Brasileira – é um campo de estudos já estabelecido, que só poderá se beneficiar com fontes como esta apresentada pelo livro preservado.

Além das fontes já citadas, ainda há um grande número de documentos catalogados que podem ser fontes para as mais diversas pesquisas, como é o caso das ementas e ofertas de matérias, documentação relativa aos eventos da Instituição, ofícios, circulares e comunicados internos, relações de despesas, propostas de Projetos, livros ponto, somente para citar alguns exemplos.

6 Estes elementos indicam maneiras distintas de se trabalhar o objeto histórico. De acordo com Barros (2004, p. 26) a história demográfica trabalha com o que se refere à população, com suas variações e declínios, podendo focar-se em grupos específicos (aqui, no caso, os estudantes de nível superior) - e pode ligar-se às suas vidas na sociedade, definindo-se também no âmbito da história social. Já o estudo prosopográfico, segundo Stone (2011, p. 115) trata-se de uma biografia coletiva, na qual se procuram características comuns entre os sujeitos de um determinado grupo - novamente, neste contexto, os estudantes da Universidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Após anos de trabalho, surpresas e descobertas, os documentos do Arquivo do Setor de Educação estão higienizados, catalogados e o acesso a eles disponível aos pesquisadores⁷. Mas o trabalho iniciado pela equipe do projeto Histórias e Memórias sobre Educação em meados de 2014 e coordenado pela professora Nadia G. Gonçalves está longe de terminar. Uma etapa concluída apenas abre espaço para os próximos passos, e novas levadas de alunos bolsistas e pesquisadores se envolvem neste processo que deixa a História da Educação palpável, mais próxima dos profissionais que a ela dedicam suas carreiras.

O final desta etapa no processo também deixa entrever em linhas bastante destacadas a verdade que por muito tempo ficou eclipsada sobre os arquivos: eles estão vivos. Não se trata do arquivo morto, um depósito de papéis velhos que já não têm mais utilidade e são empilhados sem cuidado algum por questões meramente burocráticas. As histórias contidas naquelas mais de setecentas caixas contam, com cores vivas, não só a história da UFPR, mas também colocam em destaque a atuação de seus agentes, para quem a instituição existe. Afinal, sem o valioso componente humano, não se faz educação.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. A. A escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. *Revista História em Reflexão*: Vol. 4, nº 8 – UFGD – Dourados. Jul/dez 2010. pp. 1-29. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis16/art3_16.pdf>. Acesso em 07 out 2018.

_____. Os campos da História - uma introdução às especialidades da História. *Revista HISTEDBR Online*: nº 16, Unicamp, Campinas. Dez/2004. pp. 17-35.

7 Recebemos o primeiro deles ainda no final de 2016, quando muitos dos materiais ainda não haviam sido catalogados.

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

FONTANA, N., MARTINS, J. S. *Assembleia no Enem: 60% dos aprovados no vestibular da UFPR são de escolas públicas*. Publicado em 12 jan 2018. Acesso em: 8 mai 2017. Disponível em: <<http://www.alep.pr.gov.br/divulgacao/noticias/assembleia-no-enem-60-dos-aprovados-no-vestibular-da-ufpr-sao-de-escolas-publicas>>.

GONÇALVES, N. G. A Educação na Universidade Federal do Paraná: elementos sobre uma trajetória histórica. In: GONÇALVES, N. G., VIEIRA, C., E. *Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938 – 2014): Histórias, Memórias e Desafios Contemporâneos*. Curitiba: Ed. UFPR, 2016. pp 15 – 57.

STONE, L. O retorno da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In: NOVAIS, F. A., SILVA, R., *Nova História em perspectiva*. vol 2. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 8-36.

_____. Prosopografia. *Revista de sociologia e Política*. Vol. 19, nº 39. Curitiba, Jun/2011. pp. 115-137. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31689/20209>> . Acesso em : 07 out 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. *Histórico*. Disponível em: <<http://www.ufpr.br/portalfpr/historico-2/>>. Acesso em 8 mai 2018.

EXPOSIÇÃO MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ¹

Cynthia Paula Pereira
Graduada em Pedagogia pela
Universidade Federal do Paraná,
e-mail: cynthiapaulapereira@yahoo.com.br.
Foi voluntária do projeto de extensão:
Histórias e Memórias sobre Educação.

Rayza Adriely Ferreira
Graduada em Pedagogia pela
Universidade Federal do Paraná.
Cursando especialização em Educação
Profissional e Técnica em nível médio no
Instituto Federal do Paraná.
E-mail: rayzadriely@yahoo.com.br.
Foi bolsista/voluntária do projeto de extensão:
Histórias e Memórias sobre Educação.

1 Capítulo originalmente publicado em Histórias e Memórias sobre Educação II (GONÇALVES, 2019).

O objetivo deste capítulo é apresentar um relato de experiências de uma pesquisa sobre histórias e memórias do Colégio Estadual do Paraná. Os relatos que serão abordados são derivados do trabalho de conclusão de curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia de nossa autoria, pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da professora Dr^a Nadia Gaiofatto Gonçalves. A pesquisa foi realizada ao longo do ano de 2015, cuja parte prática ocorreu no mês de setembro e a apresentação do TCC para a banca examinadora se deu no final do mesmo ano.

O TCC intitulado: *Histórias e Memórias do Colégio Estadual do Paraná: uma ação educativa com alunos do 6º ano*, foi realizado em parceria com o projeto de extensão da UFPR: *Histórias e Memórias sobre Educação* e o Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (CMCEP). Nosso interesse com o tema surgiu após participarmos como bolsistas/voluntárias deste projeto de extensão e termos contato com a temática história das instituições escolares, durante disciplinas que tivemos ao longo da graduação.

CONHECENDO AS HISTÓRIAS DO LICEU DE CURITIBA AO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

Atualmente o Colégio Estadual do Paraná possui 172 anos de existência, sendo também conhecido como “CEP” ou simplesmente “ESTADUAL” e está situado na Av. João Gualberto, nº250 na cidade de Curitiba.

Figura 1: Prédio do Colégio Estadual do Paraná (sem data)



Fonte: Acervo CMCEP, 2010.

O CEP é o maior e mais antigo colégio do Estado do Paraná, possui um enorme acervo documental que tem muito a revelar sobre sua história. Mas nem sempre o colégio teve essa nomenclatura e nem sua atual localização. A trajetória do CEP possui inúmeras mudanças, permanências e rupturas. Faremos agora uma breve incursão acerca dessa história.

Pode-se dizer que a gênese do Colégio Estadual do Paraná se inicia em 1846, pautado pela Lei nº 33 de 13 de março de 1846, que criava em Curitiba um estabelecimento de ensino secundário, chamado Liceu de Curitiba. Nessa época o Paraná ainda pertencia à Província de São Paulo, tendo sua emancipação em 1853 (ZACHARIAS, 2013).

O prédio do Liceu ficava localizado na Rua da Assembleia (atual rua Dr. Muricy). Esse prédio foi construído em 1858. Com a Lei nº 204 de 7 de junho de 1869, o Liceu de Curitiba é extinto, pois foi enfraquecendo devido não serem preenchidas as cadeiras, algumas vezes por falta de docentes, outras por falta de educandos. Porém, segundo Straube (1993), embora extinto em 1869, o Liceu de Curitiba deixou funcionando algumas cadeiras (STRAUBE, 1993).

Em 1876 o Liceu de Curitiba passou a ser chamado de Instituto Paranaense. e em anexo é criada a “Escola Normal”, atualmente Instituto de Educação Professor Erasmo Pilotto. O Instituto Paranaense ficava localizado na antiga residência do Visconde de Nacar, atualmente o local é a sede do Instituto de Engenharia, na rua Emiliano Pernetta, no centro da capital (STRAUBE, 1993, p. 11).

Em 1892 por determinação da reforma de ensino, muda a denominação para Ginásio Paranaense, conservando este nome até 1942 (STRAUBE, 1993, p. 11). Essa mudança ocorre devido a algumas medidas do governo federal, as quais visavam à uniformidade do ensino secundário.

Segundo a Lei Orgânica todos os estabelecimentos que oferecessem segundo ciclo-colegial deveriam ser denominados Colégio. O Ginásio Paranaense ofertava os dois ciclos: ginásial e colegial. Com o Decreto Estadual nº 614 de julho de 1942, mudou então a denominação de Ginásio Paranaense para Colégio Paranaense. O Colégio Paranaense externato passou a funcionar como colégio e logo sua denominação mudou com o Decreto nº 1859, de março de 1943, para Colégio Estadual do Paraná. Na sua atual sede, iniciou-se a construção em 1944 que levou seis anos para ficar pronta.

O Colégio foi inaugurado no atual prédio, no dia 9 de março de 1950 pelo presidente da república General Eurico Gaspar Dutra. No final de 1951 foi inaugurada a área desportiva do Colégio, com amplo espaço, incluindo até uma piscina olímpica que por décadas foi a única do Estado do Paraná.

Foi criado em 1979 o Museu de Ciências Naturais “Museu Professor Guido Straube” em homenagem ao professor Guido Straube. O Museu ainda existe com amplo acervo e poderia contribuir para o ensino e a pesquisa, porém, não é usado e até mesmo desconhecido por muitos.

O Colégio Estadual do Paraná foi tombado em 1994 pela Coordenadoria de Patrimônio Cultural². Durante décadas o Colégio foi reconhecido com um espaço privilegiado de ensino, referência para a educação paranaense.

2 A Coordenadoria é responsável por assuntos referentes, à preservação do patrimônio histórico, arqueológico artístico e natural do Paraná. Sendo pautada pela Lei Nº 1211/53. As ações realizadas por essa Coordenadoria são: o tombamento, a restauração, a conservação e a divulgação desses bens culturais do Estado do Paraná.

Atualmente o Colégio Estadual do Paraná oferta o Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular e o Ensino Médio integrado aos cursos de: Técnico em Comunicações e Artes, Técnico em Prótese Dentária, Técnico em Edificações, Técnico em Arte Dramática e Artes Cênicas. O CEP também oferece no Ensino Subsequente, os seguintes cursos: Técnico em Administração, Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, Técnico em Arte Dramática e Artes Cênicas, Técnico em Edificações, Técnico em Saúde Bucal, Técnico em Informática e Técnico em Secretariado (PARANÁ, 2006, p. 133).

A ESCOLHA DO TEMA E A ORGANIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Desde as nossas conversas preliminares sobre a pesquisa, pensamos em conhecer a história do CEP e na sequência montar uma exposição histórica buscando realizar uma ação educativa onde os alunos pudessem ter uma experiência prática sobre a história do colégio, consequentemente, contribuindo para gerar um sentimento de identidade e pertencimento, assim como, para uma reflexão sobre educação patrimonial.

A Educação patrimonial pode ser definida como:

[...] um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Esse processo eleva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. [...] O princípio básico da Educação Patrimonial é a experiência direta dos bens e fenômenos culturais, para se chegar à sua compreensão e valorização, num processo contínuo de descoberta. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO; 1999, p. 6).

Carlos (2012) nos diz que a escola enquanto instituição é produtora de vestígios de diversas naturezas, que podem se constituir em fontes para a educação patrimonial. O CEP, por sua vez, possui um diferencial em relação à maioria das instituições escolares, pois possui um

Centro de Memória. O CMCEP é responsável pela guarda, conservação e divulgação da história do colégio, tendo um vasto acervo documental, patrimonial e histórico. Neste momento cabe destacar a parceria desta pesquisa com o CMCEP por meio da sua então Coordenadora, Ana Lygia Czap, que muito contribuiu desde os momentos das primeiras pesquisas, até a montagem e realização da exposição, com o projeto de extensão da UFPR já mencionado.

Antes da escolha do tema da exposição, fizemos uma reunião para pensar em possíveis temas. A exposição seria aberta para toda a comunidade escolar, mas para algumas turmas do sexto ano do ensino fundamental seria realizada uma palestra referente à história do CEP, para dar um aprofundamento além do que seria exposto aos demais educandos.

O tema escolhido para a exposição foi: *Mudanças e permanências no CEP*. A escolha se deu levando em conta atingir um público amplo de todas as faixas etárias. Foi feita uma reunião com a diretoria da escola apresentando nossa ideia que foi aceita e documentada via memorando. Após a escolha da temática e a autorização da direção do colégio, partimos para a definição das datas para a realização da exposição, ambientes e escolha das peças a serem expostas.

O período escolhido foi 21, 22 e 23 de setembro e a exposição seria dividida em três ambientes. No primeiro, contendo fotografias desde a época do Liceu de Curitiba até o atual prédio do CEP, também haveria fotografias das salas de aula e laboratórios da década de 1950 e 2010, assim os alunos poderiam refletir e comparar o que mudou e o que permaneceu. No segundo ambiente exposto, a representação de uma sala de aula da década de 1940. E por fim o terceiro ambiente, contendo diversos objetos do acervo, como máquinas de datilografia de diferentes épocas, mimeógrafo, caneta tinteiro, cartilhas, maleta geométrica entre outras peças. Também seriam disponibilizadas máquinas de datilografia para uso dos alunos, conforme esquema da figura 2.

Figura 2: Esquema da exposição.



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

Para a ação educativa específica com os alunos do sexto ano, Ana Lygia conversou com a professora de História do CEP, Vanessa Mesquita Sanbim que ficou muito empolgada com a exposição e relatou: “*Os alunos sempre me cobram querendo conhecer mais sobre a história do colégio e seus espaços. Os alunos do sexto ano sempre ficam empolgados quando têm a oportunidade de realizar atividades fora da sala de aula*”.

Algumas semanas antes da realização da exposição foram necessários alguns procedimentos como: pintura dos expositores, higienização das peças, preparo do mimeógrafo e das máquinas de datilografia para estarem em plenas condições de uso, fabricação de etiquetas descritivas, seleção de fotografias, entre outros.

A divulgação da exposição foi feita por meio de cartazes expostos em todo colégio.

Figura 3: Cartaz da exposição Mudanças e Permanências CEP



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

EXPOSIÇÃO CEP: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

A exposição CEP: Mudanças e Permanências foi aberta para todo o colégio, alunos, pais, funcionários e todos que circulavam tiveram acesso devido à sua localização no hall de entrada. Durante todo o dia monitores eram responsáveis pela explicação e esclarecimento de dúvidas que surgiram. Inicialmente os alunos se dirigiam a um dos expositores de fotografias para ouvir as histórias sobre a origem do CEP, conforme figura 4.

No espaço destinado à representação de uma sala de aula de época os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e ter um contato direto com os objetos, sentar nas carteiras duplas e utilizar a caneta tinteiro. A respeito desse tipo de experiência, Bittencourt (2004) nos aponta que:

É fundamental uma aproximação do aluno com o objeto, deixando-o expressar livremente suas impressões. Preferencialmente deve ser-lhe possibilitado um contato físico com as peças, estimulando sempre suas impressões e favorecendo uma compreensão global proveniente de seu conhecimento intuitivo. (p. 358)

Oportunizar uma experiência dessas, estimula, instiga e desperta os alunos para um saber até então desconhecido, permite conhecer e reconhecer o passado e o contexto que gerações anteriores viveram. Para muitos alunos se trata de algo “novo” e repleto de questionamentos.

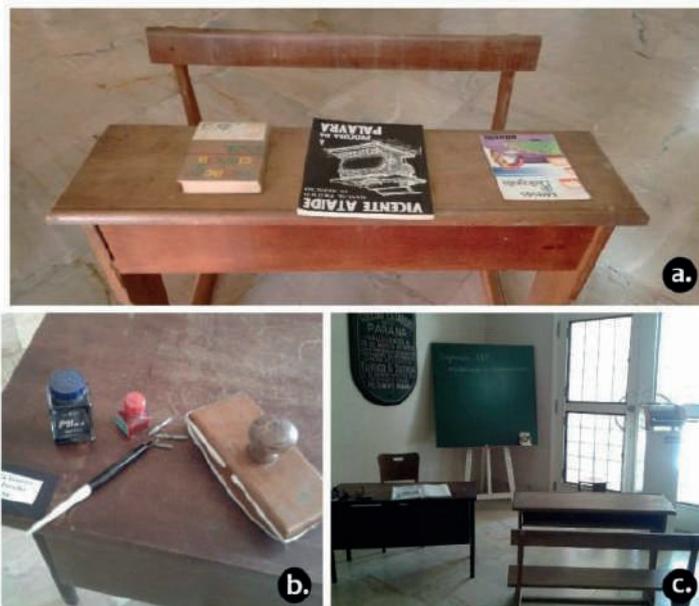
Figura 4: Explicação sobre a história do CEP contada a partir das fotografias



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

As figuras 5 e 6 a seguir mostram imagens da sala de aula de época, e os alunos escrevendo com caneta tinteiro:

Figura 5: a) carteira dupla, cartilhas de datilografias e livros de ciências; b) caneta tinteiro, tinta e mata borrão; c) sala de aula da década de 1940.



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

Figura 6: alunos do 6º ano escrevendo com caneta tinteiro



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

A maioria dos alunos gostou muito de escrever na máquina de datilografia (figura 7), apesar de algumas dificuldades, como as teclas exigindo mais força na hora de apertar, de não poder apagar quando bate uma letra errada, mudar de linha manualmente, não ter as opções de fonte, tamanho de letra, dentre outras ferramentas que o computador oferece com muitas variedades, sendo uma experiência distinta do mundo digital em que estão inseridos (FERREIRA; PEREIRA, 2015, p. 47). Alguns comentários surgiram como: “*que massa, a gente digita e a máquina já imprime instantaneamente*”.

Figura 7: Aluna escrevendo com a máquina de datilografia



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

Além das imagens e relatos já apresentados até aqui, os alunos rodaram cópias no mimeógrafo, puderam sentir o cheirinho de álcool vindo do papel, enquanto esperavam as folhas secarem, apenas uma aluna relatou já ter visto um mimeógrafo na sua antiga escola. Outros diziam, “*que legal essa impressora*”. Já alguns pais e funcionários recordaram e relataram experiências vividas com o objeto e como sentiam falta dessa época.

Por fim, os alunos escreveram em papéis que eles mesmos rodaram no mimeógrafo, relataram suas percepções do que mais gostaram e

do que conheceram ou reconheceram durante a exposição. Seleccionamos 5 deles, conforme relatos a seguir:

“Eu gostei da caneta tinteiro porque ela é bem fina e deixa a letra bem bonita, e a máquina de datilografia porque é bem interessante.”

“Achei muito interessante, pude ver como eram as salas de aula antigamente e como era o prédio por dentro, por um momento me senti em 1846.”

“Muito legal, o que eu mais gostei foi escrever com tinta daquela caneta antiga. Gostei de ver a maquete e as mudanças.”

“Eu achei tudo muito interessante, eu gostei mais da máquina de escrever e da mesa dos alunos, muito legal!”

“Achei muito interessante algumas coisas e acho que deveria permanecer as carteiras [em] que sentam duas pessoas.”

De um modo geral, a exposição proporcionou experiências que ficaram registradas na vida dessas crianças. Elas demonstraram grande curiosidade podendo experimentar e conhecer um pouco do passado, assim, internalizaram a ideia de história, noções de tempo e temporariedade, mudanças e permanências ocorridas ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse capítulo buscamos apresentar um relato da experiência vivida desde a pesquisa até a exposição histórica CEP: Mudanças e Permanências. Desde o início da nossa pesquisa e até as reuniões que tivemos ao longo de todo o projeto, nosso objetivo principal era atingir os alunos do 6º ano e os demais alunos que passassem pela exposição. Porém, verificamos que nosso objetivo foi alcançado e se estendeu a um público ainda maior que o esperado, atingiu também o público adulto, pais e funcionários. Tanto o mimeógrafo quanto a máquina de datilografia trouxeram à tona um sentimento de reconhecimento e pertencimento histórico por parte dos adultos. Ao recordar o passado, vários sentimentos foram aflorados, saudade, nostalgia e alegria. Sentimentos esses que

foram trazidos à memória a partir do contato seja com o objeto, com as histórias ou fotografias apresentadas.

Por parte dos discentes percebemos que muitos deles, manifestaram interesse em trazer seus pais, irmãos e avós para conhecerem a exposição. Alguns relataram que seus pais e avós já usaram vários dos objetos expostos. Já outros alunos aproveitaram para tirar fotografias com seus celulares e deixarem registrados os momentos vividos nesta data.

Por estar diariamente circulando nos corredores do colégio, a maioria dos alunos não se dá conta da importância de conhecer, preservar e divulgar a história do CEP. O prédio do colégio é tombado e possui inúmeras histórias que podem ser contadas por meio de seus corredores, escadas, mobiliário, acervo e funcionários que fizeram e fazem parte dessa história, assim como seus próprios alunos.

Cabe ressaltar que só foi possível a realização dessa pesquisa devido às parcerias entre o CMCEP e o projeto de extensão: *Histórias e memórias sobre educação* da UFPR. Graças a esse trabalho em conjunto foi possível proporcionar momentos inesquecíveis de muito conhecimento e aprendizado, que temos a certeza que ficaram na memória de quem pôde vivenciar. As expressões contidas nos rostos das crianças e adultos, assim como suas falas e descrições demonstraram que nossos objetivos foram alcançados.

Concluimos dizendo que por meio da exposição CEP: Mudanças e Permanências, contribuimos causando impacto em cada aluno, pai, professor e funcionário. Saíram da exposição com experiências diferentes sendo essas de reflexão, conhecimento, vivências e experimentações únicas e distintas para cada um que por ela passou.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CARLOS, A.L.G.. Arquivos escolares e ensino de história: interlocuções possíveis. *Aedos* n. 11 vol. 4 - Set. 2012.

FERREIRA, R. A.; PEREIRA, C.P. *Histórias e Memórias do Colégio Estadual do Paraná: uma ação educativa com alunos do 6º ano*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Museu Imperial IPHAN/MinC. Brasília, 1999.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Cultura. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. *Espirais do tempo*. Curitiba: SEEC, p. 132-133, 2006.

STRAUBE, E. C. *Do Liceu de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846-1993*. Curitiba: Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná, 1993.

ZACHARIAS, M. R. *Espaços e processos educativos do ginásio paranaense: os ambientes especializados e seus artefatos (1904-1949)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO: UM PROJETO DE EXTENSÃO E MUITAS POSSIBILIDADES...¹

Nadia G. Gonçalves

Professora do Departamento de Teoria e Prática
de Ensino - Setor de Educação UFPR
e coordenadora do Projeto.

Contato: nadiagg@ufpr.br

O objetivo deste capítulo é apresentar de forma panorâmica as proposições e atividades envolvidas no Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação, que foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2014. Porém, muitas ações tiveram início anterior a esse ano de formalização.

O Projeto envolve a História da Educação, associada à dimensão formativa relacionada ao registro e à preservação de fontes sobre a educação, em formatos diversos, sejam depoimentos, livros e periódicos, documentos escritos diversos, e cultura material escolar. Assim, o eixo comum de todas as atividades do Projeto é a preocupação com essas fontes e acervos, tanto na dimensão de preservação, quanto de uso educativo.

¹ Texto originalmente publicado em *Histórias e memórias sobre educação: trajetória e atividades de um projeto de extensão* (GONÇALVES, 2016).

Este capítulo está então organizado de forma a apresentar a) o tema e os objetivos do projeto; b) as ações com o encaminhamento e fundamentação metodológicos; c) a caracterização dos princípios extensionistas, em relação às atividades desenvolvidas.

O PROJETO DE EXTENSÃO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO

O debate acerca da importância de fontes, na área da História da Educação, e os esforços para o desenvolvimento de projetos para levantamento e catalogação das mesmas, seja como acervos documentais, arquivos escolares, registros de depoimentos, fotografias, bibliografias, entre outros, têm sido um movimento importante, em especial a partir dos anos de 1990, no Brasil.

Devido a razões administrativas, limitações quanto a infraestrutura física e de recursos humanos, entre outros, diversos tipos de documentos cuja guarda não tem amparo legal nas escolas, têm sido sistematicamente destruídos ou maltratados, dispersos ou perdidos. De certa forma, infelizmente, esta também é a realidade de acervos documentais de grande parte das instituições de ensino superior, como a própria UFPR, que vem discutindo essa temática nos últimos anos, com a contratação dos primeiros arquivistas, preocupação reforçada pela Lei de Acesso à Informação e por iniciativas fomentadas pelo Edital 100 Anos UFPR.

O projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, no âmbito destas preocupações, tem por objetivo geral promover ações educativas, formativas, de pesquisa e de constituição e preservação de acervos e fontes relacionados à História da Educação, em especial do Paraná.

Como desdobramento deste objetivo central, outros mais específicos foram propostos:

- organizar e promover: a) eventos e cursos de Extensão, disciplinas optativas e disciplinas de pós-graduação, grupo de estudo, voltados para a preservação, cuidados e organização de acervos documentais e históricos

escolares; b) pesquisas relacionadas à História da Educação; c) utilização de fontes e espaços históricos para o ensino de História; entre outros;

- constituir um acervo audiovisual de depoimentos sobre histórias e memórias relacionadas à Educação;

- organizar, higienizar e preservar o acervo documental histórico do Setor de Educação;

- constituir e disponibilizar acervo documental sobre História da Educação, junto ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação - CDPHE (Setor de Educação/UFPR);

- desenvolver materiais acadêmicos, didáticos e educativos relacionados às temáticas do Projeto, que possam ser utilizados e distribuídos em ações educativas e formativas, a fim de potencializar os resultados e a multiplicação das informações junto às instituições de origem dos participantes;

- auxiliar no desenvolvimento de projetos de organização e preservação de arquivos e acervos relacionados à Educação, como arquivos escolares;

- reunir e disponibilizar para consulta e divulgar a produção acadêmica relacionada à História e Historiografia da Educação;

- estimular a valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural e da memória em relação às instituições escolares;

- reunir, organizar e divulgar fontes e pesquisas referentes à História da Educação do Estado do Paraná, como acervos e arquivos escolares e depoimentos, sob a guarda do CDPHE.

Muitos destes objetivos estão sendo desenvolvidos, como será abordado neste e em outros capítulos do livro.

O PROJETO NA PRÁTICA: REFERENCIAIS, ENCAMINHAMENTOS, RESULTADOS

As diretrizes estabelecidas no livro “Pedagogia da Autonomia” (2007), de Paulo Freire, constituem pressupostos metodológicos deste Projeto. Este autor aborda uma pedagogia ética, que tem como base o respeito à dignidade e à autonomia do estudante (no caso, estendida a todos

os participantes do Projeto), e uma atitude, nas ações desenvolvidas, que deve estimular, promover e subsidiar os participantes para que se percebam como agentes sociais, por meio do conhecimento. Ao mesmo tempo, Freire evidencia que a relação entre os educadores e educandos deve ser dialógica, construída sob o pressuposto que todos têm o que aprender, uns com os outros, o que ocorre desde que haja o reconhecimento e a abertura para este aprendizado. Neste sentido, não é propósito das atividades previstas neste Projeto “transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção” (FREIRE, 2007, p. 22).

As bases da pedagogia da autonomia articulam-se com o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu: “trata-se de disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento” (2004, p. 21). Ou seja, é o conjunto de crenças, valores e conhecimentos, que cada agente social possui, construído ao longo de sua vivência, e que o predispõe a determinadas atitudes e práticas, relacionadas ao seu lugar social. Para Bourdieu, os espaços sociais em que o agente viveu, os valores e saberes que permearam estes espaços, foram por ele reconhecidos, selecionados, articulados, consciente ou inconscientemente, configurando quem ele é, de acordo com “sua” própria percepção. No caso dos envolvidos no Projeto, assume-se o pressuposto de que cada um tem uma trajetória, memórias, conhecimentos, enfim, um *habitus* que ao mesmo tempo em que é constituído socialmente, também é reforçado ou reelaborado por oportunidades de interação e vivência com outras pessoas, espaços e instituições.

A partir desses pressupostos, as atividades do Projeto, que são interrelacionadas, têm encaminhamentos específicos, a saber:

I - Constituição de acervo audiovisual de depoimentos sobre histórias e memórias relacionadas à Educação.

Foram elaborados roteiros básicos, para orientar e garantir a presença de algumas informações comuns, com foco na história da educação. É condição para o registro do depoimento, a assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido do mesmo, para uso em fins acadêmicos, educativos, didáticos e culturais. Os depoentes têm acesso ao documento antes, para que possam definir se aceitam as condições nele colocadas. Esta

condição deve-se ao fato dos objetivos do acervo, que necessariamente deverá ser aberto a acesso ao público, e a uso por parte de pesquisadores, bem como da própria equipe do Projeto. A filmagem em geral é realizada na UFPR, na sala de videoconferência do Setor de Educação.

A perspectiva teórico-metodológica tem por base os pressupostos da História Oral, como narrativas de vida (BOSI, 1994; THOMPSON, 1972; POLLACK, 1992). É solicitado que os entrevistados tragam documentos (fotografias, cadernos, livros, etc) que queiram doar, ou que possam emprestar para serem digitalizados e incorporados ao acervo digital do CDPHE, ficando relacionados ao registro do depoimento, como complementos. Neste sentido, esta atividade é bastante articulada à seguinte.

II - Constituição e disponibilização de acervo documental sobre História da Educação, junto ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação – CDPHE (Setor de Educação/UFPR).

Está relacionado aos documentos que acompanharão os depoimentos, porém não se limita a eles. Neste caso, há (está em construção) um acervo físico e um digital. O primeiro é composto de documentos históricos doados ao acervo, que são higienizados, catalogados e que compõem um índice a ser disponibilizado no site do CDPHE. O segundo, seguindo a mesma lógica do acervo físico, corresponde a documentos históricos cujos proprietários permitem a digitalização para que fiquem disponíveis para consulta e uso acadêmico. Para os cuidados técnicos relacionados aos documentos, observam-se as indicações de Bellotto (1994), Faria Filho (2000) e Zaia (2004).

As relações dos acervos físico e digital serão disponibilizadas no site do CDPHE (na época, em construção): <https://educacao.ufpr.br/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/>

Neste tópico, pode ser destacada a parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e das Práticas Educativas, o NUHFOPE, por meio do projeto de pesquisa intitulado Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: levantamento em bibliotecas da UFPR, cujo resultado também será disponibilizado no site do CDPHE.

Na medida em que estas informações estiverem disponíveis, espera-se que possa iniciar a procura por estes documentos, para fins de ensino e pesquisa.

III – Organização, higienização e preservação do acervo documental histórico do Setor de Educação.

Com orientações da área de arquivística, e sob as recomendações técnicas relacionadas à higienização, organização e catalogação de documentos, o acervo documental histórico do Setor de Educação está sendo objeto dessas ações, visando à sua preservação e à divulgação dos documentos ali disponíveis.

Figura 1 – Bolsista com materiais de proteção, realizando higienização de documentos – Arquivo histórico do Setor de Educação (2015).



Neste primeiro momento, o que está sendo efetivado é a higienização e inventário do material, para depois ser feita sua organização.

Figura 2 – Arquivo do Setor de Educação (2014).



Figura 3 – Parte das caixas com documentos do Setor de Educação, já higienizados (setembro/2016) sala 114



A listagem já é disponível para interessados, tanto em dimensão administrativa quanto acadêmica, sendo que até o momento (outubro/2016) foram higienizadas mais de 500 caixas de documentos².

Em 2014 foi composta uma Comissão de Avaliação Documental do Setor de Educação – professoras Gizele de Souza (DEPLAE), Leziany Silveira Daniel (DTPEN) e Liane Maria Bertucci (DTFE) e a servidora técnica Leonice R. O. Franco, conforme Portaria 41/14-ED com participação da Coordenação deste Projeto de Extensão – que tem desenvolvido ações de avaliação de parte desta documentação, e estabeleceu diretrizes para procedimentos relativos a documentos no Setor de Educação, aprovados pelo Conselho Setorial do Setor de Educação em 17 de dezembro de 2015.

Para a elaboração destas orientações, houve o apoio técnico da Comissão Permanente de Avaliação de Documentos (CPAD) da UFPR³, que também esteve presente em uma reunião de orientação aos servidores técnicos do Setor, realizada na Semana de Planejamento em fevereiro de 2016, e em outra, mais recente, em setembro de 2016.

IV – Ações educativas/formativas, de pesquisa e assessoria, relacionadas ao patrimônio histórico escolar (acervos)

Pretendia-se desenvolver ações educativas e de apoio (visitas, orientações, análise de acervo) quanto a acervos escolares específicos, em especial, com a parceria da área da gestão do Patrimônio Histórico Escolar da Rede Estadual de Educação Pública do Paraná – SUDE. Porém na prática o que está sendo realizado neste âmbito é a parceria com o Colégio Estadual do Paraná (CEP), desde 2006 quando os diálogos e ações foram lá iniciados.

Em um primeiro momento o objetivo da parceria com o CEP era de organização de seus documentos, e posteriormente a ideia avançou para a criação de um Centro de Memória, com a criação da Comissão de Implantação do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná

2 As Direções do Setor de Educação sempre apoiaram e apoiam as ações deste projeto, seja com recursos materiais e quando possível, também humanos, em especial quanto ao Arquivo Histórico do Setor, por isso, um agradecimento especial deve ficar aqui registrado.

3 Contato: cpad@ufpr.br.

(CMCEP), composta por servidores indicados pela direção do Colégio, por representantes da Secretaria de Estado da Educação, por professores da Universidade Federal do Paraná e por representantes da comunidade externa. Esta comissão foi sendo alterada ao longo do tempo de sua existência 2006-2010 – e fica extinta após o CMCEP ter sido aprovado pelo Conselho Escolar como parte do organograma do Colégio, junto de seu Regimento Interno (reunião do Conselho Escolar de 01 de junho de 2010).

Neste sentido, cabe lembrar que este processo de implantação contou com o significativo e determinante apoio da então diretora do CEP, professora Maria Madselva Ferreira Feiges que apoiou o projeto seja com recursos materiais, humanos, políticos (em relação ao Conselho Escolar e ao regimento), bem como espaciais, com a cessão do espaço da antiga casa do zelador, para sediar o Centro de Memória.

Vale a pena registrar os participantes⁴, com base nas atas da Comissão, conforme consta no Quadro 1. Como não há informações de saídas de membros, apenas os nomes vão sendo alterados nas representações, optou-se por indicar o período em que os membros participaram das reuniões, bem como o número de reuniões em que participaram, no período em que são mencionados. A Comissão existiu de 02 de agosto de 2006 a 15 de junho de 2010, tendo sido realizadas 29 reuniões no total.

Quadro 1 – Membros da Comissão de Implantação do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (2006-2010) – presenças nas reuniões da Comissão

Membro	Representação	Período	Presença
Nadia Gaiofatto Gonçalves	UFPR	02/08/2006 a 15/10/2010	24
Liane Maria Bertucci	UFPR	02/08/2006 a 15/10/2010	09
Elza M.Carvalho Fachini	CEP	02/08/2006 a 27/03/2007	02



4 A professora Serlei Maria Fischer Ranzi foi fundamental nos primeiros contatos com o Colégio para o desenvolvimento do projeto, porém não fez parte da Comissão devido aos encargos administrativos na UFPR, na época, era Diretora do Setor de Educação.

Membro	Representação	Período	Presença
Márcia Maria Aguiar	CEP	02/08/2006 a 08/05/2008	09
Edílson Aparecido Chaves	CEP	02/08/2006 a 11/10/16	02
Denílson Roberto Schena	CEP	02/08/2006	01
Rosa Tusekii Ueno	CEP	02/08/2006 a 29/05/2007	05
Rosa do Carmo L. Gianotto	CEP	02/08/2006 a 29/05/2007	04
Josane A. F. Buschmann	CEP	02/08/2006 a 06/08/2008	11
Simone Luiza Baranhuk	CEP	27/03/2007 a 26/09/2007	05
Laureci Schmitz Rauth	CEP	24/04/2007	01
Mariana Rocha Zacharias	CEP	08/05/2008 a 15/10/2010	19
Dulcirene M. Moletta	CEP	08/05/2008 a 28/05/2009	05
Ariadne C. S. D.Giacoma	CEP	08/05/2008 a 06/08/2008	02
Lauro Goldback	CEP	06/08/2008 a 14/08/2008	02
Gilberto Martins Dagostim	CEP	17/10/2008 a 11/05/2009	06
Itamar Suckow	CEP	17/10/2008 a 11/05/2009	03
Paula C.Pacheco Cornehl	CEP	06/10/2009 a 14/12/2009	03
Éder Fernando dos Santos	CEP	06/10/2009 a 26/04/2010	03
Ana Lygia Czap	CEP	27/10/2009 a 15/10/2010	05
Fátima B. G. de Castro	CEP	27/10/2009 a 14/12/2009	02
Égide Maria N. Petterle	Comunidade externa/CEP	02/08/2006 a 15/10/2010	23



Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

Membro	Representação	Período	Presença
Ernani Costa Straube	Comunidade externa/CEP	28/02/2008 a 15/10/2010	10
Sandro Cavalieri Savóia	SEED	02/08/2006	01
Eduel Domingues Bandeira	SEED	11/10/2006 a 29/05/2007	03
Marcelo Fronza	SEED	11/10/2006 a 29/05/2007	02
Paulo César Medeiros	SEED	02/06/2008 a 15/10/2010	14
Maria Helena P. Silveira	SEED	02/06/2008 a 15/10/2010	13
Maria de L. M. de Farias	SEED	02/06/2008 a 06/08/2008	02
Ronel Corsi	SEED	13/04/2009 a 11/05/2009	02
Cristiane R. Zimmermann	SEED	26/02/2010 a 26/04/2010	02
Márcia Eliza Doré	Arquivo Público PR	02/07/2009	01

Fonte: Atas da CI-CMCEP (2006 a 2010).

A parceria continua até o momento, envolvendo ações de organização e preservação da cultura material escolar e ações educativas. Desta ação já foram originados produtos acadêmicos, como os artigos de Gonçalves (2008 e 2012) e de Ranzi e Gonçalves (2010).

Iniciada em 2016, está em andamento uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, cuja principal ação foi uma pesquisa diagnóstica nas Escolas e Centros Municipais de Educação Infantil quanto ao acervo documental e de cultura material escolar. Os encaminhamentos pós-diagnóstico estão em discussão. Destaca-se que este diálogo teve início a partir da defesa de dissertação de mestrado de Colere (2015), que teve a questão dos arquivos escolares desta Secretaria como objeto.

Outra parceria iniciada em 2016 é com a equipe do Museu da Escola Paranaense, com uma atividade relacionada à educação patrimonial,

a ser realizada com estudantes de duas turmas do Curso de Pedagogia, no Museu Paranaense, no mês de outubro deste ano. Também está em desenvolvimento uma proposta de curso de extensão sobre o mesmo tema, para o mês de fevereiro de 2017.

As principais orientações para as ações III e IV estão em Mogarro (2005), São Paulo (2003), Vidal e Zaia (2001) e Zaia (2004).

V - Promoção de eventos e cursos de extensão, disciplinas optativas e disciplinas de pós-graduação, grupo de estudo, relacionados às temáticas do projeto.

Neste caso, a proposta é ofertar eventos e cursos sobre, por exemplo, preservação, cuidados e organização de acervos documentais escolares; pesquisas e publicações relacionadas à História da Educação; utilização de fontes e espaços históricos para o ensino de História; entre outros. Em cada um dos casos, os conteúdos, carga horária, metodologia, referenciais e avaliação são explicitados quando do registro das atividades, porém destacam-se as proposições de Carretero (1997), Gonçalves (2010 e 2012), Monteiro (2003), Bourdieu (2004) e Perrenoud (2001).

Busca-se em especial que as disciplinas de graduação (Pedagogia e História) voltadas à História da Educação e ao Ensino de História, bem como outras, da Linha de História e Historiografia da Educação (PPGE-UFPR) possam ser beneficiadas quanto a seus conteúdos e abordagens, por meio do conjunto de ações do Projeto.

Sobre essa ação, as atividades desenvolvidas até o momento foram:

- Disciplina optativa Tópicos Especiais em História da Educação V (ET129), com duas turmas em oferta de férias, concentradas, no mês de julho de 2014, com os seguintes objetivos: apresentar fundamentos sobre fontes históricas, com ênfase para a História da Educação; discutir tipos e usos de fontes históricas e acervos escolares; e refletir sobre possibilidades de usos de fontes históricas relacionadas à História da Educação, para o ensino de História. Entre as duas turmas, houve 94 estudantes de Pedagogia que a cursaram.

- Disciplina optativa A História fora da sala de aula (EM145), com uma turma, concentrada em oferta de férias, em fevereiro de 2016,

com os seguintes objetivos: discutir possibilidades metodológicas para o ensino de História, a partir de espaços externos à sala de aula (espaço urbano, museus, entre outros); e discutir possibilidades e limites de usos de fontes históricas no ensino de História, a partir dos espaços e acervos visitados: Colégio Estadual do Paraná (em parceria com o CMCEP), Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, Museu Paranaense, Museu do Holocausto, Projeto Monumento em Movimento (visita guiada da Praça Tiradentes ao Museu Paranaense), e Museu do Expedicionário. Houve 45 estudantes de Pedagogia que a cursaram.

- Curso de Extensão intitulado Temas, objetos e fontes em História da Educação, realizado de 09 de abril a 09 de julho de 2016, com 97 inscritos e 50 concluintes. Este curso envolveu docentes (na maioria, da Linha de História e Historiografia da Educação do PPGE-UFPR) e mestres e doutores por eles orientados, com o objetivo de apresentar e discutir possibilidades de temas, objetos e fontes para pesquisas em História da Educação. Quanto aos participantes, foram graduandos dos cursos de Pedagogia e História da UFPR, docentes da rede pública de ensino, mestrandos, e professores participantes do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE).

- Oficina sobre as atividades do projeto, desenvolvida pela própria equipe, com a participação de Ana Lygia Czap (CEP), e ofertada na XXVIII Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Setor de Educação, no dia 31 de maio de 2016, com 2h30 de duração.

VI - Desenvolvimento de produtos acadêmicos, didáticos e educativos

Um dos propósitos do projeto é produzir materiais acadêmicos, didáticos e educativos, tanto para a formação continuada de graduandos, pós-graduandos e profissionais do campo educacional (da UFPR, docentes e técnicos; da escola pública, docentes, pedagogos e técnicos), como materiais de suporte e divulgação das atividades e propostas do Projeto; e desenvolver materiais didáticos que possam ser utilizados por docentes da educação básica, para o ensino de História, em especial, relacionados ao uso de documentos históricos e à história local.

Neste sentido, este talvez seja um dos objetivos em que o projeto ainda precisa avançar mais, e este livro é um dos passos nessa direção, na medida em que ele tem uma finalidade didática quanto às ações e ao seu

potencial formativo. A produção de materiais didáticos ainda está por ser realizada, em especial quanto ao seu potencial para o ensino de História.

Os objetivos V e VI visam a contribuir para a reflexão a respeito da função da escola e do ensino de História na escola, no mundo contemporâneo, e dos dilemas que envolvem esses temas (CITRON, 1990), trazidos para a especificidade local; e de problematização e discussão sobre o uso de fontes primárias no ensino de História (TRAVERIA, 2005), tanto por sugerirem caminhos viáveis para essa prática pedagógica, quanto por contribuírem para a superação de dilemas colocados para a escola e para o ensino de História na atualidade, mencionados acima (CARRETERO, 1997; GONÇALVES, 2010 e 2012).

Além disso, de acordo com Philippe Perrenoud, quando discute o *habitus* na formação e ação docente, dois dos dez “mecanismos suscetíveis de favorecer a tomada de consciência e as transformações do *habitus*” (p. 174) são: 1) a prática reflexiva; e 2) a mudança nas representações e nas práticas. Nesse sentido, as discussões e reflexões desenvolvidas podem contribuir positivamente para a (re)constituição do *habitus* e para a tomada de consciência e transformação da prática docente dos participantes, bem como, da percepção e das práticas relacionadas aos acervos históricos escolares e à memória sobre Educação.

Perpassando todas as ações do Projeto, estão os princípios de uma avaliação processual, contínua, formativa e participativa, realizada periodicamente, nas reuniões da equipe, ou de partes dela, conforme as pessoas envolvidas em cada atividade, incluindo os participantes/colaboradores externos.

Quanto a produtos acadêmicos relacionados ao projeto (direta ou indiretamente), além dos artigos já mencionados sobre as atividades derivadas da parceria com o Colégio Estadual do Paraná (GONÇALVES, 2008 e 2012 e RANZI e GONÇALVES, 2010) podem ser destacados:

- trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, intitulado “História e Memória do Colégio Estadual do Paraná: uma ação educativa com alunos do 6º ano”, de Cynthia Paula Pereira e Rayza Adrielli Ferreira (2015)

- dissertação de mestrado do PPGE – UFPR, intitulada “O arquivo está morto? Legislação e memórias de arquivar em Escolas Municipais de Curitiba (1963-1993)”, de Sibeli Colere (2015);

- livro intitulado “Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos”, que foi organizado por Carlos Eduardo Vieira e Nadia Gaiofatto Gonçalves (2016), e contou com alguns artigos que já utilizaram acervo documental do arquivo do Setor para sua produção. Foi lançado pela Editora UFPR.

O presente livro (2016) também é um produto que visa tanto a registrar a experiência e os caminhos do Projeto, mas em especial a percepção e as reflexões de seus participantes, docentes e discentes da UFPR e da parceria com o Colégio Estadual do Paraná.

Ainda, cabe ressaltar o orgulho da equipe ao ver seu trabalho tão valorizado pela banca da 8ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE) e do 15º Encontro de Extensão e Cultura (ENEC), realizado em outubro/2016, com a premiação da apresentação do projeto.

O PROJETO E OS PRINCÍPIOS EXTENSIONISTAS

Em relação aos princípios extensionistas, estão articulados, porém de forma mais didática, pode-se perceber que o Projeto os contempla da seguinte forma:

I - Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: este princípio permeia as atividades propostas na medida em que há diversos agentes envolvidos (discentes, docentes, servidores e comunidade externa) na construção e desenvolvimento das ações, processo que busca-se sistematizar para reflexão e análise, gerando e aperfeiçoando conhecimentos de distintas áreas acerca da temática do projeto. As atividades propostas envolvem ações formativas (ensino de graduação, de pós-graduação, eventos, cursos) para públicos diversos, além de contribuir para a revisão de abordagens e conteúdos de disciplinas ofertadas na UFPR; associadas à produção de conhecimento (pesquisas, desenvolvi-

mento de materiais didáticos, educativos e acadêmicos), podendo ainda contribuir para outras pesquisas por meio dos acervos produzidos, organizados e catalogados, que serão disponibilizados para acesso público; e se relaciona com a comunidade externa à UFPR em diversos âmbitos, como com o Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná, e com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

II - Interdisciplinaridade: a proposta abrange diálogos interdisciplinares, envolvendo servidores (docentes e técnicos), de diversas áreas, promovendo ações que poderão enriquecer tanto as aprendizagens e ações planejadas pela equipe, quanto a formação inicial e continuada da própria equipe e dos demais participantes, no estabelecimento de diálogos e construção de conhecimento. São envolvidos, neste momento, docentes dos seguintes Departamentos: Teoria e Prática de Ensino; Teoria e Fundamentos da Educação; Planejamento e Administração Escolar, além da colaboração de servidoras que compõem a CPAD. Até o momento, houve nas ações do projeto, graduandos dos cursos de História (de licenciatura/bacharelado e de bacharelado), da Pedagogia e das Ciências Sociais, além de mestres, doutores e mestrandos e doutorandos da Linha de História e Historiografia da Educação.

III - Interação dialógica: os pressupostos metodológicos (inclusive de avaliação) estabelecem que, embora haja uma proposição e planejamento iniciais, a proposta de desenvolvimento das ações é construída coletivamente com a participação ativa dos envolvidos, a fim de buscar-se identificar e contemplar demandas e expectativas do público alvo, dos parceiros e da própria equipe.

IV - Impacto e transformação: de acordo com o previsto nos objetivos e metodologia, entende-se que a integração de diversos participantes nas distintas ações previstas fomenta impacto e transformação a todos os envolvidos. Por exemplo:

- à equipe UFPR, oportunidade de repensar-se como profissionais, aperfeiçoar sua metodologia de ação, incrementar e colaborar para a construção e consolidação de políticas públicas relativas ao patrimônio histórico escolar e arquivos escolares, e refletir e aperfeiçoar o currículo dos cursos de graduação e disciplinas da pós-graduação;

- para os discentes da UFPR, oportunidade de maior sensibilização quanto aos documentos históricos, aos depoimentos e valorização das memórias e experiências, na compreensão de que toda pessoa é agente histórico e que isso se aplica claramente à ação nos espaços escolares, podendo, além de compreender a perspectiva de outras áreas de conhecimento envolvidas nas ações, vislumbrar possibilidades de atuação profissional e de campos de pesquisa;

- para os depoentes, a oportunidade de compartilhar documentos (registros), memórias e saberes, contribuindo para a melhoria de sua autoestima e para o fortalecimento de sua dignidade e cidadania;

- para o Setor de Educação da UFPR, a possibilidade de organização e higienização de seu acervo documental histórico, o que permite impacto institucional positivo, como também acadêmico, como o desenvolvimento de pesquisas futuras; e de valorização e registro das memórias relacionadas à sua trajetória histórica; e

- para as escolas, a Secretaria Municipal de Educação e a equipe do Museu da Escola Paranaense, a oportunidade de diálogo com o meio acadêmico em ações formativas e institucionais, como de proposição e consolidação de políticas públicas.

V - Impacto na formação dos estudantes: embora esta dimensão esteja presente nos princípios acima mencionados, destaca-se de forma complementar a eles, a possibilidade de que as ações educativas, a constituição e organização dos acervos e de depoimentos sobre educação, e a possibilidade de repensar-se as disciplinas, vêm beneficiando estudantes para além daqueles bolsistas e voluntários diretamente envolvidos nas ações do projeto, além da comunidade externa à UFPR.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de extensão teve início com várias ações propostas, e muitas outras, como desdobramentos ou novas frentes, foram sendo agregadas. Os princípios extensionistas estão articulados em seu desen-

volvimento, porém não com o mesmo peso em todas as ações, sendo que sempre há o que aperfeiçoar.

No decorrer de suas ações, mesmo antes de formalizado – e portanto, desde 2006 – foram muitos os estudantes de graduação e pós-graduação, bolsistas e voluntários, servidores técnicos e docentes da Universidade que colaboraram direta e indiretamente para que existisse e se desenvolvesse, e a todos, mesmo que não mencionados individual e nominalmente, deve ser registrado um profundo agradecimento por compartilharem dessa trajetória. Em especial aos docentes da Linha de História e Historiografia da Educação, mais diretamente relacionados à temática; à professora Cleusa Valério Gabardo, que mesmo aposentada aceitou permanecer como vice-coordenadora; e aqueles que esporadicamente contribuem, a partir de demandas específicas. Aos estudantes, o agradecimento pela dedicação, comprometimento e seriedade com que abraçaram e abraçam as atividades do projeto, com suas críticas, sua energia, seus conhecimentos e colaboração.

Também deve-se registrar a gratidão ao apoio da UFPR na forma das Bolsas 100 Anos UFPR e Bolsas Extensão, e do Fundo de Desenvolvimento Acadêmico; das Direções do Setor com recursos materiais, espaço e estagiários; dos servidores técnicos que compreendem e auxiliam na medida de suas funções, colaborando para seu bom funcionamento; das pessoas externas à UFPR com quem são estabelecidos diálogos e que se dispõem a compartilhar essas atividades, com seus desafios, demandas e conquistas.

Percebe-se nesta trajetória que há muitas demandas e possibilidades para ações que estabeleçam o diálogo entre conhecimentos produzidos na Universidade, com a comunidade externa, sejam pessoas ou instituições, em um compartilhamento de saberes e no sentido de demandas que por vezes não são percebidas ou enunciadas, até que o diálogo comece a ser construído.

Fazer extensão é tão trabalhoso quanto gratificante. Ainda falta muito para que o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão seja efetivado em toda a formação e nas práticas acadêmicas, mas uma vez que se começa a perceber essa possibilidade, não há volta. Este é um processo que vai ganhando densidade,

consolidando diálogos e contribuindo para o desenvolvimento de novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que se aponta necessários avanços no processo formativo, profissional, acadêmico, ético e cidadão de todos os envolvidos nestes diálogos.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa L. Patrimônio cultural, arquivo e Universidade. *Boletim do Centro de Memória - Unicamp*. Campinas, v. 6, n.11, p. 11-18, jan-jun/1994.

BELLOTTO, Heloísa L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

BELLOTTO, Heloísa L. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002.

BOSI, Icléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARRETERO, Mario. *Construir e ensinar as Ciências Sociais e a História*. Trad. Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CITRON, Suzanne. *Ensinar a História hoje – a memória perdida e reencontrada*. Trad. Guida M.A. de Carvalho e Luís Vidigal. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

COLERE, Sibebe. *O arquivo está morto? Legislação e memórias de arquivar em Escolas Municipais de Curitiba (1963-1993)*. Dissertação de Mestrado em Educação. PPGE-UFPR. Curitiba, 2015. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40971>.

FARIA FILHO, Luciano M. (org.) *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Pta, SP: Universidade São Francisco, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GONÇALVES, Nadia G. e GONÇALVES, Sandro A. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.

GONÇALVES, Nadia G. Produção de material didático para o ensino de História: uma experiência de formação. *Revista Diálogo Educacional* (PUCPR. Impresso), v. 11, p. 933-949, 2011.

GONÇALVES, Nadia G. O arquivo escolar, a Universidade e a Escola: diálogos possíveis. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 31, p. 71-84, 2008.

GONÇALVES, Nadia G. Documentos de arquivos históricos escolares: possibilidades para o ensino de história. In: MOLINA, Ana H. et alli (Org.). *Ensino de História e Educação: olhares convergentes*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012, v. 1, p. 11-36.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia P. e CATANI, Denice B. (orgs.) *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998, p. 51-69.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (orgs.) *Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895)*. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 1999, p. 63-77.

MAGNANI, Maria A.C. O *Memorial da Educação Paulista*. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0304.pdf>> Acesso em 18/10/2013.

MOGARRO, Maria J. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. *Pro-Posições*, v.16, n.1 (46), p. 103-116, jan/abr-2005.

MONTEIRO, Ana M.F.C. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, Londrina, v.9, p. 37-62, out/2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, vol.10, p. 7-28, dez/1993;

PALMA, Lucia. *Educação permanente e qualidade de vida*. Passo Fundo, UPF, 2000.

PERRENOUD, Philippe. O trabalho sobre o habitus na formação de professores: análise das práticas e tomadas de consciência. In: PAQUAY, Léopold et alli (orgs). *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?* 2ª ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 161-184.

POLLACK, Michael, Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos - Teoria e História*, Rio de Janeiro, vol 2 n° 3. 1989. p. 3.15.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos - Teoria e História*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar em Revista*, Curitiba, UFPR, nr.18, p. 13-28, 2001.

PEREIRA, Cynthia P. e FERREIRA, Rayza A. *História e Memória do Colégio Estadual do Paraná: uma ação educativa com alunos do 6º ano*. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – UFPR. Curitiba, 2015.

RANZI, Serlei M. F. Fontes orais, História e saber escolar. *Educar*, Curitiba, n.18, p. 29-42, 2001.

RANZI, Serlei. M. F. ; GONÇALVES, Nadia G. As fontes da escola e a pesquisa em História da Educação: contribuições do acervo do Colégio Estadual do Paraná para o campo das disciplinas escolares. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 37, p. 1-16, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Yves, COUTURE, Carol. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Portugal: Nova Enciclopédia, 1998.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.9, nr.17, p. 85-91, 1996.

SÃO PAULO (ESTADO). CENTRO DE REFERÊNCIA MÁRIO COVAS. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/> Acesso em 18/10/2013.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. *Manual de trabalho em arquivos escolares*. Elaboração de Teresa M. M. Baeza. São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/dhe/manual_de_trabalho_em_arquivos_escolares.pdf Acesso em 18/10/2013.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SILVA, Zélia L. (org.) *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp: Fapesp, 1999.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TRAVERIA, Gemma T. *Enseñar a pensar historicamente: los archivos y las fuentes documentales em la enseñanza de la historia*. Barcelona: I.C.E. Universitat Barcelona/ Horsori Editorial, 2005.

VIDAL, Diana G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: autores Associados, 2005. Apoio: Unesp/FCLAr, p. 3-30.

VIDAL, Diana G. e ZAIA, Iomar B. De arquivo morto a permanente: o arquivo escolar e a construção da cidadania. In: MORAES, Carmem S. V. e ALVES, Júlia F. (orgs.) *Contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo: inventário de fontes documentais*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2001(?), p. 33-42.

Histórias e memórias sobre educação
reflexões e memórias sobre um projeto de extensão

VIEIRA, Carlos E. e GONÇALVES, Nadia G. (orgs.) *Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos*. Curitiba: Ed.UFPR, 2016.

ZAIA, Iomar B. *O acervo escolar: organização e cuidados básicos*. São Paulo: Faculdade de Educação – USP, 2004.

HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, EDUCAÇÃO E HISTORIOGRAFIA: A TEORIA NA PRÁTICA¹

Bruno Ercole

*Em 2016, discente do curso de História
- Bacharelado e Licenciatura - da UFPR e
Estagiário do Setor de Educação da UFPR
atuando no projeto do Projeto de Extensão
Histórias e Memórias sobre Educação.*

"... o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça" (BLOCH, 2002, p. 54).

Neste capítulo falo da minha experiência como membro do projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação. Do ponto de vista de um estudante de graduação em História, pretendo fazer uso de autores contemporâneos para demonstrar a maneira através da qual o trabalho de extensão ligado aos arquivos, e às fontes orais está em consonância com os preceitos relacionados à memória e sua preservação, uma das áreas de atuação do historiador. Desta forma, com o uso destes conceitos, pretendo alinhar a teoria da História à prática do trabalho no projeto, tendo como fio condutor a minha própria experiência como estudante e estagiário de Extensão.

1 Texto originalmente publicado em *Histórias e memórias sobre educação: trajetória e atividades de um projeto de extensão* (GONÇALVES, 2016).

UM ESTUDANTE DE HISTÓRIA NO ARQUIVO DO SETOR DE EDUCAÇÃO DA UFPR

Arquivo morto, permanente, ou mesmo depósito do que se *tem que guardar*. Essas são algumas das formas pelas quais as pessoas se referem aos arquivos, que muitas vezes estão tão cheios de documentos que nem mesmo se sabe por onde começar a busca por determinado material. Embora eles possam parecer um depósito de papéis aparentemente de valor apenas burocrático, para os historiadores – sejam eles ainda estudantes ou mesmo profissionais de carreiras já consolidadas – os arquivos representam uma mina de ouro, podendo originar incontáveis trabalhos dos mais diversos interesses. Isso fica explicado nas palavras de Bacellar (2005):

Pesquisar em arquivos é o destino de muitos dos jovens profissionais que ingressam nos cursos de pós-graduação em História, ou mesmo daqueles que ainda dão seus primeiros passos em projetos de iniciação científica. Surpreende como os calouros de graduação, em seus primeiros dias de aula, já buscam, ávidos, informações sobre o pesquisar em arquivos. Bons professores de História no ensino médio, e uma literatura de best-sellers históricos têm promovido uma espécie de encantamento de alguns jovens pela aura do cientista a escarafunchar papéis velhos, em busca de novidades, como se fosse uma espécie de “Indiana Jones” dos arquivos (2005, p. 23).

Tratando especificamente do caso de Curitiba, temos alguns lugares privilegiados de guarda e conservação de documentos, como a Casa da Memória da cidade, o Arquivo Público do estado, além dos locais onde estão disponíveis informações acerca da educação, seja ela a oferecida nos colégios, ou então na Universidade. O Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná, ao qual me dedicarei mais à frente neste capítulo, e o Arquivo do Setor de Educação são alguns destes locais.

Ir ao arquivo de Educação da UFPR é uma atividade bastante interessante. Como já disse, trabalho com os documentos com o olhar curioso de um estudante de História, e não raro encontro os nomes de salas da Universidade e de grandes personalidades das Ciências Humanas assinados em papéis de décadas atrás.

É assim que, por entre as páginas de livros de registros, nos deparamos com nomes como Homero de Barros e Brasil Pinheiro Machado – este último, historiador cuja obra conheci pouco antes deste fortuito encontro no arquivo. Quando se conhece a trajetória acadêmica destas pessoas, é fácil se esquecer que eles exerceram, muitas vezes, também outras funções, administrativas por exemplo, e que sua atenção para os assuntos burocráticos da Universidade foi tão requerida quando o seu cuidado para as pesquisas acadêmicas e aulas a serem ministradas.

Outro ponto que é relevante para comentar sobre o arquivo é a possibilidade do contato com materiais que ainda não se encontram digitalizados e, que assim, acabam sendo verdadeiras surpresas. Novamente, como aluno de história, conheço um pouco das discussões acerca dos conceitos atuais utilizados na área, como o cuidado que se deve ter ao aplicar o termo civilização. No entanto, ao me deparar com livros que continham relações de disciplinas a serem ofertadas, encontrei a cadeira de História da Civilização. É fascinante perceber como o próprio curso se transformou e se adaptou às novas discussões na área, pois, atualmente, tal disciplina não se encontra mais no currículo do curso de História.

O que está guardado no arquivo? Há um sem número de documentos que a equipe tem incluído em nosso levantamento, desde materiais que devem ser guardados com o caráter permanente até aqueles que não possuem a necessidade de se arquivar. E como se faz essa classificação? Novamente, recorreremos às palavras de Bacellar (2005), quando o autor nos fala que:

Uma das grandes preocupações da arquivística contemporânea reside justamente na eliminação desse excesso de papéis, característica da produção documental desde a segunda metade do século XX. Ao deixar o arquivo corrente e ser transferido para o chamado arquivo intermediário, o documento deve passar por uma avaliação, para que se saiba a sua destinação após decorridos os prazos legais para a sua conservação nesta fase. Comissões especialmente reunidas para este fim, compostas por administradores, juristas, historiadores e arquivistas teriam, assim, a obrigação de relacionar quais documentos são de guarda permanente, com a preservação de séries completas, e quais merecem preservação por amostragem, ou mesmo eventual eliminação integral (2005, p. 47).

Mas para que os documentos presentes no setor de Educação da UFPR estão sendo inventariados e higienizados? Como se faz isso? Bem, se tratando de documentação que foi produzida por uma entidade de caráter público como é o caso da UFPR, eles estão incluídos na lei de acesso à informação. Desta maneira, precisamos saber o que está guardado no arquivo para que tudo fique acessível ao pesquisador, e que estes documentos obtenham a proteção adequada para que não se percam por má conservação, como não é raro de ser observado no meio historiográfico.

Arquivo e História estão ligados. Conforme comenta Bacellar (2005),

A relação entre os historiadores e as fontes documentais, mais especificamente as que se encontram em arquivos, não foi sempre a mesma, como se mostram importantes e divulgados trabalhos de Historiografia. Dos que viam nos documentos fontes de verdade, testemunhos neutros do passado, aos que analisam seus discursos, reconhecem seus vieses, desconstróem seu conteúdo, contextualizam suas visões, muito se passou... (2005, p. 25).

Com as palavras do autor, sou levado a refletir sobre o tema que é abordado logo de início nos cursos de História: o que é documento? Os escritos oficiais que hoje estão preservados nos arquivos já foram a única fonte relevante para a pesquisa historiográfica. Embora não devamos diminuir a sua importância, como fica claro com o trabalho que está sendo realizado, deve-se ter em mente que a História hoje utiliza fontes bastante diversificadas e nem sempre completas.

Na profissão de historiador o trabalho é apenas com fragmentos. O conhecimento histórico se constrói com base naquilo que as pessoas do passado deixaram e que chegou até nós, o que é apenas uma ínfima parte de tudo o que já foi produzido pelos homens e mulheres que viveram antes de nós. Embora, ao entrar num arquivo eu tenha a impressão de que há ali um mundo de informações – e, de certa forma, não estou errado –, ainda assim deve ter consciência de que a realidade foi muito mais complexa do que um registro oficial deixa transparecer. O historiador precisa encontrar outras formas de preencher essas lacunas que o tempo deixou, uma tarefa que pode ser, muitas vezes, impossível, mas

que é a atividade a qual o historiador se propõe. É com isso que apresento o segundo subitem deste capítulo, no qual trato das entrevistas conduzidas com o uso da história oral.

ENTREVISTAS COM PROFESSORES APOSENTADOS E A HISTÓRIA ORAL

Uma das propostas do projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação consiste na entrevista e registro das memórias de professores que contribuíram para a educação no estado do Paraná. Suas recordações são uma valiosa documentação histórica que se enquadra no que foi classificado como história oral.

Conforme comentei neste capítulo, a História não mais se atém aos documentos oficiais de forma exclusiva, então se encontra espaço para outras formas de narrativa dos acontecimentos históricos. As entrevistas são uma forma singular de fonte, a imagem das pessoas que vivenciaram e protagonizaram os acontecimentos e a maneira pela qual os mesmos se lembram destes feitos. A sensação de participar das entrevistas com estes professores que são convidados a rememorar pontos importantes de suas trajetórias é de puro interesse, uma vez que posso ter acesso a informações e detalhes de fatos que, ainda que registrados de maneira oficial, não apresentam essa riqueza na narrativa.

Um ponto crucial ao considerarmos essas narrativas é a questão da memória. Sobre o tema, segundo Le Goff (2013):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (2013, p. 387).

O que concluímos com a citação acima? A memória não é como um livro, que se abre na mesma página e se encontra sempre a mesma informação, inalterada – não estou aqui falando da interpretação sobre o texto, mas da informação conforme dada em uma obra. Não. A me-

mória é alvo vivo, que se adapta aos contextos de transmissão. Quando questionados sobre determinado assunto, os professores nas entrevistas podem se lembrar de acontecimentos, que talvez narrem de uma maneira distinta em outra ocasião. Por que a memória é dinâmica.

Essas mesmas noções acerca da memória podem ser encontradas nos escritos do historiador Lowenthal (2011). De acordo com ele, para que a nossa memória tenha sentido, é necessário esquecermos, e isso fica exemplificado quando o autor afirma que, caso não o fizéssemos, precisaríamos de uma vida para nos lembrar de uma vida. Esquecer é inevitável, pois não guardamos muitas informações sobre a maior parte do que acontece em nosso dia-a-dia, sobre coisas rotineiras: a memória faz simplificações. Assim, temos lembranças sobre como é tomar um café-da-manhã, ainda que não guardemos na memória cada vez que tenhamos nos sentado à mesa para isso.

O método da história oral sofreu críticas devido a essa característica, conforme comenta Alberti (2005), quando afirma que

No início, grande parte das críticas que o método sofreu dizia respeito justamente às ‘distorções’ da memória, ao fato de não se poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade. Hoje considera-se que a análise dessas ‘distorções’ pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo. É de acordo com o que se pensa que ocorreu no passado que se tomarão determinadas decisões no presente (por exemplo, as escolhas feitas no momento de uma eleição) (2005, p. 166).

Preciso ter em mente essas informações quando participo das entrevistas com os professores. O que eles trarão não são dados como os que são encontrados nos arquivos – tarefa para a qual, de fato, temos os próprios arquivos em si – mas sim uma experiência que é valiosa para se entender a educação, devido ao caráter pessoal da memória, comentado por Lowenthal (2011). É o olhar deles sobre seu próprio passado, o que em si já é responsável por uma seleção e interpretação histórica, e mais uma prova de que o passado em si, tal como aconteceu, é algo inalcançável, mesmo para o historiador mais experiente.

Todas essas questões são possibilitadas pela história oral, e é hora de abordar a sua proposta de maneira mais direta. Para Alberti (2005), “A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (2005, p. 155).

Em grande medida, é isso que observo nas entrevistas. Embora o campo historiográfico seja um ambiente que está em constante reinterpretação, já temos informações construídas acerca da educação. No entanto, ao considerar as falas dos professores que já foram entrevistados, percebo que, ainda que eles façam parte dessa história da educação, suas narrativas pessoais que encontramos em cada frase são igualmente importantes para o estudo da educação, e seu acesso é possibilitado pela metodologia da história oral.

Marc Bloch, historiador francês, disse, nos anos 1940, que a História é a ciência dos homens no tempo. Como homens contemporâneos, temos acesso aos agentes dessa história recente, que aqui possui como foco a educação. Dessa forma, acredito que dar voz a esses personagens é uma das grandes vantagens que a história oral possibilita ao pesquisador, se comparada a outras metodologias.

Movendo meu olhar outra vez aos arquivos, continuarei a tratar dos professores e de memórias e histórias sobre a educação. No terceiro e último subitem deste capítulo, trato do trabalho referente aos materiais presentes no Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná.

O CENTRO DE MEMÓRIA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ E OS ARQUIVOS DA EDUCAÇÃO

Um dos mais antigos colégios do Brasil e o primeiro do Paraná, o antigo Liceu e agora Colégio Estadual do Paraná tem uma história que nos remete a meados do século XIX. A trajetória deste histórico estabelecimento de ensino exige, por si só, muito mais do que um capítulo de livro, então tratarei aqui apenas da tarefa que desenvolvo no Centro de

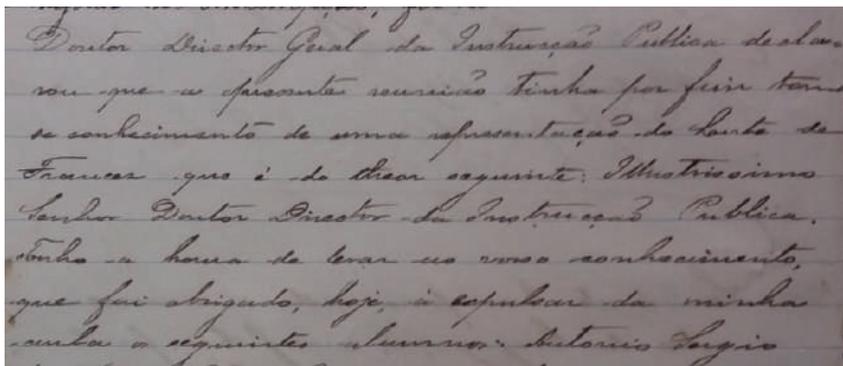
Memória, setor onde está sendo realizado o trabalho com os documentos antigos da instituição.

Dentre as inúmeras fotos, pastas de alunos, plantas do colégio, destaco aqui os livros dos quais estou promovendo a digitalização. Os mais antigos deles abarcam o período de meados dos anos 1800, e não posso deixar de notar o excelente estado de conservação destes materiais, uma vez que estou falando de registros que contam com quase duzentos anos de existência. A consciência histórica não era a mesma há dois séculos, no entanto, temos esses materiais para demonstrar que algumas pessoas se preocuparam sim com a sua conservação.

E o próximo passo será dado por nós. Embora preservados, como comentei, os documentos são ainda registros frágeis, passíveis de serem danificados mesmo que não intencionalmente. É para preservar esses registros e poder trabalhar com os originais o mínimo possível que o Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná – CMCEP – promove a digitalização dos livros. Assim, conforme haja a necessidade, os pesquisadores poderão acessar cópias digitais destes materiais, o que ajudará na preservação destas inestimáveis fontes da história da educação.

Quando olho atentamente para o conteúdo destes documentos, sou provocado a pensar em meus próprios anos escolares e na maneira pela qual os estabelecimentos de ensino mudaram durante os séculos – e também percebo algumas continuidades. Exemplo disso é a expulsão da sala de alguns alunos feita por um professor de Francês devido ao comportamento destes em sua aula. Ela está registrada nas Actas da Congregação da Escola Normal e Gymnasio Paranaense ano de 1896. O registro original segue abaixo:

**Figura 1 - Actas da Congregação da Escola Normal e
Gymnasio Paranaense ano de 1896 – Acervo CMCEP**



**Figura 2 – Actas da Congregação da Escola Normal e
Gymnasio Paranaense ano de 1896 – Acervo CMCEP**



Com relação à leitura destes documentos, Bacellar (2005) comenta que “As primeiras tentativas de leitura de um documento de arquivo deixarão claro que o pesquisador precisa se moldar a uma ortografia e a uma gramática diferenciadas” (2005, p. 55). Para o pesquisador, encontrar uma boa caligrafia nos nossos documentos é uma questão de sorte – como é o caso dos materiais do Colégio estadual do Paraná, que não exigem um grande esforço para a leitura.

Sei que a educação pública não foi sempre acessível como observamos hoje. E é novamente nas páginas de registro dos colégios que percebo como ela funcionou no passado. Via de regra, encontrarei nos registros muitos nomes de ruas de Curitiba como pertencentes a alunos matriculados na instituição.

O Colégio Estadual do Paraná é em si um registro histórico de diversas épocas, mas principalmente de como a educação no Paraná foi, aos poucos, se transformando, deixando seu caráter elitista – pelo menos, em teoria – e ganhando mais espaço. E com o trabalho nessas milhares de páginas, muito ainda existe para se descobrir com relação às Histórias e Memórias Sobre Educação no arquivo do Colégio Estadual do Paraná.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Não proponho aqui uma conclusão, porque este não é um trabalho finalizado. De fato, está ainda muito longe de o ser e, acredito que, assim como a História, o trabalho com fontes documentais será sempre passível de novas interpretações. Contudo, algumas palavras finais são importantes para arrematarmos os conceitos que foram trabalhados ao longo do capítulo.

A História muda, é reinterpretada e faz uso de novas fontes que antes eram deixadas de lado. A metodologia da História oral é uma delas, ponto crucial para entendermos como trabalhar com esse registro das experiências que os professores carregam na memória. Memória, outro conceito que deve ser cuidadosamente utilizado, uma vez que ela se adapta ao contexto do presente.

Mas os arquivos ainda estão lá. Há séculos eles estão lá e são de grande importância para os historiadores, principalmente quando estes buscam documentos oficiais. É do ofício do historiador ir aos arquivos e fazer com que aqueles documentos que lá estão silenciosos falem de si, ainda que nem sempre suas palavras sejam aquelas que o pesquisador planejou ouvir.

Em um curso de graduação de História, tenho as noções de todas essas coisas, no entanto, como busquei neste texto, devo enfatizar a importância da experiência deste ofício, conforme foi aqui demonstrado. É a teoria na prática.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas*. 2ª ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas*. 2ª ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução LEITÃO, Bernardo... (et all). 7ª edição revisada, Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. 15ª impressão, Nova Iorque: Cambridge University Press, 2011.

A ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO: O ACERVO DO SETOR DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ¹

Samanta Gomes de Souza²
Graduada em Pedagogia pela
Universidade Federal do Paraná,
e-mail: samantags@yahoo.com.br.
Foi bolsista de Extensão do Projeto.

Rayza Adriely Ferreira³
Graduada em Pedagogia pela
Universidade Federal do Paraná,
e-mail: rayzadriely@yahoo.com.br.
Foi bolsista de Extensão do Projeto.

O presente relato apresenta uma das atividades desenvolvidas no projeto de extensão *Histórias e memórias sobre educação*, realizado na Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Levando-se em conta a necessidade de organizar e preservar diferentes fontes históricas, constituindo acervos para

1 Texto originalmente publicado em Gonçalves (2016).

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, e-mail: samantags@yahoo.com.br. Foi bolsista de Extensão do Projeto.

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, e-mail: rayzadriely@yahoo.com.br. Foi bolsista de Extensão do Projeto.

a pesquisa na área de História da Educação, o projeto apresenta diversas ações que contribuem para a realização deste objetivo amplo de preservação de documentos.

Considerando o contexto específico do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, uma das medidas que pode ser entendida como fundamental de acordo com a intencionalidade do projeto em questão, é a organização do arquivo histórico do Setor. As condições materiais do arquivo demonstram as concepções sobre sua função para a universidade, revelando a urgência de ressignificar a visão de toda a comunidade a respeito das possibilidades deste espaço. Portanto, a preservação dos documentos produzidos pelo Setor de Educação como fontes para o estudo de sua própria história, bem como peças fundamentais para a História da Educação de modo geral, consolidou-se como uma das atividades iniciadas pelo projeto de extensão Histórias e memórias sobre educação. Esta iniciativa vem ao encontro do que propõe Ragazzini (2001), na defesa de que sem uma efetiva prática de cuidados com a documentação, não há avanços nas possibilidades de pesquisa em História da Educação:

[...] é de grande importância o desenvolvimento de uma consciência e de uma prática documentária de individualização, catalogação e conservação dos documentos. As novas identidades da História da Educação foram muito discutidas, assim como as possibilidades de uma aproximação inovadora com a história da escola, contudo, enquanto permanecemos sem uma prática de documentação adequada, permaneceremos no âmbito das discussões acadêmicas ou do pioneirismo. Uma historiografia mais sofisticada requer uma inovação no uso das fontes e isto não será possível sem uma **nova prática de pesquisa, uma nova prática arquivista e uma nova sensibilidade documentária**. (RAGAZZINI, 2001, p. 26, **grifo nosso**).

Deste modo, várias medidas foram planejadas e desenvolvidas com o objetivo de estabelecer-se nova configuração ao arquivo histórico do Setor de Educação, não só no sentido material, mas também no tocante ao entendimento da comunidade universitária a respeito de seu significado.

ADENTRANDO A TÍMIDA PORTA Nº 101...

O arquivo histórico do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná está localizado em uma sala ao lado de um dos anfiteatros da universidade, mais precisamente no prédio D. Pedro I. Esse anfiteatro é frequentado por muitos alunos, professores e por pessoas da comunidade em geral. No entanto, o fato de sua entrada estar localizada em uma área de circulação privilegiada não impede que este espaço passe despercebido por muitos, que sequer imaginam a riqueza de documentos, fontes e informações que ele contém, que contam a história não só do Setor da Educação, mas também que fazem parte da História da Educação do Estado do Paraná.

Assim, podemos concordar com Mogarro (2005) quando afirma sobre a importância de um local específico e adequado do arquivo nas instituições escolares e da conservação de seus documentos. O arquivo é responsável pela preservação da memória escolar e também por contar parte da história dos envolvidos nela, possibilitando que através de seu acervo não se perca a memória e a identidade da instituição, mesmo com o passar do tempo:

A importância do lugar do arquivo na instituição escolar tem acompanhado a afirmação desta instituição como um microcosmos com formas e modos específicos de organização e funcionamento. As escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente, apresentam uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola (MOGARRO, 2005, p. 79).

Tendo nossos primeiros contatos com o arquivo, percebemos a distância entre esta concepção de valorização histórica de documentos produzidos no cotidiano da Universidade Federal do Paraná e o seu significado para a comunidade acadêmica, uma vez que a maior parte das pessoas desconhecia, até então, sua existência.

Entre muitos professores e funcionários da Universidade, sujeitos para os quais a existência do arquivo não era totalmente uma novidade, a concepção vigente era a de “arquivo morto”, termo constantemente empregado e impregnado do que visualmente poderia ser notado por quem acessasse o espaço: um local para abrigar o que não será mais utilizado, mas que não pode ser descartado, devido a toda legislação que “protege” a documentação. Deste modo, confundem-se as funções de arquivo e depósito na rotina de alocar no arquivo tudo o que “já incomoda” nos demais espaços, mas precisa ser mantido na Universidade, mesmo que não se tenha clareza das razões de ser assim.

O adjetivo “morto” carrega uma ideia até mesmo pejorativa, quando contraposto ao entendimento histórico que nosso projeto vislumbrava introduzir por meio da organização do arquivo histórico do Setor de Educação. Assim, orientando nossas ações havia o desejo de transformação desta visão do arquivo de local de guarda ou descarte, simplesmente, para local de acolhimento dos materiais que podem preservar nossa memória, contar a história da qual fazíamos parte como discentes, e ser fonte para pesquisa. Em corriqueiras situações ao longo do desenvolvimento do projeto esteve presente a nossa percepção da concepção de arquivo enquanto depósito: a escuta regular do termo “arquivo morto”, a presença já existente de objetos sem a finalidade de documentação, a intenção de guardar mais materiais que não são adequados, as declarações de que não há a possibilidade de outra forma de organização do arquivo, o sentimento de “alívio” ao deixar documentos no local, enfim, demonstrações de aquele é um espaço para apenas guardar o que é indesejado, o que não tem utilidade, como um “quartinho de despejo” em nossas residências. Neste sentido, Gonçalves (2012) aponta a relação entre a concepção de “arquivo morto” e o tratamento geralmente dado aos documentos produzidos em contextos escolares:

Toda escola tem um “arquivo morto”. Essa designação já indica os cuidados e a atenção que normalmente lhe são prestados e o sentido que lhe é dado na instituição. Relegados ao esquecimento, aqueles documentos encaixotados, empoeirados, por vezes deteriorados, são evitados ao máximo por todos (GONÇALVES, 2012, p. 11).

De acordo com esta postura de apenas utilizar-se o arquivo como depósito de documentos, a forma de organização dos materiais ali encontrados era, até então, bastante precária. Havia muitas caixas sem identificação de seu conteúdo, com informações insuficientes ou que deixavam dúvidas sobre a procedência e as condições de produção da documentação. Havia também inúmeras pastas denominadas “para arquivo”, mas que não sendo alocadas em caixas, deixavam bem vulneráveis os documentos, expostos à ação da poeira e até mesmo insetos. Por fim, encontramos também inúmeros livros muito antigos, de registros diversos, principalmente atas, sem proteção alguma.

A disposição deste material na área do arquivo demonstra uma organização inicial em prateleiras de madeira, projetadas especificamente para aquele fim. É possível perceber numerações nas caixas de acordo com as suas procedências, e as posições nas estantes seguem a numeração. No entanto, “ao redor” das estantes, nos cantos, sobre e embaixo de uma mesa no centro da sala, sobre cadeiras, empilhadas, enfim, viam-se inúmeras caixas que traziam à tona o quanto a organização fugiu do controle inicial. Estas caixas não dispunham de uma numeração, e eram as que menos informavam sobre seu conteúdo. Mergulhadas neste cenário, ao iniciarmos nosso contato com o arquivo, envolvidas pela urgência de cuidados que pairava no ar, intensificada pelo valor histórico daqueles materiais, na rotina de nossa atuação nos encontramos, muitas vezes, tentando reconstruir a trajetória das pessoas que cuidaram deste espaço, imaginando o trabalho realizado, e como a organização “escapou” das mãos da Universidade. Assim, percebemos que a própria história do arquivo poderia constituir-se um tema para pesquisa.

Deste modo, por meio de nossa participação no projeto *Histórias e memórias sobre educação*, pudemos iniciar uma experiência de tentativa de organização deste espaço, com iniciativas ainda “tímidas”, muitas dúvidas e demandas, mas com forte intenção de que nossas ações possam efetivamente traduzir a importância dos documentos do Setor de Educação, que é reconhecida pelos professores que idealizaram o projeto e pelos alunos envolvidos. Alguns dos ganhos desta iniciativa são descritos por Gonçalves (2012):

O arquivo “morto” deixa então de ser relegado ao esquecimento, assume o status de arquivo “histórico escolar” e pode contribuir para o desenvolvimento de reflexões sobre o passado da instituição, da comunidade, das pessoas que passaram pela escola, das práticas que ali se desenvolveram, das relações estabelecidas com o entorno, ou mesmo para a reflexão acerca de temas históricos mais amplos, que extrapolam o âmbito escolar (GONÇALVES, 2012, p. 12).

Nossa reponsabilidade torna-se ainda maior diante do fato de esta não ser a primeira iniciativa de um projeto de extensão no sentido de cuidar-se do arquivo. Outras tentativas já ocorreram anteriormente, mas não tiveram a duração necessária para que houvesse resultados significativos. Portanto, pretendemos utilizar estas atividades como referências em nossas ações, desejando que o projeto deixe marcas relevantes na história do arquivo histórico do Setor de Educação.

O TRABALHO NO ARQUIVO: DAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES À FAMILIARIDADE COM OS DOCUMENTOS

O projeto *Histórias e memórias sobre educação* teve início entre os meses de maio e junho de 2014. As atividades específicas no arquivo histórico foram iniciadas com a participação de três das quatro alunas contempladas como bolsistas, sendo que a quarta participante envolveu-se com a tarefa de digitalização. Com o andamento do projeto, algumas voluntárias, também alunas da graduação, passaram a contribuir, com carga horária menor do que a das bolsistas, mas colaborando bastante para a realização das atividades.

Deparamo-nos com um acervo enorme de documentos contidos em centenas de caixas, pastas fichários e livros. A primeira impressão que tivemos foi a de que seria um trabalho que levaria anos, devido ao cuidado, atenção necessária e a falta de pessoas para trabalhar no projeto. Os documentos necessitavam de uma higienização, seleção e organização adequada.

Diante deste cenário, nos envolvemos por certa ansiedade, no sentido de tentarmos dar conta de uma demanda por cuidados acumu-

lada há anos. A partir do contato com os documentos e de um crescente conhecimento sobre as peculiaridades dos cuidados necessários para o trabalho, fomos percebendo a necessidade de um prazo bem mais longo do que aquele que desejávamos.

Um dos desafios para a realização do trabalho é o fato de ainda não haver uma sala própria para fazer a higienização dos documentos. Trabalhávamos em uma sala de aula ao lado do arquivo, somente quando essa sala não estava sendo usada por alguma turma, ou trabalhávamos em algumas mesas no corredor da universidade. Inicialmente, interpretávamos este fato como um pouco incômodo, pois era a passagem de muitas pessoas ao longo do dia, muitas delas pedindo informações. Além disso, nos sentíamos ainda “tímidas” durante o desenvolvimento das atividades, uma vez que estas chamavam a atenção do público por ser algo “inusitado” na rotina universitária. Porém, gradativamente, percebemos que a curiosidade e interesse nas pessoas em querer saber o que estávamos fazendo eram positivos para a ampliação do conhecimento da própria comunidade universitária a respeito da valorização de seus documentos. Em vários sentidos estávamos ganhando visibilidade: literalmente, chamando a atenção do olhar atento de quem passava por nós, e contribuindo para a descoberta das possibilidades a partir da nova organização dos documentos. Eram comuns comentários em relação à própria existência daquele espaço, desconhecido por muitos o que havia por trás da discreta porta, sobre como consideram importante o que estávamos realizando, e revelando dúvidas a respeito dos objetivos do trabalho.

Ainda nesta fase inicial, havia entre nós também certo desconforto devido aos materiais necessários para as atividades. Por tratarmos-se de documentos antigos, trabalhávamos com equipamentos apropriados como óculos de proteção, jaleco, luva descartável, máscara e touca, para evitar contato com ácaros e outros tipos de contaminações prejudiciais a nossa saúde. Estes equipamentos aumentavam a curiosidade de quem transitava pelo local onde trabalhávamos.

O trabalho de higienização inicia-se pela seleção prévia das caixas do arquivo contendo os documentos a serem higienizados. Nesta tarefa há o auxílio constante das professoras coordenadoras do projeto,

pois é necessário o conhecimento sobre a forma pela qual organizaram-se as caixas, além de certa familiaridade com o contexto de sua produção, para maior entendimento de seu conteúdo, ou seja, era indispensável o conhecimento para além do nosso, de acadêmicas da graduação, que não alcança o significado da maior parte dos documentos. Portanto, sentimos inúmeras vezes que o simples contato com os documentos ampliava nossa compreensão a respeito da complexidade do funcionamento da Universidade. Neste momento, caixas sem identificação e documentos não acondicionados em caixas se constituíram um desafio, já que exigem maior tempo para a compreensão de seu conteúdo.

Em seguida, começamos a retiradas de grampos e clips enferrujados, envelopes e plásticos empoeirados e deteriorados, para a higienização do documento com o uso do pincel ou escova própria para este fim. A respeito da higienização de documentos Zaia (2006) destaca o cuidado que se deve tomar para a realização dessa higienização dos documentos:

Todo documento em suporte de papel deverá ser higienizado na frente e no verso (com a exceção das fotografias), tomando-se o cuidado de privilegiar uma única direção. As pessoas que estiverem trabalhando no mesmo ambiente devem tomar distância uma das outras ou sentar-se em pequenas mesas individuais. Esse cuidado é necessário para evitar que a sujeira extraída de um documento seja transferida a outro (ZAIA, 2006, p. 64 e 65).

Após a realização de todos esses cuidados com a higienização, verificamos a duplicidade de documentos, descartando cópias, e organizamos por assunto, colocando em envelopes e caixas novas. Geralmente, seguimos a classificação por envelopes que havia na caixa original, apenas substituindo-os, porém, às vezes não há uma clara organização, sendo necessária nossa interpretação sobre o conteúdo.

Registram-se em planilhas a data da execução da tarefa, número e descrição original da caixa (quando há), documentos efetivamente encontrados naquela determinada caixa, observações necessárias, e bolsista ou voluntário responsável pela caixa. Após a realização destes procedimentos a caixa é encaminhada para outra sala, onde ficam os documen-

tos já higienizados e devidamente ordenados em sequência, a nova caixa recebe também uma nova numeração, que por sua vez, é registrado em planilha conforme exemplificado na Figura 1.

Dessa maneira, com os documentos higienizados adequadamente, organizados em caixas limpas e registrados em planilha ficará mais prático e acessível a busca por determinado documento para futuras pesquisas.

Figura 1 – Planilha utilizada para inventário do acervo documental do Setor de Educação

Data	Nº CDPHE	Descrição original	Documentos (tipo), período	Responsável
27/07	27	Mestrado 01 - Matrículas 95 - Frequência 95 - Cadastro de dissertação - Relação de bolsistas - Editais: 1995, 1996, 1997 e 1998	- Dissertações 1995 (resumo) - Solicitações de oferta de disciplinas - Relação de alunos matriculados - Registro de frequências - Cadastro de dissertações - Editais de defesa de teses 1995, 1996, 1997 e 1998 - Certificação de histórico escolar - Ofícios, comunicados, relações, convocações - Declarações e documentos dos alunos - Relação de bolsistas e valores de bolsas - Ofícios e comunicados referentes ao programa de bolsas - Financiamento de pesquisa educacional INEP - Ofícios de solicitação (recebidos) - Horário 2º semestre 1988 (mestrado FEUSP) - Solicitações de transferência 1995	Rayza

Corroborando nosso entendimento de que a preocupação da Universidade com seus documentos ainda é uma aprendizagem para toda a comunidade acadêmica, fomos surpreendidas com a existência de materiais fora do espaço do arquivo. As professoras coordenadoras do projeto foram informadas que nos almoxarifados de dois andares do prédio D. Pedro I, junto a materiais de limpeza, havia muitas caixas similares às caixas que estávamos higienizando no arquivo, caixas essas com documentos diversos, pastas, materiais usados nas aulas, mapas, fotografias e outros. Algumas dessas caixas estavam bem úmidas, deterioradas com o tempo e com as precárias condições em que se encontravam. A maioria dessas caixas não tinha descrição nenhuma e a quantidade de documentos era

bem significativa. Inicialmente, o que fizemos em caráter emergencial, foi a retirada destas caixas daquele espaço, transportando-as para o arquivo, para posteriormente fazermos seleção, organização e higienização. Como a maioria dessas caixas não tinha descrição, foram identificadas pelo andar onde encontravam-se, para facilitar assim o trabalho futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do projeto de extensão: *Histórias e Memórias sobre Educação* da Universidade Federal do Paraná, já se passaram mais de dois anos. Já nos formamos e atualmente outras bolsistas realizam as atividades no arquivo histórico. Ainda há muitas caixas para serem higienizadas e organizadas em local apropriado, mas ao olharmos para trás e refletirmos sobre o início do projeto, quando parecia que não daríamos conta, que levaria anos para terminar, devido a atividade exigir um trabalho dedicado, minucioso e contínuo. Tivemos uma grande surpresa, ao perceber que até aqui foi possível realizar grandes conquistas para o arquivo histórico do Setor de Educação, como, ampliação do número de bolsistas, voluntários e mais recentemente poder contar com uma estagiária. Possibilitando assim, que alcançássemos a marca de mais de 500 caixas higienizadas e organizadas em espaço apropriado. O arquivo histórico tornou-se conhecido e cada vez mais valorizado na comunidade acadêmica. Em breve, seu acervo estará disponível para futuras pesquisas.

Com a participação de cada bolsista e voluntário neste projeto de extensão, pudemos contribuir com a sociedade através da organização e disponibilização deste acervo. Oportunizando assim, através das nossas práticas, a ampliação dos nossos conhecimentos, para uma mudança de concepção e de olhar sobre documentos históricos e sua relevância para a história do setor e de todos os seus envolvidos.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Nadia G. Documentos de arquivos históricos escolares: possibilidades para o ensino de História. In: MOLINA, Ana H. e outros (orgs). *Ensino de História e Educação: olhares convergentes*. Ponta Grossa: Ed.UEPG, 2012, p. 11-36.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 5, n. 2 [10], p. 75-99, (2005). Disponível em <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/169/177>>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar em Revista*. Curitiba, Editora da UFPR, n.18, 2001, p. 13-28.

ZAIA, Iomar Barbosa. *O acervo escola: O manual de organização e cuidados básicos*. São Paulo, FEUSP, 2006.

**HORIZONTES E EXPERIÊNCIAS
PROVENIENTES DA AÇÃO
NO PROJETO DE EXTENSÃO
“HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
SOBRE EDUCAÇÃO” NO ARQUIVO
PERMANENTE DO SETOR DE
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ¹**

Monalisa Mota

Em 2016, era discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná; Bolsista de Extensão no projeto “Histórias e Memórias sobre Educação”.

Os primeiros passos no trajeto de descobertas tiveram início com o ingresso como bolsista no projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, se apresentou como a possibilidade de atuação no campo da pesquisa documental de um modo articulador à reflexão sobre a História da Educação. No que tange a memória do Setor de Educação da Universidade Federal, e o espaço destinado a compreender todo o repertório histórico e documental dos sujeitos, ações e contingências que teceram o percurso de construção, formação e desenvolvimento do mesmo, a pesquisa exerce seu papel como eixo de ensino e

1 Texto originalmente publicado em Gonçalves (2016).

fomenta a possibilidade de reflexões acerca do horizonte de registros documentais do arquivo permanente – um dos mais importantes espaços de atuação do projeto de extensão.

Integrar-se nas atividades de extensão, especificamente no arquivo permanente, incitou conhecer algumas noções de arquivologia, como o que se refere ao ciclo de vida dos documentos, bem como a diferenciação entre documentos administrativos e institucionais, noções estas que otimizam o trabalho após a higienização dos documentos, e posteriormente sua ordenação e arquivamento. Entender a importância das informações alocadas no arquivo permanente, e organizá-las de um modo que garanta ao público o acesso a estas informações, no cumprimento da Lei nº 12.527/2011, que regulamenta o acesso a informação a toda a qualquer pessoa, garantindo o recebimento de informações das entidades e órgãos públicos. Entende-se que medidas como a Lei de acesso à informação, não só garantem que a sociedade em geral passe a ter acesso aos mais variados tipos de informação, mas também referem-se à contribuição que tal garantia dê a quem necessite de acesso à dados, referências na elaboração de pesquisa científica e acadêmica. A organização desses documentos, o zelo em preservá-los como parte do patrimônio da Universidade de modo a ser utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos é o compromisso que rege o trabalho dos bolsistas que fazem parte da sistematização dos elementos localizados no arquivo permanente.

Um fato importante assimilado durante a higienização e sistematização dos documentos do arquivo do setor, diz respeito a transformação sofrida pelo arquivo, a qual acompanha as constantes mudanças temporais que a comunidade acadêmica vive ao longo dos anos. Desde os registros mais antigos, realizados pelos professores catedráticos da década de 1930, onde compilavam dados de suas aulas, conteúdos programáticos e frequência dos estudantes até ao modelo informatizado adotado pela Universidade nos dias atuais, vê-se o que Rodrigues disserta como a múltipla definição do termo arquivo, quando aponta que:

Ao longo da história, a conceituação de arquivo mudou em conformidade com as mudanças políticas e culturais que as sociedades ocidentais viveram; os arquivos são um reflexo da sociedade que o

produz [sic] e o modo como interpretá-lo [sic] também acompanha as mudanças que ocorrem (RODRIGUES, 2006, p. 104).

Tais informações contidas neste espaço de memória da instituição, e mais especificamente do Setor de Educação, permitem uma reflexão sobre a grande semelhança que ainda se faz presente no currículo do curso de Pedagogia, mesmo ao longo dos anos o curso tendo sofrido reformas, mudanças de habilitação e de corpo docente, os tradicionais traços das disciplinas como Didática, Fundamentos da Educação, e outras disciplinas estão intimamente ligados pela história curricular na graduação da formação de professores. Com o acesso aos livros de registros dos primeiros docentes do setor, nota-se a preocupação que cada professor tinha em pormenorizar os registros do que ensinava diariamente, e as fichas pormenorizadas dos alunos matriculados em cada cadeira. Rodrigues (2006, p. 107) aponta esta característica como que podemos adjetivar com as *características intrínsecas* do próprio arquivo, no que se refere a singularidade das informações contidas ali.

A rigorosidade na preservação dos elementos que compõem o arquivo é um fator que constitui a rotina de higienização e organização das informações. Inicialmente, os documentos com o qual tínhamos contato, possuíam muitas vezes apenas a ordem cronológica, ou em algumas pastas, apresentavam apenas ordem de assunto, sem especificação de qual departamento ou pessoa eram destinados ou pertenciam, por exemplo. Ao longo da abertura das caixas e pastas que armazenavam tais informações, surgiu a necessidade de pormenorizar cada uma delas por temas ou observações pertinentes que possam facilitar uma busca posterior. Camargo (2003, apud RODRIGUES, 2006, p. 110) descreve este modo de arquivar informações como uma ameaça à conservação interrelacional dos mesmos:

Se os documentos estão providos de autonomia, isto é, retiram sua autenticidade das relações que mantém as demais unidades que interagem o conjunto, dentro do princípio de consignaçoão que o rege, qualquer intervenção no sentido de romper seu equilíbrio originário acaba por ‘implodir’ próprio arquivo.

Entender a interdependência dos elementos que compõem o arquivo além de otimizar o serviço de busca, pretende mantê-los de maneira que não se perca integridade de sua estrutura; este é um dos maiores desafios no processo que compreende o trabalho com fundos documentais – descrever as informações sinteticamente, de modo que seja possível nominar uma determinada informação, transformando-a em um instrumento de pesquisa. Esta ação, que diz respeito também a definição da informação a ser preservada em espaço arquivístico é uma ação intelectual, visto que os sujeitos responsáveis pelas ações de preservação do espaço do arquivo permanente, atuam no processo descritivo de transição textual na definição dos documentos, como defendem Roncaglio, Szvarça e Bojanoski (2004, p. 2) no que tange a definição dos elementos de informação que compõem um arquivo:

Os documentos considerados documentos de arquivo, embora possam variar na forma como se apresentam, ou tecnicamente falando, no suporte em que a informação será registrada, apresentam algumas características que os diferem de outros documentos que podem conter informações de valor científico, histórico e cultural (...) é importante ressaltar a questão da organicidade dos documentos de arquivos porque isto significa que um documento não tem importância em si mesmo (embora possa conter informações valiosas), mas no conjunto de documentos do qual faz parte e que ajuda a explicar, demonstrar, comprovar, enfim, dar a conhecer a realidade que se busca compreender seja ela a vida de uma pessoa, as atividades de uma empresa pública ou privada.

A demanda de informações que compõem o arquivo permanente é abastecida pelos departamentos e outras unidades do Setor de Educação da UFPR. Muitos dos dados recebidos em pastas e caixas de arquivo são documentos como comprovantes, históricos escolares, fichas de matrícula, atas de reuniões, entre outros documentos que constituem uma massiva seleção de importantes informações a serem mantidas no arquivo, de acordo com a classificação de posicionamento dos dados organizados. Além dos documentos que possuem valor histórico, os documentos com informações acerca de processos administrativos, ofícios entre outros, são elementos que necessitam ser preservados, e como encontram-se em vasta produção,

constantemente apresentam o desafio na organização e busca dos mesmos, reiterando a necessidade de descreve-los de modo pormenorizado no momento de sua higienização. Por algumas vezes, houve a necessidade de encontrar alguns documentos de caráter processual, e mesmo com o uso da consulta por descrição nominal das caixas que foram armazenadas, encontrou-se muita dificuldade em sua localização.

Atualmente, um dos grandes desafios do trabalho organizacional no arquivo permanente está justamente na organização da demanda dos documentos de primeiro e segundo ciclo, que de acordo com Roncaglio, Szvarça e Bojanoski (2004) dizem respeito respectivamente aos documentos com valor administrativo e probatório e/ou legal dos mesmos, pois a demanda de produção dos departamentos dos documentos pertencentes a estes ciclos são predominantemente maiores que os documentos já no ciclo permanente.

Um fator determinante que compõe o desafio da preservação dos documentos históricos e do trabalho no arquivo permanente, diz respeito à estrutura e o espaço destinado para as atividades e o armazenamento no campus onde está localizado o setor de Educação – ter um espaço amplo e seguro para o armazenamento dos documentos já higienizados e organizados, e materiais como caixas, estantes e pastas que garantam a preservação dos documentos é vital pra o bom funcionamento do trabalho coletivo no arquivo permanente. Além disso, as chamadas rotinas de manuseio, como transporte, e a qualidade dos produtos utilizados no momento da higienização dos documentos são fatores que não passam despercebidos no momento de trabalho dos colaboradores envolvidos no projeto, Como orientam Roncaglio, Szvarça e Bojanoski (2004, p. 10-11) estar atento a detalhes que reduzam o risco de perda de qualidade material dos documentos é uma das ações que compõem a gestão das informações arquivísticas.

Neste sentido é recomendável investir prioritariamente, independente da etapa de vida do ciclo em que o documento se encontra, em segurança (redução de riscos de acidentes como, por exemplo, incêndio e alagamento, prevenção de vandalismo ou roubos) e em melhorias das condições ambientais dos locais de guarda (redu-

ção dos índices de temperatura e umidade, da incidência da luz natural ou artificial, da presença de poluentes, e ainda, realizar o controle de infestação de pragas tais como insetos, fungos e roedores). (...) É recomendável ter sempre em mente que se as condições ideais são difíceis de serem alcançadas, deve-se, com os meios disponíveis fazer o possível para melhorar a situação existente e reduzir os fatores de risco.

A preocupação na acomodação dos documentos que já estão higienizados, demanda alguns cuidados específicos que envolvem, por exemplo, a logística entre a sala de arquivo e o espaço onde são acomodadas as caixas e envelopes de documentos e a atenção na organização por sequência numérica destes documentos. Uma vez que numerados, estes documentos são mais facilmente encontrados caso seja necessário consultá-los posteriormente. A atenção dedicada à acomodação dos livros e documentos mais antigos do Setor de Educação em um espaço que os mesmos possam estar livres de riscos de exposição à deterioração tem feito com que seja discutida a possibilidade de remoção destes documentos ao novo campus do Setor de Educação, como um considerável ganho do projeto de extensão, visto que investir neste novo espaço destinado à função do arquivo permanente, nos apresenta um horizonte à continuidade do projeto de extensão, para os próximos anos, fomentando a possibilidade de muitos estudantes participarem das ações educativas no espaço do arquivo permanente viabilizando a pesquisa e o acesso à informação provenientes das ações do projeto Memórias e Histórias sobre Educação.

Compõem ainda o valor histórico do acervo proveniente do Setor de Educação, dezenas de registros ricos em informações a serem preservadas, nomeadas pelos icônicos docentes tais como Homero de Barros e Anísio Teixeira, das primeiras turmas dos cursos ofertados pelo Setor de Educação nas primeiras décadas do século XX. Com seus diários de classe e registros de aulas, repletos de informações sobre o que se ensinava na época, muito se pode refletir sobre o currículo dos cursos, suas constantes transformações e raízes metodológicas que são mantidas até os dias de hoje.

A preservação da memória do Setor de Educação também está em uma das outras vertentes do projeto de extensão, que consiste em buscar

nas vivências de antigos funcionários do Setor por meio de entrevistas suas recordações e vivências enquanto docentes e servidores, seus relatos e experiências pessoais, por meio de entrevistas realizadas pelos professores e bolsistas de extensão. Rememorar o trabalho dos sujeitos que ajudaram a construir a história do campus, ouvir o entusiasmo daqueles que por um longo período contribuíram na formação de centenas de alunos é um dos grandes privilégios ao longo da participação no Projeto, juntamente à oportunidade de expor as ações do projeto nos eventos de extensão universitária, por meio de palestras, exposições e eventos de ensino e pesquisa.

Conclui-se que as múltiplas ações do projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, refletem em aprendizagens significativas ao longo da graduação, que resultam em um maior envolvimento na comunidade acadêmica, de maneira a contribuir não somente na formação profissional, mas no constante estímulo em nos fazer refletir sobre os horizontes que a pesquisa documental se abrem mediante às possibilidades às próximas gerações de sujeitos que construirão a história não somente de um dos importantes setores da Universidade, mas da própria Educação, como elemento formador de cidadãos humanos e históricos em um contexto em constantes mudanças e de produção histórica viva nos espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 12.527, DE 18 DE NOVEMBRO DE 2011. *Regula o acesso a informações* previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.html>. Acesso em 14 de jul. 2016.

RODRIGUES, ANA M. L. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v 11, p. 102-117, 2006.

RONCAGLIO, Cynthia; SZVARÇA, Décio Roberto; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Arquivos, gestão de documentos e informação 10.5007/1518-2924.2004v9nesp2p1. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, p. 1-13, jan. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9nesp2p1/5486>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

**O PROJETO DE PESQUISA DO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS
EM HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E
PRÁTICAS EDUCATIVAS (NUHFOPE)
E A PARCERIA COM O PROJETO
DE EXTENSÃO HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO¹**

Liane Maria Bertucci

Doutora em História pela Universidade Estadual
de Campinas (Unicamp).

Professora Associada de História da Educação
no Departamento Teoria e Fundamentos da
Educação e do Programa de Pós- Graduação em
Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).
Coordenadora do Projeto de Pesquisa Fontes para
a História da Formação e das Práticas Educati-
vas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR.

Leziany Silveira Daniel

Doutora em Educação pela
Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Professora Adjunta do Departamento
de Teoria e Prática de Ensino da UFPR.
Vice-coordenadora do Projeto de Pesquisa Fontes
para a História da Formação e das Práticas
Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR.

¹ Texto originalmente publicado em Gonçalves (2016).

PREÂMBULO

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e das Práticas Educativas (NUHFOPE) foi organizado em 2014 no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, registrado na instituição, o Núcleo é certificado pela UFPR e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O NUHFOPE apresenta como principal objetivo analisar diferentes processos educativos e formativos na escola, em saúde, nas artes e no trabalho, a partir de dois eixos: o referencial teórico-metodológico da História e a temática educacional dentro e fora do universo escolar. O Núcleo é constituído por pesquisados, doutores e mestres, e estudantes; as professoras doutoras Liane Maria Bertucci e Nadia Gaiofatto Gonçalves são, respectivamente, coordenadora e vice-coordenadora do NUHFOPE². Os temas privilegiados nos estudos e pesquisas do Núcleo são: políticas educacionais, disciplinas escolares, currículo, formação e práticas de professores e profissionais de saúde, educação para o trabalho e para a saúde (dentro e fora da escola), cultura escolar.

Em 2015, como parte das atividades empreendidas pelo NUHFOPE foi elaborado pelos integrantes do Núcleo o Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR. A afinidade da temática deste Projeto de Pesquisa com as atividades do Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação (Setor de Educação – UFPR), que tem entre suas metas a preservação de acervos e fontes relacionados à História da Educação, em

2 Em meados de 2016, são os seguintes os integrantes do NUHFOPE: As professoras mestre Cristian Carla A. Volski Cassi (UFPR), doutora Dulce Dirclair Hulf Bais (UFPR), doutora Leziany Silveira Daniel (UFPR), doutora Liane Maria Bertucci (UFPR), doutora Márcia Marlene Stentzler (Unespar), doutora Nadia Gaiofatto Gonçalves (UFPR), doutora Samara Mendes Araújo Silva (UFPR) e doutora Valquíria Elita Renk (PUC-PR). As doutorandas Daniela Pedroso, Iriana Nunes Vezzani, Júlia Vieira Tocchetto de Oliveira, Silvete Aparecida Crippa de Araújo e Silvia de Ross. As mestres Amanda Garcia dos Santos, Carina Silva Vieira, Jacyara Batista Santini, Sibeli Colere e Susan Ferst. O(as) mestrando(as) Edilene Maria Leite dos Santos, Michelle Caroline Bulotas, Tálita Jacy Rasoto e Vitor Bezerra de Menezes Picanço. A acadêmica de Pedagogia Josiane Maria Scharneski.

especial do Paraná (PROJETO, 2014), resultou em uma parceria frutífera entre o Núcleo e o Projeto de Extensão. Firmada em 2015, as ações relacionadas a esta parceria foram evidenciadas a partir do início da execução do Projeto de Pesquisa em janeiro de 2016.

ACERVOS DE BIBLIOTECAS E AS BIBLIOTECAS DA UFPR

A discussão acerca dos acervos para História da Educação tornou-se mais frequente no Brasil nos últimos vinte anos, como um dos desdobramentos dos intensos debates entre historiadores que ocorreram a partir de meados dos anos 1970 e resultaram no aprofundamento das críticas às abordagens marxistas da história (p.ex. THOMPSON, 1981) e nos questionamentos e propostas dos *annalistas* da “terceira geração” sobre novas abordagens, problemas e objetos (LE GOFF; NORA, 1976; LE GOFF, 1990). Conforme Bertucci, “[...] em 1989, em meio aos debates da “virada crítica”, permeados pelas discussões sobre uma história antropológica, a narrativa em história e a micro história, Roger Chartier resumiu com a frase “da história social da cultura a uma história cultural do social” os rumos que muitos historiadores estavam seguindo” (BERTUCCI, 2014, p. 163-164).

Mais de uma década depois desta frase, mesmo considerando as palavras de Peter Burke que lembra como a “grande pergunta social: quem?” é repetidamente feita por historiadores da cultura (BURKE, 2005, p. 148)³, a definição feita por Roger Chartier a respeito de História Cultural continua sugestiva: “uma história dos objetos na sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações, dos dispositivos nas suas variações” (CHARTIER, 1988, p. 45). Definição particularmente instigante para os estudos da história da formação e das práticas educativas, como os do NUHFOPE.

Porém, como alerta Ragazzini (2001, p. 19) para cada temática e problema de pesquisa, há fontes mais ou menos apropriadas. Por

3 Segundo Peter Burke, no século XXI “[...] alguns historiadores colocam a ênfase mais na parcela cultural, enquanto outros, no aspecto social” (BURKE, 2005, p. 147).

exemplo, o debate acerca da importância dos arquivos escolares na área da História da Educação, que acontece desde os anos 1990, motivou o desenvolvimento de projetos de conservação e de levantamento e catalogação de fontes, acervos e arquivos escolares no Brasil. Mas não apenas esses arquivos escolares, muitas vezes inacessíveis aos pesquisadores, por questão de gerenciamento, conservação e infraestrutura (MENEZES, 2005), podem fornecer subsídios para a História da Educação. Dentre os diversos tipos de acervos possíveis para pesquisas em História da Educação, notadamente se considerarmos os temas relacionados à formação e práticas educativas, os das bibliotecas são um campo frutífero para o levantamento de fontes, uma vez que constituem depósitos de produções diversas, em geral impressas. No caso de bibliotecas de uma Universidade, além das finalidades de consulta e fins de ensino, esses espaços são também locais de pesquisa, possibilitando potenciais investigações a partir dos materiais ali selecionados e guardados, muitas vezes viabilizando, total ou parcialmente, a execução de um projeto de pesquisa.

No campo universitário, tais acervos são utilizados preponderantemente por pesquisadores e alunos em formação, que precisam avançar no diálogo entre as demandas das áreas de conhecimento envolvidas, algo que define o papel de relevância da biblioteca universitária, de todas as áreas. Assim, considerando que “uma biblioteca universitária é, em muitos casos uma biblioteca de especialistas: os pesquisadores universitários” (BERTUCCI, 2000, p. 6), elas podem exercer a guarda e preservação de materiais que pela importância, trajetória e até raridade ultrapassam o *status* de simples bibliografia, podendo ser considerados documentos históricos ou fontes sobre a História da Educação. Desta forma, mesmo acervos de bibliotecas, utilizados comumente como referência bibliográfica, pode ter potencial como objeto de pesquisa histórica, compreensão esta assumida pelo grupo de pesquisadores que compõem o NUHFOPE.

No Brasil, as bibliotecas universitárias merecem especial atenção, se considerarmos que a estrutura de pesquisa existente no país foi em grande parte centrada em faculdades desde a virada do século XIX para o XX. Especialmente as bibliotecas de instituições universitárias organizadas na primeira metade dos Novecentos são locais que também podem

ser considerados como guardiões de diversificados documentos, de uma memória coletiva da produção intelectual, portanto são monumentos com o fim de fundar, instituir, criar e construir significados acerca das formas de organização de uma dada coletividade (LE GOFF, 2003).

A Universidade Federal do Paraná (UFPR), instituição que reúne algumas instituições de ensino que remontam a década de 1910, detêm em suas bibliotecas uma coleção/acervo que, mais do que bibliografia, pode ser considerado fonte para diversas questões postas na História da Educação e seu levantamento pode contribuir para a maior utilização e valorização destes materiais por pesquisadores da área (PROJETO, 2016).

O PROJETO DE PESQUISA FONTES PARA A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: LEVANTAMENTO EM BIBLIOTECAS DA UFPR

O objetivo geral do Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR, do NUHFOPE, é localizar nos acervos das Bibliotecas da UFPR material que possa ser fonte para estudos de História da Educação. Esta localização, realizada a partir da busca sistemática nos acervos, é norteada pelas temáticas das duas Linhas de Pesquisa do Núcleo: *Saúde e Trabalhos: Saberes, Formação e Práticas Educativas; *Políticas Educacionais e Práticas Educativas. O trabalho foi dividido em duas etapas, entre 2016 e 2019: 1º - identificação de livros e outros materiais impressos, catalogados em acervos das Bibliotecas da UFPR, que podem ser considerados fontes para a História da Educação nas temáticas delimitadas pelo Núcleo; 2º - elaboração de listagem destes materiais, com informações que auxiliem pesquisadores a identificá-los enquanto fontes.

A elaboração e realização deste projeto fomentou a parceria do NUHFOPE com o Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação, que tem resultado em intercâmbio de técnicas de pesquisa e organização das informações que estão sendo elencadas pelo Projeto de Pesquisa durante o levantamento realizado nas Bibliotecas da UFPR; etapa

que deve ser concluída em 2017. A parceria continuará durante a segunda etapa do Projeto de Pesquisa, que prevê a listagem dos materiais selecionados. A realização de reuniões conjuntas dos integrantes do Núcleo e do Projeto de Extensão para discussão dos dados coletados e os possíveis desdobramentos dos dois Projetos estão previstas.

Para a realização do Projeto de Pesquisa de levantamento nos acervos das Bibliotecas da UFPR e classificação do material selecionado nestas Bibliotecas, são efetuadas buscas *on-line* por Biblioteca e por ordem cronológica. Para a realização deste trabalho os integrantes do NUHFOPE foram divididos entre dois subgrupos: o G1 realiza buscas de 1701 a 1950 e o G2 de 1951 a 1980.

O recorte temporal foi delimitado considerando como principal referência os temas e períodos pesquisados pelos integrantes do NUHFOPE, sendo o ano de 1701 o inicial, por ser dos Setecentos as mais antigas obras encontradas nas Bibliotecas da UFPR relacionadas com as temáticas do grupo (como a de Fenelon, *Education des filles: fables* de 1700? e a de Lemery, *Dictionnaire ou traité universel des drogues simples* de 1716⁴). O ano de 1980 é o marco final, assumido como demarcador possível para a implantação e impactos das reformas educacionais derivadas do período da ditadura civil-militar no Brasil.

Para efetivar essas buscas foram definidas palavras-chave, a partir de terminologias mais gerais até as mais específicas, com o objetivo inicial de mapear uma maior amplitude de materiais, para posterior refinamento da listagem nas discussões do NUHFOPE, a partir das suas Linhas de Pesquisa. Algumas palavras-chave são específicas para o subgrupo G1, mas a grande maioria delas será consultada em todos os períodos, mesmo quando sejam mais comuns em algumas décadas específicas, como indica o quadro 1.

4 Nas Bibliotecas da UFPR, o número de obras anteriores a primeira metade do século XIX é, em geral, pequeno; quanto às obras relacionadas com as temáticas dos pesquisadores do NUHFOPE o número é ainda menor, entre elas estão: FENELON, F. *Education des filles: fables*. Paris: E. Flamarion, 1700? – Obras Raras, Biblioteca de Humanas. LEMERY, N. *Dictionnaire ou traité universel des drogues simples*. Rotterdam: [s.n.], 1716 – Obras Raras, Biblioteca de Biológicas.

Para a busca inicial no *site* do Sistema de Bibliotecas da UFPR são utilizados os seguintes parâmetros: Busca combinada – palavra-chave inserida nos campos: Todos os Campos, Título e Assunto; com delimitação temporal inicial e final, informando o período também em Edição. Fazer a opção por: qualquer biblioteca; qualquer material; qualquer idioma. Um material assim localizado e selecionado no acervo tem seus dados, inclusive os de localização no acervo, copiados e colados em uma Planilha com colunas padronizadas para diferentes itens, entre eles autor, ano de publicação e palavra-chave. A Planilha pode ser reorganizada a partir da informação de cada uma dessas colunas (PROJETO, 2016).

Quadro 1 – Palavras-chave utilizadas na pesquisa do NUHFOPE

Para os dois subgrupos	aluno - arte;educação - arte infantil – desenvolvimento;desenvolvimentismo - desenvolvimento infantil – disciplina – docência – docente – educação - educação artística – educação;economia – educacional – ensino – epidemia - escola - escolinha de arte - escola normal – escolarização – estudante – formação – higiene;higienismo - livre expressão - magistério – normalista – operário - práticas educativas – planejamento - professor - profissão;profissional - profissionalizante – sanitário;sanitarismo - trabalho; trabalhador.
Específicas G1	instrução - estética - eugenia - puericultura - raça - tese.

Para a composição da Planilha, utilizou-se como referência algumas das proposições de Vidal e Zaia (2001), a partir da experiência desenvolvida em arquivos escolares de escolas técnicas do Estado de São Paulo, adaptando-as para a especificidade de acervo de biblioteca e acrescentando elementos considerados relevantes pelos pesquisadores do NUHFOPE, a fim de facilitar futuras pesquisas e a localização do material. Os itens contemplados na Planilha são os seguintes:

- título, copiado e colado do *site* - sem espaços antes do início da digitação do título e sem aspas.

- autor (SOBRENOME, inicial(is) nome(s)), copiado e colado do *site* no item Entrada Principal.

- ano da publicação.
- biblioteca em que o material se encontra, conforme consta no *site*.
- número de chamada, ou seja, localizador na biblioteca, disponível na parte Detalhes da página do título pesquisado.
- referência bibliográfica do material, copiada do modo automático disponível no item Referência no *site*.
- tipo de material, conforme a classificação indicada no *site*.
- palavra-chave (da pesquisa) em que o material apareceu na busca no *site*.

O mesmo material, se localizado na busca no *site* em diversas bibliotecas, será repetido na tabela na primeira etapa da pesquisa, a fim de arrolar distintas edições (PROJETO, 2016).

Na segunda etapa do Projeto será realizada a discussão e avaliação, nos subgrupos, dos casos de dúvida e, se necessário, verificação do material no acervo, do que derivará listagem relativa a cada um dos subgrupos (G1 e G2). As duas listagens serão unificadas e então analisadas e discutidas no NUHFOPE. O produto direto do Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR será a catalogação das fontes identificadas, que serão disponibilizadas junto ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE)⁵, Setor Educação da UFPR, buscando-se assim a maior divulgação de materiais dos acervos das Bibliotecas da UFPR que podem ser fontes para a produção de conhecimento na área da História da Educação.

O desenvolvimento de projetos de pesquisa como este, articulado à natureza extensiva, só é possível, no nosso entendimento, quando articulado por um Grupo de Pesquisa preocupado não só com suas temáticas, mas com o acesso problematizador das fontes. Sem esta articulação, a socialização de dados se torna inócua.

5 Iniciativa da Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR.

Complemento em 2023: O NUHFOPE continua ativo, e neste ano, a equipe está organizando a escrita de um livro, a partir da pesquisa realizada nos acervos de bibliotecas da UFPR.

REFERÊNCIAS

BERTUCCI, Liane Maria. Nas margens, com Natalie Zemon Davis. In: MESQUITA, Ilka Miglio *et al* (orgs.) *Nas dobras de Clio: história social e história da educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, 163-185.

BERTUCCI, Liane Maria. Seleção: aspecto primordial do gerenciamento da biblioteca universitária no século XXI. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. XI, 2000, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: SNBU, 2000, 11p; CD-ROM.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

LE GOFF, Jacques. (dir.) *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, J. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (dir.). *História: novas abordagens. História: novos objetos. História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976. 3 volumes.

MENEZES, Maria C. A constituição do arquivo escolar em lugar de memória e estudo da escola brasileira. In: *Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana. Anais...* Quito, Equador, 2005, 9p. CD-ROM.

PROJETO de Extensão Histórias e memórias sobre Educação. Banpesq UFPR nº 2014014908. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

PROJETO de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR. Banpesq UFPR nº 2016019193. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar em Revista*, Curitiba, nº 18, p. 13-28, 2001.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIDAL, Diana Gonçalves; ZAIA, Iomar Barbosa De arquivo morto a permanente: o arquivo escolar e a construção da cidadania. In: MORAES, Carmen Silvy Vidigal; ALVES, Júlia Falivene. (orgs.) *Contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo: inventário de fontes documentais*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2001?, p. 33-42.

A diagramação/impressão deste material foi financiada com recursos do
Fundo de Desenvolvimento Acadêmico – FDA/UFPR.